

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Fiódor Dostoiévski
Um club da má língua



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Fiódor Dostoiévski

Um club da má língua

Tradução
Manuel de Macedo

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1908.

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski
(1821 – 1881)

“Projeto Livro Livre”

Livro 573



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor russo Fiódor Dostoiévski: “*Um club da má língua*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

UM CLUB

FÉDOR (THEODORO) DOSTOIEVSKY

DA MÁ-LINGUA



TRADUCCÃO

A EDITORA
LARGO DO CONDE BARÃO, 50
= LISBOA =

DE MANUEL DE MACEDO

“BIBLIOTHECA MODERNA”

O SONHO DO PRÍNCIPE GAVRILA

I

Maria Alexandrovna Moskalev é com toda a certeza a dama de mais subida importância em Mordassov, nem haverá quem o conteste. Ao contemplá-la, diríeis que não precisa seja de quem for, e que, antes pelo contrário, toda a gente lhe deve obrigações. Goza de poucas simpatias, na verdade, é cordialmente detestada, até: mas temida também universalmente, e é isso que ela quer. E não representará isto um rasgo de finura política? Por que será que, por exemplo, apesar de nutrir paixão por mexericos e de não poder dormir descansada no dia em que não soube nada de novo, por que será, sim, que pela aparência de Maria Alexandrovna, tal é a sua majestade, não ocorre à mente, seja de quem for, o fato de ela ser a primeira coscovilheira deste mundo, ou quando menos, de Mordassov? Dir-se-ia antes que assim que aparece deveriam cessar, ato-contínuo, de todo os mexericos, as comadres tremerem como garotetes em presença do prefeito, e as conversas guindarem-se desde logo aos assuntos mais transcendentos. E todavia, ela, a respeito de uns certos Mordassovenses está em dia com umas crônicas tão escandalosas que, se as dissesse a propósito e provando-lhes — como ela o sabe fazer — a autenticidade, Mordassov em peso tremeria tal qual tremeu Lisboa em tempos. Mas se ela quanto a segredos é o próprio túmulo; é necessário dar-se um concurso de circunstâncias extraordinárias para que ela consinta em falar numas certas coisas, — e isto ainda entre amigos da máxima intimidade. Poderá arriscar uma alusão, dar a entender que "está em dia"; mas pela-se por manter a qualquer indivíduo — homem ou mulher — na sugestão de um temor perpétuo, em vez de o esmagar de um golpe. Isto é que é inteligência, isto é que é tática! Maria Alexandrovna sempre se distinguiu mercê do seu irrepreensível *come il faut*. É citada como modelo. Lá quanto ao *come il faut* não tem rival em toda Mordassov.

Poderá, com uma palavrinha, matar, esfacelar, aniquilar uma pessoa que lhe haja caído no desagrado, — mas sem lhe tocar, sem suspeitar, dir-se-ia, a importância da dita palavrinha. Semelhante traço de caráter assaz trescala a alta sociedade.

Tem ótimas relações. A Mordassov ainda não veio pessoa que não ficasse penhorada com as recepções de Maria Alexandrovna. O máximo número até de tais visitantes acidentais ficaram-se carteando com ela. Houve até um poeta que lhe dedicou versos: Maria Alexandrovna exhibe-os com desvanecimento. Um literato de arribação ofereceu-lhe uma novela da qual fizera leitura em casa da nobre senhora, durante um sarau: produziu ótimo efeito. Um sábio alemão, vindo expressamente de Carlsruhe no intuito de estudar uma espécie singular de vermezinhas chavelhudas que se encontram no nosso governo (o dito sábio

escreveu acerca do aludido vermezinho quatro volumes *in-quarto*) tão encantado ficou com a amabilidade de Maria Alexandrovna, que ainda hoje, lá de Carlsruhe, lhe escreve cartas respeitadas e morais. Chegaram até a estabelecer paralelos entre Napoleão e Maria Alexandrovna. Foi brincadeira, facécia de ciumentos, e contudo, apontando a estranheza de semelhante comparação, atrever-me-ei a fazer uma pergunta ingênua; por que seria que a Napoleão, no acume da sua glória, o tomara uma vertigem? Os legitimistas atribuem uma tal fraqueza à vilã extração de Bonaparte, que nem era de estirpe realenga nem sequer de nobreza limpa. Por espirituosa que seja semelhante opinião,— pois tresanda à mais brilhante época da antiga corte francesa,— atrever-me-ei ainda a perguntar: mas por que é que a Maria Alexandrovna não a tomaram nunca vertigens? Pois é um fato; veio a ser e depois ficou sendo sempre a dama de mais subida importância em Mordassov. Conheceu horas atribuladas, não há dúvida, e, em certas circunstâncias, houve até quem dissesse lá consigo: “Mas que é que há de agora fazer Maria Alexandrovna?” E o obstáculo achava-se transposto como que por encanto.

Toda a gente estará lembrada da maneira porque o marido, o Afanassi Matveich, perdeu a posição. Deu-se isso em seguida a uma inspeção aos fiscais a quem esta achou tolos em demasia. E a cuidarem que Maria Alexandrovna não deixaria de perder o siso, humilhar-se, suplicar, numa palavra, “rebaixar a sua linguarice.” Longe disso! Percebendo que as súplicas nada adiantariam, houve-se de modo que a sua influência não sofreu a mínima quebra, e que a sua casa continuou a ser a primeira casa de Mordassov. Ana Nikolaievna Antipova, inimiga figadal de Maria Alexandrovna, a despeito das exteriorizações de mundana amizade, já cantava vitória. Mas não tardaram em perceber que era difícil atrapalhar Maria Alexandrovna, e que esta era mais fina do que a supunham.

Aqui, vem ao pintar umas palavras a respeito de Afanassi Matveich, marido de Maria Alexandrovna. É um homem muito bem parecido, a correção em pessoa. Mas, nos casos críticos, assustava-se que nem um borrego que percebesse que lhe mudaram o que quer que fosse ao cancelo do redil. Circunstância que lhe não tolhia o ostentar ordinariamente uns ares de suma importância, sobretudo nos jantares de aparato, quando punha a gravata branca. A majestade de tais sujeitos dura até ao momento de abrirem a boca: mas então é tratar de meter rolha nos ouvidos. Semelhante homem, com toda a certeza, é indigno de pertencer a Maria Alexandrovna. É esta a opinião geral.

E daí, é unicamente devido à genialíssima esposa o fato de ele se conservar no seu posto. A meu ver, há muito tempo que o deveriam ter espetado na horta à laia de espantalho para os pardais.

Ali, e só ali, poderia ter sido de alguma utilidade. Maria Alexandrovna fez, pois, muito bem em exilar Afanassi Matveich para a aldeia de cento e vinte almas que ela possuía a três verstas de Mordassov. E de caminho, digamos que a dita propriedade representava a totalidade dos bens facultando a Maria Alexandrovna o custear tão bem, e com tamanho estado, a sua casa. Fácil foi pois o perceberem que havia suportado Afanassi Matveich única e exclusivamente por causa do seu cargo, dos respectivos ordenados e... e ainda de uns certos emolumentozinhos. Agora, que, velho, já nem representava ordenados nem emolumentos, não seria de justiça afastá-lo na qualidade de inútil trambolho?

Afanassi Matveich leva no campo uma vida agradabilíssima. Fiz-lhe uma visita e passei com ele uma hora encantadora. Ensaia ao espelho as gravatas brancas, engraxa as próprias botas, não por necessidade, mas sim por amor da arte, porque gosta de ver as botas a luzir muito. Toma chá três vezes ao dia, vai a miúdo ao banho e não se rala com coisa nenhuma...

Estão lembrados daquela nojenta história, há dezoito meses, a propósito da Zinaida Afanassievna, filha única, de Maria Alexandrovna e de Afanassi Matveich? Zinaida é uma beldade, e uma menina muito bem educada, de mais a mais; mas tem vinte e três anos e ainda está solteira. Uma das principais causas a que atribuem o celibato da Zina, é o boato vago da estrambótica ligação que dizem haver tido, há exatamente dezoito meses, com um reles utchitel — boato que ainda se não desvaneceu. — Citam uma missiva amorosa escrita pela Zina e que dizem ter corrido Mordassov de um extremo ao outro. Mas, por favor, não me dirão, leram a tal epístola? Não houve em Mordassov pessoa que a não visse. E então! onde para ela atualmente? Toda a gente ouviu falar nela, mas quem foi que a viu? Eu, da minha parte, ainda não encontrei uma só pessoa que a tenha visto com seus próprios olhos.

Aluda alguém à tal epístola na presença de Maria Alexandrovna e aposto desde já que ela não perceberá sequer esse alguém. Mas suponhamos que tenha havido o que quer que fosse de verdade em semelhante atoada, e que a Zina haja escrito a decantada epístola, (efetivamente, estou convencido de que a escreveu): admirem então a habilidade de Maria Alexandrovna.

Como se havia de atabafar caso tão escandaloso? — Pois bem, procurem, nem vestígios, prova, que é dela? Maria Alexandrovna nem sequer se digna tomar conhecimento de calúnia tão soez, e contudo, Deus sabe o trabalho que lhe custou conservar intacta a honra da filha única! Que a Zina não tenha ainda casado, isso percebe-se, de mais, até: onde iria ela por aqui encontrar noivo? A Zina só pode casar com um príncipe reinante! Já alguém viu mais peregrina formosura? É soberba, lá isso é... Dizem que Mozgliakov a pedira em casamento, mas semelhante consórcio jamais se efetuará. Quem vem a ser esse

tal Mozgliakov? É moço, assaz bem parecido, elegante, peterburguense, proprietário de cento e cinquenta almas livres de hipoteca. Mas não fura paredes! Leviano, tagarela, apaixonado pelas novas ideias... E que representarão cento e cinquenta almas com ideias novas? O casamento nunca se realizará.

Quanto acaba de ler o amável leitor foi escrito, há cinco meses, unicamente por admiração. Devo convir em que nutro uma tal ou qual simpatia por Maria Alexandrovna. Quisera escrever o panegírico de tão magnífica dama sob a forma de uma carta dirigida a um amigo, a exemplo daquelas que outrora publicavam as revistas, nesses bons tempos que já lá vão, e que, louvores a Deus! não voltam cá outra vez!

Mas se não tenho um único amigo, e, graças à incurável timidez que de mim se apodera assim que se trata de literatura, a minha obra ficou na gaveta na qualidade de tentame sem seguimento.

Cinco meses eram pois decorridos, quando em Mordassov se deu um acontecimento extraordinário.

Um dia, de madrugada, eis que chega o príncipe K... e vai hospedar-se em casa de Maria Alexandrovna.

As consequências deste acontecimento são incalculáveis. O príncipe passou apenas três dias em Mordassov. Mas esses três dias deixaram recordações fatais e inexpungíveis. Direi mais: o príncipe foi causa de uma verdadeira revolução nesta nossa cidade. A narrativa da aludida revolução virá a ser, certamente, a página mais importante da história de Mordassov. E é essa página que eu, após inúmeras hesitações, me resolvi a oferecer, sob forma literária ao critério do respeitável público.

A minha narrativa poder-se-ia intitular: "Grandeza e Decadência de Maria Alexandrovna." Grande e sedutor assunto para um poeta.

II

Direi desde já que o príncipe K... não era um ancião centenário.

Á primeira vista, contudo, ninguém podia deixar de pensar que ia reverter outra vez aos elementos, a tal ponto se achava gasto! Corriam em Mordassov as histórias mais estranhas a respeito do dito príncipe. Afirmavam que estava um tanto ou quanto tinoco.

Efetivamente, parecia esquisito que um *pomiestchik* de uma das mais notáveis famílias, dono de quatro mil almas, em posição de obter considerável influência na província, permanecesse enclausurado, tal qual um ermitão, na sua magnífica propriedade. Muitos que o tinham visto, seis ou sete anos atrás, por ocasião da primeira vinda do príncipe a Mordassov, afirmavam que nesse tempo nem podia suportar a solidão nem tinha ainda aqueles seus costumes de eremita.

Eis os esclarecimentos que pude colher a seu respeito bebidos das mais seguras fontes.

Outrora — e onde irá isso! — o príncipe havia efetuado na sociedade um ingresso de aurora... Durante os anos todos da juventude levava vida airada, requestando as damas, esbanjando por vezes repetidas o seu dinheiro em viagens ao estrangeiro, cantando romanzas, fazendo trocadilhos; mas não se distinguia mediante uma inteligência acima da marca. Em semelhante vida, não tardou em dar cabo do que tinha, e, quando chegaram os dias da senectude, ficou sem um kopek. Aconselhou-lhe alguém que voltasse para a sua aldeia, que principiava já a ser vendida em hasta pública.

Aproveitou o conselho, e foi nessa ocasião que veio passar seis meses em Mordassov. Agradou-lhe imenso a vida de província, e pelo espaço de seis meses acabou de se "alimpar" em amórios com as mundanas provinciais. Era aliás excelente pessoa, de um fausto principesco (em Mordassov o fausto é o sinal característico da mais alta aristocracia.)

As damas sobretudo não cessavam de se alegrar com um hóspede encantador a tal ponto. Deixou entre nós curiosíssimas recordações; entre outras esquisitices, contavam que o príncipe gastava a máxima parte do dia ao toucador. Parecia todo ele feito de pedacinhos enxertados. cismavam onde e como fora que ele se haveria decomposto daquela maneira. Usava chinó, bigode, suíças, e inclusive uma pêra, tudo postiço até o mínimo pelinho, e tudo preto como o próprio azeviche — uma lindeza! Levava todo o santo dia a pôr caio e carmim. Afirmavam que dispunha de um talento especialíssimo em disfarçar as rugas do rosto por meio de umas molazinhas escondidas com o chinó. Afirmavam ainda que trazia espartilho, havendo ficado sem uma costela ao saltar desastradamente de uma janela abaixo durante uma aventura amorosa, na Itália. Coxeava da perna esquerda, uma perna postiça de cortiça, afirmavam, havendo quebrado a verdadeira em Paris, em outra aventura. É possível que houvesse exagero, mas o que é certo, é que o olho direito era de vidro: iludia completamente, aliás; ninguém diria que não era natural. Os próprios dentes eram artificiais. Passava dias inteiros a lavar-se com águas-garantidas, a perfumar-se, a encalamistrar-se. Ultimamente, contudo, principiava a fazer-se velho e a tresler. Parecia estar prestes a terminar a sua

carreira, e sabia toda a gente que se achava arruinado,— e eis que de repente lhe morre uma sua parenta muito chegada, senhora de muita idade, vivendo em Paris, e de quem não esperava herdar, em seguida a haver enterrado um mês, exatamente, antes de falecer, o único herdeiro. Eram quatro mil almas e uma soberba propriedade a sessenta verstas de Mordassov a reverterem no príncipe sem a mínima partilha. Abalou desde logo para Petersburgo a fim de pôr em ordem seus negócios. Por ocasião da partida, ofereceram-lhe as damas um suntuoso banquete por subscrição. Há quem se lembre ainda de como, naquele dia, o príncipe foi sedutor e espirituoso! Era um tiroteio de calemburgos, de anedotas extraordinárias. Prometeu voltar o mais breve possível para a sua nova propriedade e jurou que na volta daria mesa franca e uma festa — bailes e luminárias — que nunca havia de ter fim. Depois da sua partida, ficaram as senhoras um ano a falar da tal prometida festa e impacientes à espera do encantador velhinho. Organizavam até excursões a Dukhanovo, a aldeola do príncipe, onde se admirava um antigo solar acastelado, um parque adornado de acácias a imitar leões, colinas artificiais, lagos em que navegavam barquinhos tripulados por turcos de madeira, a tocar flauta, pavilhões de *Mon-Plaisir*, e quejandos atrativos.

Até que por fim veio o príncipe, com grande espanto e não menor decepção de toda a gente, nem sequer passou por Mordassov e foi encerrar-se em absoluto isolamento em Dukhanovo. Correram boatos singularíssimos. A datar desse momento, torna-se obscura e fantástica a história do príncipe. A princípio constou que lá por Petersburgo lhe não tinham corrido bem os negócios, que os herdeiros, em vista do seu estado senil, queriam nomear-lhe um conselho judicial receando que voltasse a esbanjar os seus bens. Ainda mais: acrescentavam que aqueles ávidos caçadores de heranças tinham querido interná-lo numa casa de saúde! Afortunadamente para o príncipe, um seu parente, personagem de suma importância, saiu em sua defesa, provando à evidência que o pobre homem, semimorto e todo ele artificial, não estava para muita dura, certamente. E que nessa conformidade os seus bens viriam a reverter nos herdeiros sem que estes se vissem na necessidade de recorrer à casa de saúde. Eis o que se diz. São compridinhas as línguas lá em Mordassov. Tudo isto havia assustado o príncipe, a tal ponto, que se lhe tinha demudado o gênio, descambando em ermitão. Por mera curiosidade, vieram felicitá-lo vários Mordassovenses: e ou não foram recebidos, ou se o foram foi de modo um tanto esquisito. O príncipe nem mesmo reconheceu, ou antes, não quis reconhecer os seus amigos de outrora.

O próprio governador o foi visitar, mas voltou pelo mesmo caminho dizendo que o príncipe estava tinoco. Dali em diante notaram que o governador punha uma cara de palmo, assim que lhe falavam na jornada a Dukhanovo... Indignavam-se as senhoras. Até que por fim se veio a saber uma coisa capital; o príncipe vivia submetido à tutela de uma figurona por nome Stepanida

Matveiévna,— Deus sabe que casta de mulher! — que tinha vindo lá de Petersburgo, velha, obesa, usando constantemente o mesmo vestido de cassa, e sempre com um molho de chaves na mão. O príncipe obedece-lhe em tudo e por tudo e não se atreve a dar um passo sem a consultar. Ela, lava-o com suas próprias mãos, apaparica-o, passeia-o e entretém-no, como se fora um nenê; em conclusão, é ela quem bate com a porta na cara aos parentes que principiam a saber o caminho de Dukhanovo... Foi muito discutida, sobretudo entre as senhoras, tão incompreensível ligação. Acrescentavam que Stepanida Matveiévna regia com plenos poderes, e sem ter quem lhe fosse à mão, a totalidade dos bens do príncipe. Substitui feitores, criados, arrecada os rendimentos; é aliás boa a sua administração, e os camponeses não veem outra coisa. Com respeito ao príncipe, este nem já arreda um passo do toucador, a ensaiar chinós, peras postiças, casacos. Uma vez por outra, joga às cartas com Stepanida Matveiévna; de vez em quando, dá o seu passeio numa égua inglesa muito mansa: Stepanida Matveiévna acompanha-o sempre em carruagem fechada, pronta à primeira voz, visto como o príncipe só monta a cavalo por garridice e mal se pode ter em cima do selim. Acontece-lhe também o sair a pé, embrulhado num sobretudo, com um chapéu de palha enterrado na cabeça, um lenço de mulher ao pescoço, um monóculo no olho e pendurado na mão esquerda um açafate para recolher cogumelos e flores campestres. Stepanida Matveiévna, vai-lhe seguindo as pisadas, levando à trela dois latagões de dois lacaios; e um pouco mais atrás, uma carruagem. Se calha encontrarem um mujik que para e tira o boné para lhe fazer a sua contumélia dizendo: "Bom dia, paizinho príncipe. Nossa Excelência, nosso solzinho!" o príncipe assesta-lhe o monóculo, acena-lhe com a cabeça com bom modo e diz-lhe em francês: "Bom dia, amigo, bom dia!" Qual não foi porém o espanto de toda a gente quando, uma bela manhã, se espalhou o boato de como o príncipe, aquele ermitão, aquele original, tinha vindo em pessoa a Mordassov e se hospedara em casa de Maria Alexandrovna! Foi um reboliço por aí além! Estavam à espera de uma explicação, e perguntavam uns aos outros: "Que quererá isto dizer?" Não faltou quem se estivesse enfeitando para ir a casa de Maria Alexandrovna. Carteavam-se as senhoras, visitavam-se, mandavam as criadas e os maridos colher informações. O que maior expectativa causava era a circunstância de se ter ido o príncipe hospedar em casa de Maria Alexandrovna, e não em qualquer outra parte. Ana Nikolaievna Antipova ficou mais escandalizada do que outra qualquer pessoa, visto o príncipe ser ainda seu parente, parente muito arredado, é verdade.

III

São dez horas da manhã. Estamos em casa de Maria Alexandrovna, na Rua Grande, no aposento que a dona da casa, nos dias dúplices, enfeita com o título de sala. (Maria Alexandrovna, dispõe também de um camarim.) O papel das

paredes é corretíssimo. Os móveis, pouco cômodos, arvoram com verdadeira predileção a cor vermelha. Há um fogão, e em cima do fogão um espelho; diante do espelho um relógio tendo por assunto um Cupido do mais execrando gosto. Nas paredes, no intervalo das janelas, dois espelhos a que já tiraram as capas. Adiante dos espelhos, duas banquinhas, e ainda dois relógios. Toma a metade de um apainelado um piano de cauda. (Mandaram vir o dito piano para a Zina: cultiva a música.) Ao pé do fogão, no qual arde uma boa fogueira, estão dispostas umas poltronas em desalinho pinturesco a mais não poder ser. Ao meio outra banquinha. No outro extremo da casa, ainda outra mesa, tapada com uma toalha imaculada e em cima, um samovar de prata, a ferver, no meio de um lindíssimo serviço para chá. Uma senhora, residente em casa de Maria Alexandrovna, a título de parenta afastada, Nastassia Petrovna Ziablova, está especialmente incumbida do chá.

Duas palavras acerca da aludida senhora. É viúva, frescalhona, com uns olhos castanhos escuros muito vivos, assaz bem parecida; é alegre, velhaca, até; linguareira, escusado será dizê-lo, e sabendo levar água ao seu moinho; tem dois filhos no colégio, para aí, algures. Não se lhe daria de tornar a casar; vive com bastante independência; o marido era oficial.

Maria Alexandrovna em pessoa está sentada ao pé do fogão: acha-se de boa catadura. Traja um vestido verde claro, assentando-lhe a primor. Está contentíssima com a vinda do príncipe. Neste ensejo, o príncipe está lá em cima, todo ele entregue à tarefa de se infunicar.

Maria Alexandrovna nem sequer pensa em esconder o seu contentamento. Diante dela, um rapaz a fazer boquinhas e a cantar, muito animado, seja o que for. Percebe-se que se desvela por agradar a quem o está escutando. Tem vinte e cinco anos. Se não fossem as suas exuberâncias, se não fossem também as suas pretensões a engraçado, seria tolerável. Está bem vestido, é louro e de agradável presença. Já a ele nos referimos, é o senhor Mozgliakov, moço sobre quem se fundaram esperanças matrimoniais. Maria Alexandrovna acha-lhe a cabeça um tanto oca, mas nem por isso deixa de o receber muito bem. Diz ele que está loucamente apaixonado pela Zina. Dirige-se a esta continuamente, ansioso por alcançar um ar de riso a poder de bons ditos e de azoamento. Ela, contudo, mantém-no a distância, com extrema frialdade. A jovem está de pé junto ao piano, a folhear um almanaque. É uma dessas mulheres que produzem efeito geral ao entrarem numa sala. É peregrinamente formosa: alta, morena, com uns imensos olhos quase pretos, esbelta, com um colo magnífico, uns pezinhos encantadores, espáduas e mãos de molde clássico, e um pisar de rainha. Está hoje um tanto descorada, a palidez, contudo, torna-lhe mais conspícuo o rúbido fulgor dos lábios por entre os quais lhe luzem, tal qual pérolas em fio, uns dentinhos miudinhos e regulares. Era caso para qualquer de

nós sonhar com eles, três dias a fio, só de lhes ter posto a vista em cima. É séria a sua expressão.

O senhor Mozgliakov dir-se-ia arreçar-se do olhar fito da Zina, pelo menos não ergue para esta os olhos sem um tal qual enleio.

É singelíssimo o vestido da jovem, de gaze branca: Está-lhe bem o branco, está-lhe lindamente o branco... E daí, que haverá que lhe não fique bem? Traz enfiado num dedo um anel de cabelo entrançado. A julgar pela cor, aqueles cabelos não são os da mamã. Mozgliakov nunca se afoitou a perguntar de quem seriam aqueles cabelos. Está taciturna, esta manhã, triste, até, ou preocupada, pelo menos. Em compensação, Maria Alexandrovna acha-se em maré de dar à língua. De vez em quando, esguelha uns olhos desconfiados para a Zina, e olhos furtivos quanto possível, como que não se arreçando menos da jovem.

— Estou tão contente, Pavel Alexandrovitch, (dir-se-ia pipilar) que estou capaz de gritar da janela abaixo o meu contentamento a quem passa pela rua. Sem falarmos da agradabilíssima surpresa que nos proporcionou, a mim e à Zina, com vir quinze dias mais cedo do que o esperávamos. É caso à parte. Mas o que mais me penhorou foi a atenção que teve conosco trazendo consigo o príncipe. Se soubesse como eu adoro aquele encanto aquele velhinho! Não pode compreender-me! As pessoas da sua idade seriam incapazes de semelhante afeição. Não sabe as circunstâncias que entre mim e ele se deram, há seis anos? Lembra-te, Zina? E eu sem me lembrar de que nesse tempo estavas em casa de tua tia. Estou que me não acreditaria, Pavel Alexandrovitch, se eu lhe dissesse, que servi de guia ao príncipe, que fui para ele, irmã, mãe? Havia lhaneza, carinho, nobreza naquela nossa ligação. Era... pastoril!... Nem eu sei como a hei de definir. Eis o motivo porque ele se lembrou da minha casa com tamanha gratidão, o pobre do príncipe! E se eu lhe disser, Pavel Alexandrovitch, que é possível até que o salvasse trazendo-o para minha casa? Não podia evitar o confranger-se-me o coração, durante aqueles seis anos, sempre que me punha a pensar nele!... Eu... quer acreditar?... até sonhava com ele! Dizem que aquela criatura, a tal sua carcereira, o enfeitiçou, que o deitou a perder... mas, enfim, o senhor arrancou-o das garras daquela harpia! Urge aproveitar a ocasião para o salvar completamente... Mas conte-me, mais uma vez, como foi que o conseguiu? Descreva-me, muito por miúdos, o encontro de um e outro. Eu ainda agora fiquei tão sobressaltada! Não vi senão os traços gerais, mas não há pormenor que não seja precioso a meus olhos. Se eu sou assim! Pelo-me pelas minudências, nos acontecimentos de maior vulto, são os pormenores que primeiramente me chamam atenção... e... enquanto ele se está arrebicando...

— Mas se eu já lhe contei tudo, apressa-se em responder Mozgliakov, pronto a recapitular a narrativa pela décima vez. Tinha viajado toda a noite... não tinha pregado olho; estava com tanta pressa de chegar ao meu destino! (Esta última

frase ia sobrescritada para a Zina.) Tive que aturar contendias, berreiros por ocasião das mudas. Eu próprio, confesso, não fiz também pouca algazarra. É um poema moderno, sem tirar nem pôr. Mas vamos adiante. Às seis horas da manhã, em ponto, eis que chego à última muda, em Ignichevo. Transido, mas, isso sim! nem sequer tiro uns minutos para me aquecer. Pego a gritar: "Cavalos!" Estou em dizer, até, que meti um susto à mulher do capataz das mudas: tinha ao colo um nenê, de peito, e estou com receio que se lhe talhasse o leite. — Era admirável o despontar do sol! Sabe, aquele pó da geada escarlata e prateada? E eu, sem atentar em coisa nenhuma, ia a vapor!

Empalmo uns cavalos a um tal conselheiro de colégio,— com quem por um triz que não tenho um duelo. Afiançam-me que um quarto de hora antes tinha abalado da dita muda um certo príncipe que viaja com cavalos próprios. Que pernoitara na muda. Quase que nem lhes dou ouvidos, salto para a carruagem, voo por ali fora tal qual um prisioneiro escapulido. — Há uma situação parecida em uma elegia de Fet. — Ora, a nove verstas da cidade, justamente, em vista do retiro de Svietozerskaia, avisto o que quer que seja de singular! Uma grande carruagem de jornada caída na estrada. O cocheiro e dois latagões de dois lacaios, de pé, junto da mesma, e muito atrapalhados. Lá do fundo da carruagem vinham uns berros que me confrangiam a alma!... Eu podia seguir por diante, não tinha nada com isso, mas levou a melhor a humanidade, pois, como diz Heine, mete o nariz em toda a parte. Paro, pois. Eu, o meu yamstchik Semene, e uma outra alma russa, acudimos a ajudar e entre nós seis pomos em pé a carruagem. Pomo-la de pé,— quero dizer, sobre os patins. — Uns mujiks que levavam uma carga de lenha para a cidade ajudaram-nos também, (apanharam bem boa gorjeta). E eu a dizer comigo: É o tal príncipe que passou a noite na muda. Olho: Santo Deus! É o príncipe Gavrila! Que encontro este! "Príncipe! bradei: tiozinho!" à primeira vista, não me reconheceu; nem sei se me reconheceria à segunda: e agora mesmo não estou bem certo em que me reconhecesse. Creio que nem sequer já se lembra do nosso parentesco. Vi-o pela primeira vez, em Petersburgo. Nesse tempo era eu um garoto. Lembro-me muito bem, mas ele, podia-se lá lembrar de mim? Apresento-me: fica encantado! Beija-me, e depois pega a tremer de susto e, em conclusão, desata a soluçar. Por Deus! Vi-o com meus próprios olhos: até chorou! Palavra puxa palavra e, em conclusão, acabei por lhe propor que viesse até Mordassov tomar um dia de descanso. Consentiu sem hesitações. Declarou-me que ia para o retiro de Svietozerskaia, para casa do arcepreste Missail a quem tem em grande conta; que a Stepanida Matvéina — qual de nós, parentes do Príncipe, não terá ouvido falar de Stepanida Matveievna? O ano passado, escorraçou-me de Dukhanovocom o pau da vassoira!... Que a Stepanida Matveievna recebera pois uma carta exigindo a sua presença em Moscou pelo falecimento de alguém, o pai ou a filha, nem sei nem quero saber,— talvez que pai e filha ao mesmo tempo, e ainda por cima para aí qualquer segundo sobrinho empregado na

fiscalização dos vinhos. Numa palavra, tivera que conformar-se, desamparar o seu príncipe por uns dez dias e levantar voo, a toda a pressa, para a capital.

O príncipe demora-se um dia; dois dias, sem se mexer, a experimentar chinós, a encalamistrar-se, a pentear-se, a fazer paciências: em conclusão, a solidão acabou por lhe ser pesada. Foi então que mandou pôr o trem e meteu a caminho do retiro de Svietozerskaia. Alguém do seu séquito, com medo do fantasma da Stepanida Matveiévna, atrevera-se a ir-lhe à mão. Mas o príncipe é cabeçudo e tinha abalado na véspera, depois de jantar, pernoitando em Ignichevo, largara da muda de madrugada, e, justamente na volta do caminho que vai ter à residência do arcebispo, por pouco se não despenha com a carruagem numa barroca. Salvei-o e persuadei-o a vir para casa da nossa amiga comum, a digníssima Maria Alexandrovna. Diz ele que a senhora é a dama mais encantadora que tem encontrado em toda a sua vida, e cá estamos. O príncipe está a pôr em ordem os arrebuques com o criado particular de quem porfiou em não prescindir. Mais depressa se deixaria morrer do que apresentar-se em casa de uma senhora sem a roupa toda da ordem... E aqui tem a história toda... é uma história deliciosa!

— Que humorista, hein! Zina? exclama Maria Alexandrovna. Que cativante narrador! Escute, Pavel, uma pergunta: explique-me bem o seu parentesco com o príncipe. O senhor trata-o de tio.

— Por Deus! Maria Alexandrovna, se eu sou o próprio a não saber, como é que sou seu parente. Estou em dizer, até, que talvez seja preciso para aí um cento de gravetos para sermos do mesmo ramo. Mas eu cá trato-o de tiozinho, e ele responde-me. E aí tem, até hoje, todo o nosso parentesco...

— Foi Deus em pessoa que o inspirou em m'o trazer para aqui. Arrepio-me só de pensar que poderia ter ido hospedar-se para outra qualquer parte. Devoravam-no! Atiravam-se a ele como quem se atira a um tesouro, a uma mina!... Eram capazes de lhe tirar a camisa! Não põe na sua ideia o que por aí vai de almas sôfregas, vis e arteiras nesta nossa Mordassov.

— Ah! meu Deus! mas para onde queria que o levassem a não ser para sua casa? Sempre tem cada uma, Maria Alexandrovna, interveio Nastassia Petrovna, a incumbida do chá. Talvez quisesse que carregassem com ele para casa da Ana Nikolaievna!

— Mas com tudo isso, por que se demorará ele tanto? É esquisito! disse Maria Alexandrovna, erguendo-se, impaciente.

— O tio? Aquilo ainda é negócio para cinco horas! E daí, bem sabe que está perdido da memória; é capaz de se ter esquecido de que é seu hóspede. É um homem extraordinário, Maria Alexandrovna. Se soubesse!

— Ora vamos! Que está a dizer?

— A verdade, Maria Alexandrovna. É um homem *mecânico*. Não o vê há seis anos, mas sei o que há a esse respeito. É a recordação de um homem, esqueceram-se de o enterrar. Tem olhos de vidro, pernas de cortiça; todo ele de *engonços*, a própria voz é artificial.

— Valha-nos Deus, sempre é um tal estúrdio! exclamou Maria Alexandrovna com uns modos doridos. Não tem vergonha, o senhor, a falar assim de um venerável ancião, que é seu parente? (A voz de Maria Alexandrovna, nesta altura assume entonação tocante.) Sequer ao menos, lembre-se de que é uma relíquia da nossa aristocracia! Meu amigo, essas levandades provêm-lhe das tais novas ideias em que está sempre a falar. Meu Deus! também eu participo dessas ideias; compreendo que o princípio que rege as suas opiniões é nobre, honrado. Pressinto nessas ideias novas o que quer que é de elevado, de sublime. Mas tudo isso não me impede de ver os lados práticos, por assim dizer— da questão. Tenho vivido na sociedade, conheço melhor que o senhor os homens e as coisas, pois que o senhor é apenas um rapaz. Este velhinho afigura-se-lhe ridículo lá por causa da idade. O senhor, há dias, afirmava que queria dar alforria aos seus servos, que cada qual deve ir com o seu século. Tudo isso, sem dúvida, lá por que o leu para aí algures no tal seu Shakespeare! Acredite, Pavel Alexandrovitch, o seu Shakespeare já lá vai há que tempos. Se ele ressuscitasse, apesar de ser um gênio, não percebia uma palavra do viver moderno. Se alguma coisa existe de majestoso, de cavalheiresco nesta nossa sociedade contemporânea, é com certeza a aristocracia. Um príncipe é sempre um príncipe; faz um palácio ainda que seja de uma cabana. Ao passo que o marido da Natália Dmitrievna, que mandou construir um palácio, fica sendo o marido da Natália Dmitrievna, e mais nada,— e a Natália Dmitrievna pode pôr em cima de si meio cento de crinolines, que nunca passará de ser a Natália Dmitrievna como dantes. Também o senhor, meu caro Pavel, é um representante da aristocracia, de lá veio. Aqui onde me vê, ousa também ter-me na conta de não ser alheia à aristocracia. Pois bem! Ai do filho que chasqueia dos próprios antepassados! E daí, não deixará de convir, daqui a nada, meu amiguinho, que é preciso pôr de lado o seu Shakespeare, sou eu que lho digo. Estou certa em que agora mesmo não é sincero. Está armando ao efeito!... Mas... eu para aqui a dar à língua! Deixe-se estar, meu querido Pavel; vou saber notícias do príncipe. Talvez precise de alguma coisa, e com estes meus criados!... E saiu apressada Maria Alexandrovna.

— Maria Alexandrovna parece estar contentíssima pelo fato de o príncipe não se ter ido hospedar para casa da elegante Ana Nikolaievna; e contudo, a Ana Nikolaievna tem pretensões a ser parente do príncipe. É capaz de estourar de raiva! — observou Nastassia Petrovna.

Mas, notando que lhe não respondem, Madame Ziablova, depois de haver esguelhado uma olhadela para a Zina e para Pavel Alexandrovitch, percebe que é ali de mais e sai, também, como quem vai procurar qualquer coisa. E daí, desforra-se da própria discrição deixando-se ficar atrás da porta, de ouvido à escuta.

Pavel Alexandrovitch trata logo de se aproximar da Zina; está comovidíssimo, com a voz a tremer:

— Zinaida Afanassievna! Não está zangada comigo? diz timidamente e com modo súplice.

— Com o senhor? Mas por quê? pergunta a Zina um tanto ruborizada, erguendo sobre ele os esplêndidos olhos.

— Pela minha vinda prematura, Zinaida Afanassievna, já não podia suportar mais longo apartamento. Ainda mais quinze dias! E eu a vê-la sempre em sonhos! Vim para saber a minha sorte... Mas por que franze as sobrancelhas, está zangada? Com que então, ainda hoje não apanho resposta decisiva?

Á Zinaida, efetivamente, carregou-se-lhe o parecer.

— E eu antevia que me havia de falar a esse respeito, encetou ela em voz ríspida com uns vislumbres de despeito. (Declina a vista.) E como semelhante apreensão me magoou em extremo, acho melhor cortar de vez toda e qualquer indecisão... mais vale assim... O senhor exige, quero dizer, pede uma resposta? Seja assim. A minha resposta será a mesma que já lhe dei: espere. Repito-lhe, ainda não estou resolvida, não lhe posso prometer o ser sua mulher... Não é coisa que se obtenha por exigência, Pavel Alexandrovitch; mas, para o tranquilizar acrescentarei que o não rejeito definitivamente. E contudo, note que, se o deixo esperar uma decisão favorável, é por dó da sua inquietação. Repito-lhe que quero tomar em plena liberdade a minha decisão, e se eu em conclusão lhe declarar que o rejeito, nem por isso depois me deve increpar por lhe ter dado esperanças. E fique isto assente por uma vez!

— Mas então, então! exclamou Mozgliakov em voz de mais em mais súplice, será isso uma esperança? Poderei fundar uma qualquer esperança nessas suas palavras, Zinaida Afanassievna?

— Lembre-se de tudo que lhe tenho dito e funde tudo que quiser: é livre. E nada mais acrescentarei. Não o rejeito, digo-lhe, tão somente: Espere! Reservo-me o direito de o rejeitar se assim o julgar necessário... Far-lhe-ei ainda notar o seguinte, Pavel Alexandrovitch: se veio mais cedo do que tinha dito com o sentido em operar por meios indiretos, esperançado em fazer valer a sua influência, a da mamã, por exemplo, enganou-se nos seus cálculos. Se assim fora, rejeitá-lo-ia de vez, entendeu? E agora, basta, se me faz favor! Até que eu próprio lhe torne a falar nisso, nem palavra a semelhante respeito.

Foi proferido em tom firme, seco, o conjunto deste discurso, sem hesitações, como se fora decorado de antemão. E Pavel sente o nariz a crescer-lhe. Neste comenos eis que entra Maria Alexandrovna. Logo atrás desta entra madame Ziablova.

— Já aí vem, Zina! Quer-me parecer que não tarda aí! Nastassia Petrovna, avie-se... o chá!

E Maria Alexandrovna numa azafama, toda ela.

— A Ana Nikolaievna já mandou saber notícias; a Aniotka, a criada, até já veio pedir informações à copa. Há de estar como uma bicha! disse a Nastassia Petrovna, investindo com o samovar.

— E a mim que me importa? responde Maria Alexandrovna, a desfechar as palavras por cima do ombro a madame Ziablova. Como se me interessasse o que poderá pensar Ana Nikolaievna! Tenho a certeza em como não serei eu que mande seja quem for à sua copa. E demais, fique sabendo, muito me admiro de que me façam passar por inimiga da Ana Nikolaievna, coitada! Pois é opinião corrente em Mordassov. Ora seja juiz, Pavel Alexandrovitch. Conhece-nos a ambas: por que é que eu havia de ser sua inimiga? Para lhe disputar a supremacia? Sou indiferente a essas coisas! Ela que seja a primeira, eu lhe irei dar os parabéns! Enfim, é injusto, e quero defendê-la. É meu dever. Mas para que é que a caluniam, para que hão de andar a malhar assim na pobre da criatura? É nova, gosta de se enfeitar: será por isso? Quanto a mim, acho que vale mais gostar dos trapos do que um certo número de coisas de que tanto gosta a Natália Dmitrievna, das tais coisas que nem sequer se podem nomear. Será ainda lá porque a Ana Nikolaievna gosta de visitas e não pode parar em casa? Mas, santo Deus! Se ela não tem instrução de qualidade nenhuma, e com certeza que lhe havia de ser difícil o abrir um livro e entreter-se dez minutos a fio fosse com o que fosse. É garrida, dá de olho, da janela abaixo, a todo e qualquer que passa pela rua. E daí?... Mas para que será que andam para aí a apontá-la como uma beldade? É macilenta, que até mete medo! Dança que é um riso vê-la, chega a ser cômica, convenho, mas por que será que dizem que a polkar é um portento? Usa uns chapéus inconcebíveis! E daí, ela terá culpa de

lhe faltar o gosto? Afirme-lhe que faz bem em pregar na cabeça um papel de rebuçado, e verá que o faz. É linguareira, mas se por aqui não haverá quem o não seja. O senhor Suchilov, com aquelas suas enormes suíças, está pregado em casa dela de manhã até à noite, e de noite até manhã, tenho a certeza. E daí, santo Deus! para que é que o marido joga as cartas até às cinco horas da madrugada? Se o que se vê por aí são maus exemplos! E demais, não deixará de ser *talvez* mais outra calúnia. Numa palavra, hei de sair sempre, sempre, sempre, sempre a defendê-la... Mas! ai, Senhor! Aí vem o príncipe! É ele! é ele! conheci-lhe os passos! Era capaz de os distinguir entre mil. Até que o vejo, afinal, meu príncipe!...

IV

Á primeira vista, ninguém confundiria o príncipe com um velho, mas examinado de mais perto, ninguém deixaria de verificar que é um cadáver movido por molas; empregaram toda a casta de artifícios para disfarçar num adolescente semelhante múmia. Um chinó estupendo, suíças, bigodes postiços, mais pretos que o próprio ébano, lhe tapam metade do rosto. As faces estão pintadas com singular perícia; nem uma ruga: que é delas?... Vestido no rigor da moda, dir-se-ia saído de um figurino de alfaiate. Traz assim a modos de uma *visite*, isto é, qualquer coisa elegantíssima feita expressamente para as visitas matutinas. Luvas, gravata, colete, tudo isso de brancura deslumbrante e do mais requintado gosto. O príncipe manqueja um tudo-nada, mas tão levemente! Dir-se-ia mais um temperozinho exigido pela moda.

Um monóculo no olho,— naquele, exatamente, que é de vidro,— vem saturado de perfumes. Quando fala, arrasta umas certas palavras, talvez por impotência senil, ou por serem postiços os dentes, ou ainda por elegância. Pronuncia umas certas sílabas com doçura extraordinária e acentua a letra *e*. Tem uma pontinha de não se me dá que lhe ficou da sua vida de homem feliz em amores. Se não perdeu de todo a transmontana, pelo menos está sem memória. Engana-se a cada instante, fica-se a mascar e a meter os pés pelas mãos. É necessário ter um certo dom de oportunismo para sustentar com ele uma conversa. Maria Alexandrovna, todavia, tem a consciência dos próprios recursos, e a presença do príncipe leva-a ao auge do entusiasmo.

— Mas não o acho nada mudado, nada, nada! exclama ela agarrando em ambas as mãos ao hóspede e amesandando-o numa cômoda poltrona. Sente-se! sente-se, príncipe! Seis anos! seis anos, inteirinhos e integrados sem nos vermos, e nem uma carta, nem uma linha, durante todo o tempo! Oh! quantas culpas não tem para comigo, príncipe! Se soubesse o quanto eu estava zangada consigo, meu caro príncipe! Mas, e esse chá! esse chá! Ah! meu Deus! Nastassia Petrovna, o chá!

— Obrigado... o — obrigado!... sou cul...cul...pado... gaguejou o príncipe.

(Esqueceu-nos dizer que gaguejava um tanto; e daí, é moda.)

— Cul...culpado! Ora imagine que, o ano passado, quis abs...absolutamente vir aqui, acrescentou a mirar a casa através da luneta.

Mas tinham-me metido medo: disseram-me que por aqui andava a có...cólera...

— Não, príncipe, não a tivemos por cá, afirmou Maria Alexandrovna.

— Tínhamos a morrinha, meu tiozinho, interrompeu Mozgliakov, que se quer tornar conspícuo.

Maria Alexandrovna mede-o com olhar severo.

— Há de ser isso... a mo...mo...rrinha ou coisa que o valha. E vai, eu então deixei-me ficar. E seu marido, minha que.. querida Maria Nikolaievna, ainda está na ma...a...gistratura?

— Não, príncipe, diz Maria Alexandrovna, meu marido não está na ma...a...gistratura.

— Ia apostar que o tiozinho a está confundido com a Ana Nikolaievna Antipova! exclama o perspicaz Mozgliakov.

Ato contínuo, porém, mordeu o beijo, percebendo que nem por isso está muito à vontade Maria Alexandrovna:

— Pois é isso, é... A Ana Nikolaievna, e...e... e eu sempre a esquecer-me... e então! Antipovna, exatamente, An...ti...povna, confirma o príncipe.

— Não, príncipe, está equivocado! disse Maria Alexandrovna com um rizinho azedo. Eu não me chamo Ana Nikolaievna, e, confesso, nunca supus que se esquecesse de mim. Estou espantada, príncipe, sou a sua velha amiga, a Maria Alexandrovna Moskalieva. Não se recorda, príncipe, da Maria Alexandrovna?

— Maria Ale...lexan...xandrovna! Ora vejam! E eu a confundi-la com a Ana Vassiliévna... é delicioso!... Dizia eu, pois, que me não fui hospedar em casa da... E eu, amigo, a cuidar que me levavas exatamente para casa da tal Ana Matveina!

É impagável! E daí, acontece-me isto tanta vez! Quanta vez não vou eu parar onde não quisera!... Em geral, fico sempre contente, sempre contente, aconteça o que acontecer. Com que então não é a Nastassia Vassiliévna!

É interessante!

— Maria Alexandrovna, príncipe! Maria A...lex...ndrovna! Se é coisa que se faça! Esquecer-se assim da sua melhor amiga!

— Melhor amiga, sim, é verdade! Perdão, pe...er...dão! silva o príncipe fixando a atenção na Zina.

— A minha filha Zina! O príncipe ainda a não conhece! Não estava em minha casa quando aqui veio pela última vez; lembra-se?

— Sua filha! É um encanto! um encanto! murmura o príncipe assestando ávido a luneta na Zina. — Mas que beleza; disse com visível sobressalto.

— Serve-se de chá, príncipe? pergunta Maria Alexandrovna desviando a atenção do jarreta para um *groom*, parado defronte dele com uma bandeja.

O príncipe serve-se de uma chávena de chá e contempla o *groom* de bochechas rechonchudas e rosadas.

— Ah! ah! ah! É seu filho? Perfeito, muito perfeito! e... e... e... bem comportado, já se vê?

— Perdão, príncipe... acode pressurosa Maria Alexandrovna. Ainda estou toda a tremer... Com que, então, deu uma queda? Não se magoaria? Não é prudente arriscar a sua pessoa em semelhantes aventuras!...

— Virou-se! virou-se! O cocheiro virou a carruagem comigo dentro! exclama o príncipe com extraordinária animação. E eu, a pensar que era o fim do mundo ou coisa parecida. Os santos me perdoem: apanhei um susto... vi as estrelas ao meio dia, eu esperava lá!... eu es...pera...va lá!... E tudo aquilo, por culpa do meu cocheiro, do Pamfilio: entrego-te este negócio, meu amigo, hás de tratar do inquérito... Estou convencido de que atentou contra a minha vida!

— Muito bem! muito bem, tiozinho! responde Pavel Alexandrovitch, fica a meu cuidado. Mas ouça lá; se lhe perdoasse por esta vez, hein, que lhe parece?

— Por caso nenhum! Tenho a certeza de que quis dar cabo de mim, ele e mais o Lavrenti, que eu deixei lá em casa. Ora imaginem, encasquetaram-se-lhe as tais ideias novas, uma negação... que eu sei lá... e era um comunista em toda a extensão da palavra. Quando me vejo a sós com ele... fico logo em suores frios.

— Ah! que verdade, príncipe! Não põe na sua ideia o que eu também tenho aturado a esta súcia! Já despedi por duas vezes toda a criadagem. Que gente tão estúpida! Anda uma pessoa a ralhar com eles de manhã até à noite.

— E...está claro! Gosto de ver um laçao que não fure paredes, observou o príncipe, satisfeito, como aliás sucede aos velhos, de que lhes escutem com respeito a tagarelice,— é até a principal qualidade de qualquer laçao... uma to...leima sincera... em certas ocasiões. Incute-lhes uma certa imponência... solenidade! Numa palavra, é mais distinto, e eu, a primeira qualidade que exijo a um serviçal é a distinção. É por isso, que conservo o Tarenti, estás lembrado do Tarenti, meu amigo? Assim que o vi, percebi-lhe a vocação: há de ser porteiro. É fe...e...nome...nalmente es...túpido. Com aqueles olhos de carneiro mal morto: Mas que boa presença! que solenidade! Em pondo a gravata branca, faz um figurão! Gosto dele deveras! Eu, às vezes, ponho-me a olhar para ele, e não me canso de o ver: ali onde o veem, está escrevendo um livro... É um verdadeiro filósofo a...al...lemão, o próprio Kant, ou antes, um, peru gordo e bem comido, um ser incompleto, tal qual cumpre a todo e qualquer se...er...viçal.

Maria Alexandrovna ri às gargalhadas e bate palmas; Pavel Alexandrovitch faz coro: acha imensa graça ao tio. A Nastassia Petrovna ri também; e a própria Zina dá um ar de riso.

— Mas que graça, príncipe! que alegria! exclama Maria Alexandrovna. Que preciosa faculdade de observar ridículos... E desapareceu o senhor da sociedade! Privar assim de um talento o mundo durante cinco anos inteiros!... Mas podia até escrever comédias, príncipe! Podia muito bem restituir-nos Visine, Griboiedov, Gogol!

— É verdade, é verdade!... confirma encantado o príncipe... eu podia restituir... Quer crer? Eu dantes tinha muita graça, até escrevi para o teatro um vo...o...deville. Com umas coplas que eram uma delícia! Por sinal que nunca foi representado.

— Que pena! Como havia de ser divertido? Sabes o que te digo, Zina, que vinha mesmo a propósito. Nós, justamente, príncipe, andamos a combinar umas récitas de amadores com um fim de beneficência patriótica, em favor dos feridos... Vinha mesmo ao pintar o seu vaudeville.

— E...está claro, estou pronto a escrevê-lo. De mais a mais, já nem me lembra uma palavra, mas tenho de memória um ou dois trocadilhos que... (O príncipe beija as pontas dos dedos.) Eu, em geral, quando estava no estrangeiro... fazia um verda...deiro *furor*... Lembro-me de milord Byron... fomos muito íntimos... Dançava à maravilha a *krakoviak* no congresso de Viena...

— Milord Byron, meu tio? Ora vamos, que está para aí a dizer!

— Está claro!... Byron. E daí, talvez fosse outro. Exatamente, era um polaco, lembro-me agora muito bem; um grande original, o tal polaco! Intitulava-se conde, e por fim, veio-se a saber que era cozinheiro.

Mas dançava lindamente a krakoviak. Quebrou uma perna. Foi nessa ocasião, até, que lhe fiz estes versos:

O nosso conde polaco
Dançava a krakoviak

E daí... já me esqueceu... ah!

Desde que partiu a perna,
Nunca mais pôde dançar.

— Sim, sim, deve de ser isso, rico tiozinho! exclama Mozgliakov, podre de riso!

— Está c...claro! Quer-me parecer que seria isto ou coisa que o valha. E daí é possível que não seja. O que lhes sei dizer é que os versos me saíram muito bons. Escapam-me certas coisas, tenho tanto que fazer!

— Mas, não me dirá, príncipe, pergunta com muito interesse Maria Alexandrovna, em que é que se ocupa naquela sua solidão? Lembrava-me tanta vez do príncipe! Estou a arder de impaciência por saber tudo por miúdos...

— Em que é que me ocupo! Ora essa... imensa coisa em que me ocupar... em geral. Umas vezes descanso, outras vezes dou o meu passeio... a imaginar cá umas coisas...

— Deve de ter muita imaginação, rico tiozinho.

— Muita, meu caro. Às vezes, acontece-me imaginar coisas de que eu próprio fico pasmado. Quando eu estava em Kadnievo... A propósito, tu não foste vice-governador em Kadnievo?

— Eu, tiozinho? Que está dizendo! Pelo amor de Deus! exclama Pavel Alexandrovitch.

— E eu a confundir-te com ele...

E dizia eu comigo: Por que será que ele está tão mudado?... Porque o outro tinha uma fisionomia imponente, espirituosa... um homem extra...a...ordiná...ria...mente inteligente. Compunha sempre versos... a propósito... De perfil, era tal qual um rei de copas.

— Acredite, príncipe, interrompeu Maria Alexandrovna, essa vida há de deitá-lo a perder, lhe juro eu! Encerrar-se durante cinco anos num ermo! Não ver, não ouvir pessoa alguma!... Sabe o que lhe digo, o príncipe é um homem perdido! Pergunte a algum dos seus amigos, que lhe sejam fiéis, e todos lhe dirão isto mesmo: é um homem perdido!

— De...de...ve...eras? arrasta o príncipe.

— Com certeza... Digo-lho como se fora uma irmã, porque sou muito sua amiga,— pois que as recordações do passado, para mim são sagradas. Que interesse poderia eu ter em o enganar? Nada, nada, é preciso absolutamente mudar de vida, aliás, não resiste?...

— Valha-me Deus! pois eu hei de morrer, assim, tão depressa? exclama o príncipe, assustadíssimo. E caso é que adivinhou: as minhas hemorróidas dão cabo de mim, e há uns tempos para cá, principalmente... e quando me atacam as crises, tenho sin...to...o...mas es...espan...tosos... Eu já lhe vou contar tudo... por miúdos...

— Deixe lá, tiozinho, contará isso tudo, para outra vez. Agora, não será tempo de irmos dar o nosso passeio?

— Pois, sim, vá lá, ficará para outra vez; e daí talvez não interesse... Mas com tudo isso... é uma doença... extre...e...mamente interessante. Com uma tal variedade de episódios! Vê se me lembras, meu caro, contar esta noite, com todos os pormenores, uma certa particularidade das hemorróidas.

— Ora, escute, príncipe, atalhou ainda Maria Alexandrovna. Devia ir ao estrangeiro, para ver se se curava.

— É isso, é! Ao estrangeiro, absolutamente. Lembro-me de que, aí por 1820, a gente divertia-se im...men...sa...mente no estrangeiro. Estive para casar com uma viscondessa, e era francesa. Eu estava apaixonado por ela, e queria consagrar-lhe toda a minha vida. Que ela, aliás, casou com outro... Caso esquisito!... Tinha estado em casa dela não havia ainda duas horas, e foi neste meio tempo que um barão alemão a conquistou. Veio a acabar num hospital de doidos.

— Mas, caro príncipe, estávamos falando na sua saúde, e dizia-lhe eu que devia pensar nisso muito a sério. Há grandes médicos lá pelo estrangeiro. De mais a mais a mudança de ar, já por si, é importantíssima. Terá que renunciar a Dukhanovo, por uns tempos, quando menos.

— Abso...o...lu...tamente! Já me conformei, tenciono tratar-me pela hi...dro...te...rapia.

— Pela hidroterapia?

— Está claro! Foi isso mesmo que eu disse, pela hi...dro...te...rapia. Já me tratei pela hi...droterapia. Estava eu nas águas. Também lá estava uma senhora de Moscou, varreu-se-me o nome, uma mulher muito poética, com setenta anos, ou coisa assim; tinha uma filha com uns cinquenta anos, e com uma belida num olho. Falavam ambas sempre em verso. Aconteceu-lhe um desastre! Num fogacho de gênio, matou o criado. Teve seus da...res e to...mares com a justiça. E como eu ia dizendo, puseram-me no regime da água; que eu, ainda assim, não estava doente: mas se não faziam senão dizer-me "Trate de si! trate de si!" E eu, por delicadeza, pus-me a beber a água e, efetivamente, senti alívio. Bebi, bebi, e tornei a beber! Acho que bebi um lago inteiro... É ótima coisa a tal hi...dro...te...rapia. Dou-me muito bem. Eu, se não tivesse caído de cama, tinha passado lindamente.

— Lá isso é verdade, rico tio. Ora dize-me, rico tio, aprendeste lógica?

— Valha-o Deus! Que pergunta? observa Maria Alexandrovna, escandalizada.

— Está c...claro, meu amigo... Há muito tempo, aqui para nós. Estudei filosofia, na Alemanha. Frequentei os cursos todos mas dali a pouco esqueceu-me tudo... Mas... confesso, meteu-me um tal susto no corpo com as tais do...enças que... fiquei atarantado... Eu volto já. Deem-me licença!

— Aonde vai, príncipe? exclama, pasmada, Maria Alexandrovna.

— Não tardo aqui. Não me demoro... Vou apenas... assentar um pensamento... Até já...

— Que tal lhe pareceu? exclama Pavel Alexandrovitch, à gargalhada.

Maria Alexandrovna perde de todo a paciência.

— Eu não o entendo, na verdade, não posso compreender de que é que se ri! — começa ela com animação. Rir de um ancião respeitável, de um parente! Rebentar a rir a cada palavra que ele solta da boca! Abusar daquela bondade evangélica! Tenho até vergonha de o ouvir, Pavel Alexandrovitch! Mas não me dirá o que é que lhe encontra de ridículo? Ainda não fui capaz de lhe notar o lado ridículo.

— Mas se nunca conhece ninguém, se não faz senão meter os pés pelas mãos!

— Aí tem as consequências do tal sequestro de cinco anos entregue à guarda daquela megera! Devemos antes ter dó dele, em vez de rirmos à sua custa. Veja lá, nem a mim mesmo me conheceu, até! O senhor foi testemunha. Pois não é

terrível! É preciso salvá-lo. Eu, se lhe propus ir ao estrangeiro, foi na esperança de que se resolva a largar de mão aquela... regateira.

— Sabe o que lhe digo, é preciso casá-lo, Maria Alexandrovna.

— E o senhor a dar-lhe! É incorrigível, senhor Mozgliakov.

— Não sou, acredite, Maria Alexandrovna, eu, desta vez, estou falando até muito a sério. Por que é que o não havemos de casar? É uma ideia como outra qualquer. Em que é que isso o pode prejudicar? No estado a que ele chegou, é um expediente que o pode salvar, creio eu. A lei ainda lhe permite casar. Desse modo, vê-se livre daquela desavergonhada, desculpe a expressão. Escolherá para aí qualquer menina, ou qualquer viúva honesta, inteligente, carinhosa e pobre, sobretudo, que não deixará de o tratar como filha e que compreenderá que lhe deve ser grata. Que coisa melhor lhe poderia acontecer? Um coração terno e fiel, em vez daquela... moita! Está claro que convém que seja bonita, pois o tio professa ainda o culto da beleza. Não viu os olhos que ele deitava à Zinaida Afanassiévna?

— E onde irá desencantar semelhante ideal? pergunta Nastassia Petrovna toda ela ouvidos.

— Não está má pergunta? A senhora, por exemplo, sem irmos mais longe... se me dá licença, perguntar-lhe-ei por que é que não há de casar com o príncipe? Primeiro e segundo, porque é bonita, e viúva, ainda por cima. Terceiro, por que é fidalga. Quarto, por que é honestíssima. Há de amá-lo, amimá-lo, pôr na rua a tal carcereira, carregar com o príncipe para o estrangeiro, dar-lhe papinha e guloseimas... tudo isto até que chegue o dia em que ele diga adeus a este mundo de amarguras, o que tardará para aí um ano, quando muito, ou um mês ou dois, quem sabe; depois fica sendo princesa, viúva, rica e, para compensar o trabalho, casa para aí com um marquês qualquer, ou um general. É bonito, pois não acha?

— Ai! Deus meu! Que amor eu lhe havia de ter, por gratidão, quando por mais não fosse, se ele pedisse a minha mão! exclama Madame Ziablova.

Os olhos feriram-lhe lume, até.

— Mas, isso sim!... são sonhos!...

— Sonhos? Tem empenho em que se realizem? Experimente, peça-me que lhe alcance essa pechincha. E corto desde já este dedo se hoje mesmo não for noiva do príncipe. Não há nada mais fácil do que persuadir o meu tio. Diz sempre a tudo, que sim. A senhora bem o ouviu, há bocado. Casamo-lo sem ele dar por isso. Enganamo-lo, é verdade, mas se é para seu bem, pois não acha? Em todo o

caso, a senhora do que devia tratar era de ir arranjando uma *toilette* à altura das circunstâncias, Nastassia Petrovna.

A animação de Mozgliakov transforma-se em entusiasmo. A Madame Ziablova, com o seu tino todo, está-lhe a crescer até água na boca.

— Eu bem sei; nem é preciso que m'o lembre, que estou para aqui uma trapalhona... Pareço até uma cozinheira, pois não pareço?

Maria Alexandrovna está com um cara de palmo. Afoito-me a afirmar que ouviu a proposta de Pavel Alexandrovitch com uma pontinha de terror. Quer sim quer não, teve mão em si.

— Tudo isso é muito bonito, mas é um chorrilho de futilidades sem pés nem cabeça, e que não vem nada a propósito! disse, com sequidão, dirigindo-se ao Mozgliakov.

— Então por quê, minha querida Maria Alexandrovna? Por que é que diz que são futilidades fora de propósito?

— O senhor está em minha casa, e o príncipe é meu hóspede. Não consinto que ninguém se esqueça do respeito que se deve à minha casa! Tomo as suas palavras como mera brincadeira, Pavel Alexandrovitch; mas, aí vem o príncipe, graças a Deus!

— Eu... c...cá... es...tou, guincha o príncipe ao entrar. É espantoso, querida amiga... que fecundidade com que acordou hoje este m...meu espírito! às vezes — talvez não acredites — mas acontece-me estar um dia inteiro sem me acudir um pensamento a esta cabeça...

— Seria a tal queda d'inda agora que lhe abalou os nervos...

— Também me quer parecer, meu amigo, ach...acho útil, até, o tal acidente, tanto assim que estou resolvido a perdoar ao meu Feófilo. Queres que te diga?

— Palpita-me que não premeditará atentar contra os meus dias. E demais... já está bem castigado, cortaram-lhe as barbas.

— Cortaram-lhe as barbas! — Que me diz? Ele, que tinha umas barbas mais compridas que um principado alemão.

— Es...tá c...claro!... sim... um principado. Em geral, meu amigo, são muito acertadas as tuas conclusões. Mas as barbas dele são postiças. Ora imaginem: Mandaram-me um catalogo: acabam de chegar do estrangeiro umas ótimas barbas quer para cocheiros quer para gentlemen: suíças, barbas à espanhola, peras à império, etc.; tudo de primeira qualidade, por preços muito

mó...mó...di...cos. E eu, então, encomendei umas barbas para cocheiro. Mandaram-m'as: Ma...a...gníficas! Mas a do Feófilo era duas vezes mais comprida. E eu muito atrapalhado: que hei de eu fazer? Recambiar as barbas postiças, ou mandar rapar as do Feófilo? Refleti maduramente e resolvi em favor das barbas postiças.

— Prefere a arte à natureza, rico tiozinho?

— Pois está claro!... E que desgosto que ele teve quando se viu de cara rapada. Cada pelo que lhe cortavam era um dia de vida que lhe tiravam. Mas não serão horas de sair, meu caro?

— Estou às suas ordens, tio.

— Príncipe, ousou esperar que só irá a casa do governador! exclamou Maria Alexandrovna, muito sobressaltada. O príncipe, *pertence-me*, faz parte da minha família, por todo o dia. Escusado é dizer, que não tenho nada que ensinar-lhe, pelo que diz respeito a Mordassov. Talvez queira ir fazer a sua visita à Ana Nikolaievna, e não tenho direito de o dissuadir de dar semelhante passo. Tanto mais que estou persuadida de que a sua própria experiência lhe servirá de guia. Lembre-se de que, hoje, sou sua irmã, sua mãe e sua aia por todo o dia... Ah! Estou toda a tremer por sua causa, príncipe!... O príncipe não conhece esta gente, não conhece, digo-lho eu... Não, que ele é preciso tempo para os conhecer.

— Deixe o caso por minha conta, Maria Alexandrovna, disse Mozgliakov; tudo se passará conforme lhe prometi.

— Entregar-me nas suas mãos, eu?... O senhor é um estouvado? Cá o espero para jantar, príncipe. Costumamos jantar cedo. Que pena que eu tenho de que, nesta ocasião, meu marido esteja no campo! Havia de gostar tanto de o ver! Estima-o tanto! Dedicar-lhe tão sincera amizade!

— Seu marido? — Com que então... tem marido?

— Valha-me Deus! Que péssima memória é a sua, príncipe? Pois esqueceu o passado a esse ponto? E meu marido, o Afanassi Matveich, querem ver que também se não lembra dele? Está no campo, mas o príncipe, em tempos, viu-o, até, muita vez. Veja lá se se lembra; o Afanassi Matveich?

— Afanassi Matveich! No campo? Ora vejam lá! Mas é delicioso! Tem então marido! Que ratice! Existe um vo...o...de...ville versando sobre o mesmo assunto: *O marido à porta e a mulher na...* Conceda-me licença!... já me não lembro lá muito bem... a mulher safa-se para Tula... ou para Ioroslav!...

O marido à porta e a mulher em Tver, rico tio, sopra-lhe o Mozgliakov.

— Está c...claro, sim, é isso! Obrigado, caro amigo, exa...ta...mente... em Tver... É um encanto... um en...can...to... É assim... é!... a mulher em Koxtrom... quero dizer... em conclusão... safou-se... Um encanto! um encanto! Mas já não sei o que é que eu ia dizendo!... Ah! sim! vamo-nos embora, hein? Até à vista! minha rica senhora! Adeus... minha linda menina!

O príncipe beija as pontas dos dedos à Zinaida.

— O jantar! O jantar, príncipe!

— Demore-se o menos que puder! brada Maria Alexandrovna deitando a correr atrás dele.

V

— Nastassia Petrovna, não seria mau ir deitar a sua rabisaca pela cozinha, disse ela após de haver acompanhado o príncipe. Palpita-me que aquele traste do Nikitka é capaz de se tomar da pinga e deita-nos a perder o jantar.

Obedeceu Nastassia Petrovna. À saída, olhou para Maria Alexandrovna e percebeu que estava animadíssima a digna senhora. Em vez de ir vigiar o tratante do Nikitka, Nastassia Petrovna dirige-se a uma saleta contigua, dali, enfiando pelo corredor, vai ao quarto, e esgueira-se para um cubículo de despejos, atulhado de baús, de vestidos velhos e de roupa suja de toda a família. Nos bicos dos pés, acerca-se de uma porta fechada, sustendo a respiração, e espreita pelo buraco da fechadura: Aquela porta é uma das três que abrem para a sala (está condenada). Maria Alexandrovna sabe que a Nastassia Petrovna é velhaca, pouco delicada, de poucos escrúpulos, e muito capaz de escutar às portas. Neste momento, contudo, Madame Moskalieva está tão preocupada, que se descuida de toda e qualquer cautela.

Senta-se numa poltrona e despede significativa olhadela à Zina. E a Zina a sentir o peso daquele olhar. Dá-lhe um pulo o coração!

— Zina!

A Zina volta com muito vagar para a mãe o descorado semblante e aqueles olhos sonhadores.

— Zina, tenho que te falar em negócio importante.

Está de pé a Zina; cruza os braços e espera. Desliza-lhe pelo semblante expressão fugaz de despeito e de ironia.

— Quero perguntar-te qual é a tua opinião a respeito deste tal Mozgliakov?

— Está farta de saber a conta em que o tenho, responde a Zina com modo constrangido.

— Pois sim, filha, mas está-me parecendo que se vai tornando um tanto ou quanto impertinente, atrevido; e em conclusão, aquela sua insistência...

— Diz ele que me ama; se assim for, acho perdoável a sua insistência.

— Admiro-me de uma circunstância: tu, dantes, não o desculpavas, assim, tanto;... antes pelo contrário, eras, até, muito ríspida para com ele, sempre que eu a ele me referia.

— E a mim, o que me causa admiração é outra circunstância: A mamã, dantes, estava sempre a defendê-lo, e é agora a própria a condená-lo.

— Confesso que me sorria este casamento. Custava-me ver-te assim sempre, tão triste. — Avaliava bem a tua tristeza,— pois sou capaz de a compreender, seja qual for o juízo que faças a meu respeito. — Chegou até a tirar-me o sono! Em suma, estou convencida de que só uma mudança radical na tua vida te poderia salvar, e essa mudança, há de ser o casamento. Não somos ricos, não podemos ir dar a nossa volta pelo estrangeiro. Os asnos que povoam esta cidade espantam-se de te ver ainda solteira aos vinte e três anos e inventam fábulas a tal respeito. Mas poderei eu dar-te por marido para aí um conselheiro desta estúpida cidade ou o Ivan Ivanovitch, nosso procurador? Haverá por aqui marido à altura dos teus merecimentos? É certo que o Mozgliakov é apenas um peralvilho, e com tudo isso, de todos eles, é ainda o mais aceitável. É de boa família, dono de cinquenta mil almas: sempre valerá mais que um procurador que vive de propinas e à custa Deus sabe de que tranquiernas. E eis o motivo porque me lembrei dele. Tanto menos verdadeira simpatia me merecia, e tanto mais me convenço hoje de que era o Supremo Senhor quem me enviava semelhante desconfiança como advertência. Pensa bem! Se porventura se oferecesse agora um partido mais vantajoso, não serias tu a própria a louvar-me de não ter até hoje dado a tua palavra a ninguém? Pois, ousa crer, Zina, que tu hoje, nada lhe terás dito de positivo. — Pois não é verdade?

— Para que servirão tantos rodeios, mamã? quando podia muito bem ter-me dito tudo isso em duas palavras, replica a Zina com modo resolutivo.

— Rodeios, Zina! Serão coisas que se digam a tua mãe? Ah! Vejo que de modo nenhum te mereço confiança! Consideras-me como inimiga muito mais do que como mãe!

— Acabemos com isto, minha mãe. Parece-lhe bonito ficarmos para aqui a fazer questão de palavras? Não estaremos fartas de nos conhecermos uma à outra?

— Repara em que me estás ofendendo, minha filha. Pois não vês que estou resolvida a tudo, a tudo, contanto que tu sejas feliz?

A Zina põe-se a olhar para a mãe com aquela singularíssima expressão de despeito e ironia.

— Não estará morrendo por que eu case com o príncipe para complemento da minha ventura? pergunta a jovem com estranho sorriso.

— Nem sequer te disse uma palavra a semelhante respeito, mas visto que isso veio à teia, dir-te-ei que, se fosse possível, representaria para ti a felicidade, efetivamente.

— Pois eu acho isso pueril, exclama a Zina toda assomada, pueril, pueril e mais que pueril! e acho, ainda, que a mamã é dotada de excessiva imaginação: é uma mulher poética; e tanto mais que é assim que a classificam em Mordassov. Está sempre a fazer planos. Nem lhe metem medo impossibilidades. Assim que vi o príncipe, tive um pressentimento, de como não deixaria de lhe acudir semelhante ideia. Quando o Mozgliakov metia o caso a ridículo e pretendia que era urgente casá-lo, li no semblante à mamã o pensamento. E daí, foi para me falar nesse jarreta que a mamã principiou por se referir ao Mozgliakov. Mas esses seus sonhos aborrecem-me de morte, não sei se sabe? E peço-lhe que fiquemos por aqui!... Nem mais uma palavra, entendeu, mamã? Nem mais uma palavra! Peço-lhe que tome a serio isto que acaba de ouvir da minha boca.

— És uma criança, Zina, uma criança doente, e com mau gênio! responde Maria Alexandrovna em voz melíflua; e estás-me faltando ao respeito. — Ofendes-me! Não há mãe que aturasse o que eu te tenho aturado! Mas padeces, e eu acima de tudo sou cristã. Vou aturando, e perdoo-te. Responde-me a uma pergunta, só e mais nada, Zina. Vamos que eu, efetivamente, tivesse sonhado semelhante aliança, onde é que está a puerilidade? — Quanto a mim, nunca o Mozgliakov falou com tanto acerto como ainda agora, quando tentava demonstrar que o casamento é uma necessidade para o príncipe. O disparate era o ter-se lembrado daquela fúfia da Nastassia.

— Mamã, declare-me com franqueza, se me está dizendo isso por mera curiosidade ou com um fim qualquer.

— Peço-te que me respondas: onde vês tu nisto puerilidade?

— Que aborrecimento! Triste sorte é a minha! exclama a Zina a bater o pé. Vou dizer-lho, se é que ainda o não percebeu: aproveitar o ensejo desse velho se achar caído em demência para o enganar, para o desposar, assim, enfermo e caduco, para lhe extorquir o dinheiro e andar todo o santo dia a desejar-lhe a morte, representa, a meu ver, não só uma puerilidade, mas uma vilania, e não serei eu quem lhe dê os parabéns por semelhante ideia, mamã.

Silêncio.

— Zina, já te esqueceste daquilo que se passou há dois anos? pergunta de chofre Maria Alexandrovna.

Estremece a Zina.

— Mamã, profere com acentuada sede, lembre-se de que me prometeu não me tornar a falar em semelhante coisa.

— Pois bem, minha filha — que eu até hoje ainda não tornei a dizer-te uma palavra — peço-te que por uma vez tão somente me desligues da minha promessa. Zina! Soou a hora de uma franca explicação. Foram mortais estes dois anos de silêncio! Isto assim não pode continuar!... Estou pronta a suplicar-te de joelhos que me permitas falar. Entendes, Zina, é a tua própria mãe que cai de joelhos a teus pés! E demais — dou-te a minha palavra solene — a palavra de uma mãe desgraçada que adora a própria filha — seja qual for o pretexto, em circunstância alguma deste mundo, com risco até da própria vida, de nunca mais abrir a boca a tal respeito.

— Fale! diz Zina, muito enfiada.

Maria Alexandrovna calculou otimamente o lance.

— Obrigada, Zina. Há dois anos, pois, que frequentava esta casa, por causa do teu irmãozinho, do Mitra, que Deus tem, um *utchitel*.

— Mas para que foi que a mamã assumiu esses modos tão solenes, para que estará a desperdiçar toda essa eloquência, esses pormenores tão escusados e penosos que ambas estamos fartas de conhecer? interrompeu a Zina com enfado.

— Porque a mim, que sou tua mãe, Zina, me assiste o dever de me justificar a teus olhos. E demais, quero apresentar-te este negócio, todo ele, sob uma luz nova para ti e que é a única verdadeira. Enfim, sem estas promessas, não poderias compreender a conclusão que delas pretendo deduzir. Não creias,

minha filha, que intento fazer pouco dos teus sentimentos. Não Zina, hás de encontrar em mim uma verdadeira mãe, e quem sabe se não serás tu a própria a cair-me aos pés, lavada em lágrimas, a suplicar-me que conclua essa reconciliação à qual o teu orgulho se nega há tanto tempo. Tenho pois que recapitular as coisas desde o principio, ou calar-me.

— Fale, repetiu a Zina, a maldizer de todo o coração a grandiloquência maternal.

— Continuo, Zina. Esse tal *utchitel* da escola comunal, um fedelho, por assim dizer, produziu em ti inconcebível impressão. Conte sempre com que o teu siso, a elevação dos teus sentimentos e também a indignidade do indivíduo, (visto que é preciso dizer tudo) evitariam qualquer aproximação entre tu e ele. E de repente, vens ter comigo e declarar-me com firmeza que tens tenção de casar com ele. Foi uma punhalada que me deste no coração, Zina! Soltei um grito e caí sem sentidos, mas... não deixarás de te lembrar do incidente. É certo que julguei necessário empregar naquela ocorrência toda a minha autoridade: e por sinal que a acoimaste de tirania. Reflete, pois: um garotete, filho de um *diatchok*, com um salário de doze rublos mensais, um escrevinhador de maus versos que lhe imprimem por dó na *Bibliotheca de Leitura*, que não sabe falar em outra coisa a não ser nesse maldito Shakespeare,— aquele fedelho, teu marido! marido da Zinaida Moskalieva! São coisas que só acontecem nas novelas pastoris de Florian. Perdão, Zina, mas quando me lembro de tal, saio fora de mim! Neguei-me a consentir. Não houve influência que conseguisse convencer-te. Teu pai, naturalmente, manteve-se na neutralidade, incapaz de compreender-me quando tentei expor-lhe o caso e sem saber fazer outra coisa além de pestanejar. Manténs relações com esse garoto, proporcionas-lhe até ensejo de te ver, e o que é ainda muito pior que tudo isso, tens o arrojo de lhe escrever! E as más línguas desde logo a trabalhar! Fazem alusões ofensivas na minha presença. Estão a pular de contentes, a embocar as mil trombetas da calúnia. As minhas antecipações a semelhante respeito vão se realizando uma por uma. Dá-se entre ti e ele um desaguado e ele manifesta-se indigno de ti. Ameaça-te de mostrar as tuas cartas, e tu, num assomo de justa indignação, dás-lhe uma bofetada!... Sim, Zina, conheço também essa circunstância, estou inteirada de tudo — de tudo, sim! Esse traste, nesse mesmo dia, mostra uma das tuas cartas àquele miserável do Zanchine, e, dali a uma hora a carta está em poder da Natália Dmitrievna, minha inimiga figadal! à noite, aquele, doido, arrependido já de semelhante ação inqualificável, por toleima tenta envenenar-se! Numa palavra, um escândalo medonho! Aquela pécora da Nastassia acode toda assustada, a participar-me que há uma hora que a Natália Dmitrievna se acha de posse da tua carta: não se passarão duas horas, sem que a cidade em peso apregoe para aí a tua vergonha. E eu a esticar os nervos para não cair para ali inanimada. Que lance, Zina! Aquela descarada, aquela desavergonhada!

A Nastassia exige duzentos rublos para inutilizar a carta. Eu própria, deito a correr, com os sapatos de trazer por casa, até, através da neve, para ir a casa do judeu Bumschtein empenhar o meu abrochador, recordação da minha virtuosa mãe! Dali a duas horas tinha a carta em meu poder: roubou-a a Nastassia: arrombou uma boceta e está salva a tua honra. Nem vestígios, sequer! Mas que dia de angústias! Logo ao outro dia, encontrei entre os meus cabelos imensos fios brancos,— os primeiros, Zina! Tu foste a própria a avaliar até que ponto era indigno de ti aquele garoto, pois concordas agora, não sem amargura, talvez, que teria sido uma loucura entregar-lhe o teu destino. Depois, contudo, pegas a atormentar-te, a sofrer, não podes varrê-lo da lembrança,— não a ele,— foi sempre coisa tão rasteira que a tua vista nem sequer podia deter-se nele,— mas ao teu primeiro sonho de amor. Hoje, esse desgraçado está a expirar— nem sequer já se levanta. — Dizem que morre tísico, e tu— anjo de bondade,— não queres casar enquanto ele for vivo; para lhe poupar sofrimento, visto que é ciumento... e não obstante, nunca te teve amor, tenho a certeza, amor sincero, elevado! O que o não impede de espionar os passos do Mozgliakov, de te rondar a casa, de tirar indagações... — Tens dó dele, minha filha, adivinhou-te o meu coração, e Deus sabe as lágrimas amargas que me tem encharcado o travesseiro.

— Veja se acaba com tudo isso, mamã! atalhou Zina com enfado. O seu travesseiro não vem cá fazer coisa nenhuma! Não poderá falar com singeleza?

— Não me acreditas, Zina! Não me trates tão mal, minha filha! Já lá vão dois anos, e não faço outra coisa senão chorar, mas tenho-te encoberto as minhas lágrimas, Zina, durante esses dois anos mortais!... Há muito tempo que conheço os teus sentimentos. Medi todo o alcance da tua mágoa. Poderá alguém lançar-me em rosto, minha querida, o haver considerado semelhante ligação como uma fantasia romanesca, nascida sob a influência do tal maldito Shakespeare? Qual seria a mãe que condenasse os alvitres de que tenho lançado mão e achasse rigoroso em demasia o modo por que avalio este caso? E contudo, a mim própria represento o teu longo padecer, compreendo e aprecio a tua sensibilidade. Acredita: compreendo-te melhor, talvez, do que te compreendes a ti própria. Estou certa de que o não amas, a esse garoto ridículo: a quem tu amas é ao teu sonho, à tua ventura malograda, ao esvair das tuas ilusões. Eu também amei, não cuides que não, e com mais excesso de paixão do que tu; também eu padeci; tinha também as minhas ilusões!... Não falo pois sem experiência, e se afirmo que uma aliança com o príncipe representaria para mim a salvação, mereço talvez que me deem ouvidos.

A Zina ouviu com espanto aquela estirada declaração, farta de saber que a mamã nunca assume aquele tom patético sem desígnio oculto. E contudo, a conclusão deixa confundida a jovem.

— É pois a sério, que fala em casar-me com o príncipe? exclama pasmada a considerar a mãe que assumiu atitude majestática; não é então uma hipótese, como se disséssemos? É tenção firme e assente, pelo que vejo? Mas... como é que poderia salvar-me semelhante casamento? E... e... que relação terá tudo isso com o que acaba de expor-me, com essa história toda?... Declaro que a não percebo, mamã.

— E a mim, meu anjo, espanta-me que o não percebas! exclama Maria Alexandrovna, com súbita animação. Primeiramente, o fato só por si de teres de transferir-te para outra sociedade, para um mundo diferente; de teres de dizer adeus de uma vez para sempre a esta nojenta cidade das dúzias, semeada para ti de tão temíveis recordações, à qual te não prende a mínima afeição, onde te assacaram calúnias, onde essa súcia de pegas te detestam por causa da tua formosura, esse fato só por si, repito, é já capital. E depois, podes, ainda esta primavera, ir para o estrangeiro, para a Itália, para a Suíça, para a Espanha,— Zina — para a Espanha, onde irás ver a Alhambra, o Guadalquivir! Não estarás farta deste imundo riacho de Mordassov, com aquele seu nome inconveniente?

— Mas se me dá licença, mamã! está falando como se eu já estivesse casada, ou pelo menos como se o príncipe me tivesse já pedido em casamento...

— Lá quanto a isso não te dê cuidado, meu anjo, sei o que estou dizendo. Deixa-me continuar. Eu disse *primeiramente*, e aí vai o segundo ponto: Compreendo, minha filha, quanto te contraria o dares a mão de esposa a este Mozgliakov...

— Sei muito bem, nem preciso de que m'o digam— que nunca serei sua mulher! interrompeu Zina com arrebatamento.

— Se tu soubesses, meu amor, como eu avalio essa repugnância! É terrível o ter que jurar perante o altar de Deus amor e fidelidade àquele a quem se não pode ter amor! É terrível o pertencer a um homem a quem se não pode respeitar. E todavia, exigir-te-ia amor; foi para te possuir que ele casou contigo: isso adivinha-se nos olhos que ele te deita quando não olhas para ele. Mas como simular perpetuamente amor? Ah! minha filha, aqui estou eu que ando a padecer há vinte e cinco anos com esta comédia necessária. Teu pai deitou-me a perder. Posso afirmar, até, que envenenou de todo a minha mocidade, e quantas vezes não terás visto correr as minhas lágrimas?

— O papá está no campo; não esteja a atacá-lo, por quem é!

— Sim, tu saís sempre em sua defesa, bem o sei... Ah! Zina! Confrangia-se-me o coração quando a prudência me obrigava a desejar o teu casamento com o Mozgliakov! Com respeito ao príncipe, com esse não tinhas tu necessidade de

representar nenhuma comédia. Escusado é dizer que lhe não poderás dedicar o que se chama amor. E demais, ele próprio é *incapaz* de exigir semelhante amor.

— Que disparate, meu Deus! E eu afirmo-lhe que se engana de meio a meio: não tenciono sacrificar-me,— ignoro aliás o fim com que o faria. Fique sabendo que não quero casar. Não casarei seja com quem for; ficarei solteira. Tem-se farto de me atormentar há dois anos para cá, por causa de eu ter rejeitado quantos noivos me tem aparecido, mas não tem remédio senão conformar-se; não quero, já disse!

— Zinotchka, não te alteres, pelo amor de Deus, sem me ouvires, meu amorzinho! Que cabeça tão esturrada! Consente em que eu te exponha o caso em conformidade com o meu modo de ver, e verás que hás de vir a concordar comigo. O príncipe poderá ainda viver um ano, dois, talvez, mas não vai além, com certeza. Ora, mais vale ser viúva e nova do que velha solteirona, isto sem falarmos em que depois de ele fechar o olho ficas sendo princesa, rica e livre. Minha querida, desprezas talvez estes meus cálculos baseados na morte de um homem, mas sou mãe, e quem haverá aí que condene a minha previdência? Em conclusão, se tu, anjo de bondade, ainda tens pena desse tal garoto, se tu, conforme eu suspeito, não queres casar enquanto ele for vivo, considera que, se casares com o príncipe, vais ressuscitar aquele a quem amas! Se é que a ele lhe restam ainda uns vislumbres de bom senso, compreenderá, manifestamente, que o ter ciúmes a respeito do príncipe, seria coisa fora de propósito, ridículo. Compreenderá que não casas com este velho a não ser por interesse, por necessidade. Numa palavra, compreenderá... quero dizer— depois de falecido o príncipe, já se vê,— que poderás casar segunda vez, se for da tua vontade...

— Casar com o príncipe, espoliá-lo, e estar à espera de que ele morra para depois ir casar com o meu amante, não é assim? É muito hábil; quer seduzir-me propondo-me... Percebo-a à légua, minha mãe, percebo-a otimamente. Só o lembrar-me eu de que não pode deixar de fazer alarde de nobres sentimentos, até, num negócio tão pouco limpo? Seria muito mais estimável o dizer-me, singelamente: "É uma ignomínia, Zina, mas é lucrativa; e portanto, aceita." Sequer ao menos era mais franco.

— Mas que teimosia será essa tua em encarar o negócio no ponto de vista da trapaça, da arteirice, da cobiça? Consideras os meus cálculos como uma soez hipocrisia; mas, em nome de quanto veneras como mais sagrado, onde estará a baixeza, onde a hipocrisia? Vê-te bem naquele espelho: és formosa o suficiente para conquistares com esses teus olhos, sem mais nada, um reino! E tu, tão formosa, sacrificas a um velho os teus melhores anos; tu, estrela magnífica, vais embelezar-lhe o ocaso da vida; tal qual a hera viçosa, florir na sua velhice! Está afeito à companhia de uma feiticeira que o sequestra lá num canto do mundo, e dessa feiticeira, és tu, tu, Zina, quem vais ser sucessora! O dinheiro e o título

dele podem lá equiparar-se ao teu valor? Onde vês pois nisto a baixeza, a hipocrisia?

Nem sabes o que estou dizendo, Zina!

— O dinheiro e o título dele valem mais do que eu, visto que para os alcançar, teria que resinar-me a casar com um enfermo. Demos às coisas os seus nomes: é uma ignóbil hipocrisia, mamã!

— Pelo contrário, minha querida, pelo contrário! O caso pode até ser encarado de um ponto de vista superior, cristão. Declaraste-me, um dia, em um assomo de entusiasmo, que querias ser irmã da caridade: o teu coração exaltara-se de amor ao pensares nos humanos sofrimentos, outro qualquer amor parecia-te túbio e mesquinho. Pois bem! Se ainda queres acreditar no amor, acredita na dedicação, com sinceridade, tal qual uma criança, com candura. Dedicar-te, e abençoar-te-á Deus! Tem padecido este velho; é desditoso, perseguem-no. Conheço-o há muitos anos e sempre lhe dediquei incompreensível simpatia, carinho, por assim dizer: pressentia o futuro. Sê sua amiga, minha filha, seu brinquedo, até, se é forçoso dizê-lo, mas aqueça-lhe o coração e fá-lo por amor de Deus! Admitamos que é ridículo? Ele nem sequer disso tem consciência. Não chega a ser a metade de um homem. Tem dó dele, tu, que és cristã. Contrafazete; com força de vontade consegue-se domar a alma para semelhantes façanhas. Quanto não custa o pensar as chagas nos hospitais, com que repugnância se não respira o ar viciado dos lazaretos: mas não há anjos que desempenham sem asco essas repugnantíssimas tarefas e que ainda dão graças a Deus pela triste sorte que lhes coube? E aí está o remédio de que tanto necessitava o teu magoado coração: uma tarefa heróica! Onde vês tu nisto egoísmo? Baixeza? Não me acreditas, supões que estou representando uma comédia, não podes compreender que uma mulher mundana, neste meio de viver leviano, possa ter uns sentimentos de tanta elevação? Pois bem, não me acredites, minha filha! Desconfia do coração de tua mãe! mas sequer ao menos concorda em que as minhas palavras são sensatas e salutares. Esquece que sou eu quem te estou falando, fecha os olhos, volta-me as costas e põe na tua ideia que é uma voz misteriosa que estás ouvindo... O que acima de tudo te prende, é a questão de dinheiro, essa aparência de compra e venda. Pois bem, rejeita o dinheiro visto que lhe tens tamanha aversão, aceita apenas o necessário, e o resto, dá-o aos pobres. Por exemplo, estende o teu braço àquele desgraçado que está às portas da morte.

— Ele nunca aceitaria, disse a Zina, baixinho, como se estivera falando consigo.

— Dado o caso de que ele rejeite, lá está a mãe para o aceitar em nome dele, responde Maria Alexandrovna sentindo que conseguiu acertar-lhe com a corda sensível. Aceitará sem que ele próprio o saiba. Já vendeste os teus brincos

(presente de tua tia) para lhe acudir, há seis meses, que eu bem o sei, e também sei que a mãe, a pobre da velha, anda a lavar roupa para sustentar o filho.

— Dentro em pouco deixará de precisar seja do que for.

— Compreendo-te! apanha de relance Maria Alexandrovna, (acode-lhe uma inspiração, uma verdadeira inspiração.) Dizem que morre tísico: mas quem é que o afirma? Indaguei a seu respeito, há dias, do Kalist-Stanislavitch... Pois sou a primeira a interessar-me pelo pobre rapaz, também tenho coração, Zina! E o Kalist-Stanislavitch respondeu-me que a doença é grave, não há dúvida, mas que, até hoje, existe apenas uma forte afecção dos brônquios,— tu mesmo lho podes perguntar. E acrescentou que a mudança de clima, impressões fortes, podiam curar o doente. Contou-me ele que, em Espanha — e já não é a primeira vez que o ouço... li-o, até — há uma ilha extraordinária, Málaga, creio eu... enfim, um nome que lembra o de um qualquer vinho — onde não só os que padecem do peito, mas até os próprios tísicos saram de todo, graças ao clima. Vão ali tratar-se fidalgos, e comerciantes ricos. Que ele, efetivamente, a Alhambra — esse palácio encantado — as murtas e os limoeiros, os espanhóis a cavalo nas mulas, não será o suficiente a produzir impressão numa natureza de poeta? Supões que rejeitaria o teu dinheiro?... Enganas-te se tens dó dele! A mentira é perdoável, quando dela depende a vida. Alimenta-lhe a esperança, promete-lhe o teu amor, dize-lhe que casarás com ele quando enviuvares,— tudo se pode dizer com nobreza: tua mãe não era capaz de te dar maus conselhos, Zina! — Hás de fazer tudo isso para o salvar e o bastante para te justificares. Recuperará alento assim que souber que está esperando por ti. Tratar-se-á, seguirá rigorosamente as recomendações do médico, há de querer ressuscitar para a ventura. Se ele se curar, ainda quando não viesses a ser sua mulher, sequer ao menos tê-lo-ás salvo! e se a desventura o tiver mudado, se o houver tornado digno de ti, casarás com ele. Efetuada a cura, poderás alcançar-lhe uma situação na sociedade, facultar-lhe uma carreira. O teu casamento, nestas condições, tornar-se-á possível. Hoje!... que é que os espera a ambos, se porfiassem em perpetrar o ato de loucura de casarem. O desprezo de toda a gente e a miséria.

Pensas acaso que a leitura entre ambos do seu Shakespeare lhes havia de compensar tudo isso? Ficariam a vegetar aqui em Mordassov até que ele morresse, o que não tardaria, aliás. Mas se está na tua mão o incutir-lhe gosto pelo trabalho e pela virtude!

Perdoa-lhe e adorar-te-á. O remorso daquele seu ato vergonhoso apavora-o! O teu perdão tudo irá apagar e reconciliá-lo-á consigo mesmo.

Passa ao serviço ativo, sobe postos, e se morrer, sequer ao menos morrerá feliz, nos teus braços (visto que poderás achar-te a seu lado), seguro do teu amor, do

teu perdão, à sombra das murtas e dos limoeiros, debaixo da cúpula azul de um céu exótico. Ah! Zina! Tudo isto se acha nas tuas mãos; basta que consintas em casar com o príncipe.

Cala-se Maria Alexandrovna. Segue-se prolongado silêncio. A Zina acha-se no auge da aflição.

Não nos abalancemos a descrever os seus sentimentos: não os conhecemos. Mas, a julgar pelas aparências, Maria Alexandrovna encontrou o verdadeiro caminho para o coração da filha. Não há dúvida de que a excelente mãe andou um tanto às apalpadelas, até que por fim conseguiu pôr o dedo na ferida, principiou por magoar sem precaução os pontos mais sensíveis das feridas ainda abertas, a despeito de um desenvolvimento por aí além de sentimentos.

Agora, contudo, logrou introduzir na mente da Zina o pensamento que a si lhe convinha: produzindo-se o efeito, alcançou-se o fim desejado. A Zina escuta com sofreguidão, com as faces afogueadas, o seio a arfar.

— Ora escute, mamã... diz por fim, resoluta, conquanto a súbita palidez manifeste claramente quanto lhe custa semelhante resolução.

— Escute, mamã...

Neste ensejo, contudo, ressoa no vestibulo um ruído: uma voz aguda a chamar por Maria Alexandrovna.

Maria Alexandrovna levanta-se com vivacidade.

— Ah! meu Deus! demônios levem aquela pega! É a coronela! E eu que quase que a despedi, há quinze dias! acrescenta, desesperada...

Mas é impossível recebê-la agora! De todo impossível! E contudo isso... quem me diz que me não virá trazer notícias... aliás, nunca se atreveria. É caso sério, Zina, é-me indispensável sabê-lo, nada se pode desprezar...

— Como lhe fico grata por esta sua visita... quanto estimo!... exclama correndo ao encontro da coronela. A que feliz acaso serei eu devedora de se ter lembrado de mim, minha preciosa Sofia Petrovna? Encantadora surpresa!

A Zina deitou a fugir.

VI

A coronela Sofia Petrovna Farpukhina apenas sugere moralmente o tipo da pega. Quanto ao físico, participa antes do pardal. É uma mulherita cinquentona com sardas entre ruivas e amareladas pela cara e uns olhos que nunca param. O corpo ético, implantado sobre umas sólidas pernas de pardal, esconde-se por debaixo das amplas pregas de um vestido escuro, de seda, em contínuo restralar, visto como a coronela nunca pode estar quieta. É uma lingüeira ruim e vingativa, perde o tino com a seguinte ideia: "Sou coronela." Ela e o marido, coronel reformado, jogavam a unhada a toda a hora: ele ostentava no rosto os sinais das garras da consorte. Ela, prega no bucho com quatro copinhos de vodka, todas as manhãs, e outros tantos ao deitar. Vota um ódio figadal a Ana Nikolaievna Antipova e à Natália Dmitrievna Padkvina, que a sacudiram das suas salas, há oito dias.

— Demoro-me apenas um instantinho, meu anjo, pia a dama; nem sequer me quero sentar. Traz-me aqui unicamente o desejo de lhe contar os singularíssimos acontecimentos que se estão dando. O tal príncipe faz andar numa roda viva esta nossa Mordassov. Os nossos espertalhões — compreende — não lhe largam o rastro, a farejá-lo por todos os cantos, a puxá-lo para todos os lados, obrigam-no a beber champanhe. Eu se o não visse não o acreditava. Como é que o deixou sair? Não sei se sabe que, neste instante, está em casa da Natália Dmitrievna?

— Em casa de Natália Dmitrievna? exclama Maria Alexandrovna dando um pulo na cadeira. Mas se ele ia apenas fazer a sua visita ao governador e a casa de Ana Nikolaievna, e sem tenção de se demorar.

— Para se não demorar, isso sim! E agora, corra atrás dele!

Não encontrou em casa o governador, foi visitar a Ana Nikolaievna, e prometeu-lhe jantar com ela, e a Natachka, bem sabe, que nunca sai de casa, lá estava pespegada; carregou com ele para almoçar. E aí tem o seu príncipe!

— Que me diz! E o Mozgliakov a prometer-me...

— Pois sim! O tal seu Mozgliakov a quem a senhora não se farta de pôr nas nuvens!... Está em casa deles! Olho nele! Veja lá se o obrigam a jogar as cartas e principia para aí a perder como sucedeu o ano passado. E o príncipe é capaz de se deixar limpar que nem um prato. E que calúnias que ela inventa, aquela Natachka! A atordoar os ouvidos a toda a gente com a galga de como a senhora faz a corte ao príncipe com o sentido em... com um certo sentido, não sei se me entende? E pespega-lho a ele na cara, até; e ele sem perceber patavina, sentado para ali como um gato encharcado e a responder, a cada palavra: "Ah! Está claro, está claro!" E sabidas as contas é ela a própria que... Mandou sair a Sonka. Ora imagine! Com quinze anos e anda ainda de vestido curto que mal lhe chega

ao joelho; também mandou vir aquela órfã, a Machka, com um vestido ainda mais curto. Impingiram a ambas uns casquetezinhos encarnados cheios de plumas, não sei para quê, e ao som do piano põem-se a dançar, aqueles dois espinafres, diante do príncipe, a Kozatchok. Ora a minha amiga está farta de conhecer o fraco ao príncipe! A babar-se todo: "Que.. e... fo...ormas!" diz ele "... Que...e... fo...o...ormas!" E a mirá-las pelo monóculo, e elas com uns modinhos, as duas peruas! Todas afogueadas à força de levantarem a perna! E toda a gente a rir, faça ideia como e porquê!... Que nojo! E chamam àquilo dançar! Aqui estou eu que dancei de xale, quando saí do colégio aristocrático de Madame Jarmé: fiz sensação, acredite... pela nobreza!

Fartaram-se até de dar palmas uns senadores. Estavam a educar nesse mesmo colégio filhas de príncipes e de condes. — Mas a tal Kozatchok, aqui para nós, é tal qual o Cancã! E eu com a cara a arder, de envergonhada! Não me pude conter...

— Mas, então... também estava em casa da Natália Dmitrievna? A senhora? Cuidei que...

— Então que quer! Ela ofendeu-me, a semana passada, e não me ensaiei para o pespegar a toda a gente. Mas que quer, minha amiguinha, se eu estava morta por ver o príncipe, ainda que fosse por uma greta da porta, e aí tem por que é que lá fui, apesar de tudo, a casa da Natália Dmitrievna; a não ser o príncipe, não era eu que lá tornava a pôr os pés! Ora imagine; servem chocolate a toda a gente, e a mim, nem raça, nem sequer abrem a boca para me pedir desculpa! Há de ter notícias minhas! Mas adeus, meu anjo, vou-me embora, estou com muita pressa... é-me indispensável encontrar em casa a Apulina Panfilovna para lhe contar o caso. Ah! Pode-se desde já considerar viúva da lindeza do tal príncipe, não é ele que volta para sua casa. Está perdido da memória, bem sabe, e a Ana Nikolaievna terá cuidado em o não deixar sair.

Estão com medo de que a minha amiga... todas elas... não sei se percebe? a propósito da Zina...

— Que horror!

— É como lhe digo; já corre até por essa cidade. A Ana Nikolaievna não o deixa sair sem jantar e depois não o larga. Os planos dela são todos eles armados contra a senhora, meu anjo! Fui deitando o olho para o pátio: que reboliço! Prepararam um jantar com trinta entradas, mandaram vir champanhe. Quer um conselho? Veja se trata de lhe deitar a mão antes de que ele vá a casa dela. Não, que ele, pertence-lhe, é seu hóspede! Não se deixe engazopar por aquela espertalhona, por aquela ranhosa! Não vale a sola de um sapato, lá com ser mulher de um procurador. E eu, aqui onde me vê, sou coronela, fui educada no

colégio aristocrático de Madame Jarmé... Forte nojo! Adeus, meu anjinho, tenho o trenó à espera, se não fosse isso, fazia-lhe companhia.

E abalou a gazeta viva.

Maria Alexandrovna, desesperada, toda ela num tremor. Não padece dúvida que o conselho da coronela é seguro e pratico; não há tempo para perder, mas subsiste ainda a grande dificuldade.

Maria Alexandrovna investe para o quarto da Zina. A Zina andava às voltas pela casa, de mãos no peito, muito enfiada, cabisbaixa, no auge da aflição. Borbotavam-lhe nos olhos as lágrimas. Fulge-lhe porém no semblante uma expressão de decisão, assim que põe os olhos na mãe. Engole as lágrimas e refega-lhe os lábios um risinho sarcástico.

— Mamã, diz ela, antecipando-se a Maria Alexandrovna, desperdiçou tesouros de eloquência em minha honra, de mais, até, visto que me não conseguiu cegar a vista, e eu não ser nenhuma criança. Querer persuadir-me de que, eu, casando com o príncipe, ia praticar um ato de irmã de caridade,— profissão para que não sinto a mínima vocação,— justificar mediante um nobre fim baixezas egoístas, tudo isso representa apenas o mais grosseiro egoísmo, entendeu?

— Porém, meu anjo...

— Cale-se, mamã, tenha paciência, e ouça-me até ao fim. Saiba, pois, que tenho a consciência da sua hipocrisia. Estou pois plenamente convencida de que o verdadeiro fim de tudo isto é vil; e contudo, aceito a sua proposta, completamente, mas *completamente*, entendeu? Estou pronta a casar com o tal príncipe, pronta a ajudar os seus esforços no sentido de o convencer a casar comigo. O motivo desta minha resolução, não é da conta da mamã, baste-lhe saber que me prontifico a tudo: ajudá-lo-ei a enfiar as botas, serei sua criada, hei de dançar para que ele se não arrependa de ter casado comigo. Mas, em troca, peço-lhe que me diga, o modo por que pretende alcançar semelhante resultado. Não ponho em dúvida, visto que se empenha neste negócio, o fato da mamã ter já urdido o seu plano. Transmita-mo, seja franca uma vez na sua vida, eis as minhas condições.

Maria Alexandrovna ficou tão embatucada, que emudeceu sem bulir com um dedo, com os olhos espipados. Contara com a luta contra as ideias romanescas da filha, e ficou estupefata ao vê-la decidida a agir contra as próprias convicções. O negócio toma verdadeira consistência. Maria Alexandrovna, lá por dentro, não cabe em si de contente.

— Zinotchka! exclama entusiasmada, és a carne da minha carne e o osso dos meus ossos!

Nem uma palavra mais pode acrescentar, lança-se nos braços da filha.

— Ah! meu Deus! Dispense-me dos seus abraços, mamã! respondeu, enfadada, a Zina. É absolutamente deslocado esse seu entusiasmo. Exijo uma resposta à minha pergunta, e nada mais!

— Mas, Zina, eu amo-te, adoro-te, e tu a repelires-me! É para te ver feliz que eu ando a trabalhar. E, dos olhos de Maria Alexandrovna borbotavam lágrimas *sinceras*. Efetivamente, ama a seu modo a Zina, e daí, a comoção do triunfo torna-a tão sentimental como qualquer *baba*, àquele general de saias. A Zina sente bem, a despeito de tudo, que a mãe é sua amiga; mas pesa-lhe semelhante amor, preferir-lhe-ia o ódio.

— Pois bem! Não se zangue, mamã; sei muito bem o que vou fazer, se eu estou tão aflita!... disse para tranquilizá-la.

— Eu não me zango, não me zango, meu anjinho, cacareja Maria Alexandrovna recuperando ânimo. Não deixo de avaliar a tua agitação. Mas não vês tu, querida amiguinha... tu pediste-me franqueza... Seja assim, serei franca, mas acredita-me. Lá quanto a um plano inteiramente definido, é coisa que ainda não tenho, nem o posso ter: tudo depende das circunstâncias. Antevejo até algumas dificuldades.

... Se aquela pega, ainda agora, esteve-me para aí a grasnar um chorrilho de péssimas notícias. (Ah! meu Deus! não tenho tempo para perder!) Serei pois franca: juro-te que hei de conseguir o meu fim. Não vás acreditar numa miragem qualquer, numa ilusão; o meu plano assenta todo ele na toleima do príncipe, e representa isso uma talagarça em que se pode bordar tudo que se quiser. O mais importante é que nos deixem operar. E demais, essas fúrias nada podem contra mim! exclama Maria Alexandrovna assentando um murro na mesa. Tem confiança, mas cumpre operar depressa! Hoje ainda façamos o principal, se for possível.

— Está bem, mamã; escute ainda... uma franqueza. Sabe o motivo porque tanto me interessa esse seu plano? É porque não estou segura de mim própria. Disse-lhe que me achava decidida a praticar semelhante baixeza. Mas se os pormenores desse seu plano forem repugnantes em demasia, desde já lhe declaro que me verei obrigada a desistir. Sei que será mais uma baixeza, o resinar-me a entrar no lodaçal e não ter ânimo de lá ficar. Mas que se lhe há de fazer? Se não pode deixar de ser assim!

— Mas, Zina, meu anjo, onde é que tu vês nisto baixeza? replica, tímida, Maria Alexandrovna. Trata-se de um bom casamento, de uma coisa normal; encara as coisas deste ponto de vista e verás que te há de parecer muitíssimo razoável.

— Ah! mamã, pelo amor de Deus, nada de dissimulações para comigo! Estou pronta para tudo, bem vê; que mais quer? Não se escandalize, peço-lho eu, por eu dar às coisas o nome que lhes compete: será, talvez, atualmente, essa a minha única consolação.

E sorriu com tristeza.

— Ora vamos! Vamos! Está bom, meu anjinho; pode haver estima recíproca sem identidade de convicções. Quanto ao meu plano, tem a certeza em como te não irá salpicar de lama, isso te juro eu! Quererás talvez comprometer-me? Tudo há de correr bem, com muita dignidade, até. Não há de haver escândalo. E ainda quando o houvesse, nesse caso, deste ou daquele modo... já nós estaríamos daqui muito longe... dizíamos adeus a Mordassov. E depois, essas gralhas que piassem para aí até rebentar, já nos não fazia mossa. Merecem que façamos caso delas, porventura? E como é que tu, Zina, tão soberba, podes arrepear-te de semelhante gente?

— Ah! mamã, a mim não me metem medo, acredite! Não me entende! respondeu a Zina, irritadíssima.

— Está bom, está bom, minha joia, não te zangues! Onde eu queria chegar era a que essa gentalha praticam vilanias a cada instante, e que tu... por uma só vez... Mas, que digo eu... sempre sou muita tola! Trata-se até de uma nobre ação! Depende tudo do ponto de vista...

— Basta, mamã, basta! exclama a Zina.

E bate o pé.

Deixa lá! meu anjo, não torno mais!

Silêncio. Maria Alexandrovna fica a olhar pelas costas para a Zina, que seguiu por a casa fora com uma expressão de cachorro a olhar para a chibata.

— Nem sequer chego a perceber como é que tenciona dar-lhe volta, prossegue com enfado a Zina. Tenho a certeza de que o resultado que tirará será uma afronta. Pela parte que me toca, tanto se me dá, mas vai ter desgosto, creia.

— Ora! Se é só isso que te dá cuidado, vai descansada, meu anjo!

Contanto que estejamos de acordo, quanto ao mais, pouco importa! Se tu soubesses os tranfes de que eu tenho escapado, sã e a salvo! Em suma, permite-me fazer uma tentativa. É urgente que eu tenha quanto antes uma conferência com o príncipe. Já estou adivinhando o que daqui sairá. De quem eu tenho medo é do tal Mozgliakov.

— Do Mozgliakov? perguntou a Zina com desdém.

— Do Mozgliakov, sim, pois que cuidas? Mas não te assustes, ainda assim, Zina, hei de induzi-lo a auxiliar-me, até. Nem tu sabes ainda quem aqui está, Zina! Ah! tão certa tenha eu a salvação, mas assim que ouvi falar no príncipe, acudiu-me logo semelhante ideia! Foi uma revelação. Quem havia de dizer que ele havia de vir parar a nossa casa! Bem podíamos estar cem anos à espera de uma ocasião destas! Ah! és tão linda, minha Zina! Que beleza! Olha, eu, se fosse homem, atirar-te-ia aos pés um reino! Súcia de asnos! Quem não há de estar morrendo por beijar esta mãozinha? (Maria Alexandrovna, efusiva, beija a mão da filha.) É a carne da minha carne!... É preciso casá-lo dê por onde der, àquele imbecil! E que bem viveríamos depois, Zina! Pois nunca nos havemos de apartar, não é verdade? Não pões na rua tua mãe, quando te vires feliz? Tivemos os nossos desaguisados, mas aonde irás tu encontrar outra amiga como eu? Eu, apesar de tudo...

— Mamã, se está resolvida, é tempo de fazer alguma coisa. Está perdendo minutos preciosos! disse a Zina, com impaciência.

— E já vai apertando. Vai, sim, efetivamente. E eu aqui a dar à língua! Querem açambarcar o príncipe! Vou já a correr. É já; mando chamar o Mozgliakov e carrego com o príncipe, à força, se for preciso. Adeus, Zinotchka! Adeus, meu amor, minha pomba! Não te desconsolares, não desanimes, não estejas triste. Então!... Tudo há de correr com dignidade, com muita, até. Tudo está no modo de encarar as coisas. Enfim! adeus, adeus!

Maria Alexandrovna faz o sinal da cruz à Zina e sai. Investe para o quarto, detém-se um momento em frente do espelho e, dali a dez minutos, lá vai rodando por essas ruas de Mordassov, na carruagem de patins (já dissemos que Maria Alexandrovna vivia à larga.)

— Não, não são vocês que podem lutar de esperteza comigo! A Zina anui, e já é meio caminho andado! Não ser bem sucedida! Que asneira! Ah! Zina, com que então, há cálculos que influem no teu ânimo? Comovi-a fazendo-lhe luzir diante dos olhos um risonho porvir... Como ela estava linda, hoje! Ora, tivera eu sido tão formosa, e haveria revolvido, até, meia Europa. Em suma, paciência, esperemos. O tal Shakespeare há de lhe passar assim que ela se vir princesa... E que princesa não há de ser!... Gosto de a ver assim; tão soberba, tão senhora de si!... Tem uns olhos de rainha!... Como é que ela poderia deixar de conhecer que ia nisso o seu interesse? — Até que enfim percebeu-o! Ficarei vivendo em sua companhia, e há de consentir em tudo que eu quiser. É princesa? pois também eu! Hão de falar de mim, em Petersburgo, até... E adeus... cidadezinha da asneira! O príncipe e o garoto hão de ir marchando desta para melhor, e eu,

caso-a com uma testa coroadada! Há só uma coisa que me mete medo: não terei usado para com ela excesso de franqueza? Assusta-me! Assusta-me deveras!

E engolfa-se em suas cogitações Maria Alexandrovna.

Assim que se viu entre quatro paredes, a Zina pôs-se às voltas no quarto, de mãos atrás das costas, a pensar. E não lhe faltava em quê, com certeza! E a revezes e quase incôscia repetia: "é urgente, é urgente, há já muito tempo que devia estar feito!" Que queria dizer aquela exclamação? Por mais de uma vez as lágrimas lhe refulgiram naquelas pestanas tão longas e sedeudas. Nem pensava, sequer, em as enxugar. A mãe fazia mal em estar-se inquietando! A Zina achava-se disposta para tudo...

"Eu te direi, deixa estar! pensou a Nastassia Petrovna ao sair do seu cadoz da farrapada depois de se haver retirado a coronela. E eu com tenções de pôr uma gravata cor de rosa por causa do tal príncipe! Sempre sou bem tola! A enfeitarme para casar com ele! Ora, uma gravata depressa se põe! Deixa tu estar, minha Maria Alexandrovna! Com que então, eu, sou uma pécora, uma miserável? Aceito duzentos rublos para arrombar uma boceta! Pois já se vê, não deixar escapar a ocasião!... E demais... eu se o fiz foi por ser generosa, pois ainda tive que fazer despesa... Eu te direi! Hei de lhes fazer ver a ambas se sou uma pécora ou se o não sou! Hão de aprender a lidar com a Nastassia Petrovna!

VII

Maria Alexandrovna, contudo, deixava-se arrastar pelo próprio talento. Concebeu um plano grandioso quanto audaz. Casar a filha com um ricoço, com um príncipe e um moribundo; casá-la sem que ninguém o soubesse, aproveitando a senilidade do seu hóspede, era não só ousadia, mas imprudência, até. Não havia dúvida, o projeto era sedutor, porém, em caso de malogro, poderia vir a reverter para o autor numa confusão sem antecedentes. Maria Alexandrovna bem o sabia, mas não era mulher para recuar.

— Tenho-me visto em piores lances, dissera ela à Zina, e era verdade. E seria uma heroína, se assim não fora?

Certamente, o projeto tinha seus visos de bandoleirismo à mão armada; Maria Alexandrovna não era, porém, mulher para se prender com tais ninharias. Resumia o caso num dito muito acertado: "uma pessoa não fica para sempre casada." Era simplicíssima semelhante ideia, mas apresentava à imaginação tamanhas vantagens, que Maria Alexandrovna era a própria a assustar-se.

Como mulher de recursos, dotada de legítima faculdade criadora, urdiu o seu plano num revés de mão. É certo que apenas se lhe pintiparava na mente a

largos traços, um tanto vagos, até. Escasseavam pormenores e havia que contar com circunstâncias imprevistas. Maria Alexandrovna tinha porém confiança em si mesmo. Não era o malogro que lhe metia medo, lá isso, não; o que a sobressaltava, era a impaciência em encetar a luta. A impaciência, a nobre impaciência minava-a, ao pensar nos possíveis obstáculos.

As mais sérias dificuldades, antecipava-as Maria Alexandrovna por parte dos seus nobres concidadãos de Mordassov, e acima de tudo, da nobre sociedade das damas Mordassovenses: Conhecia, por experiência própria, até onde ia o ódio de semelhante gente. Nem sequer punha em dúvida, já se vê, que naquele ensejo toda a gente lhe avaliava as intenções, suposto que ninguém houvesse dito ainda uma palavra fosse a quem fosse. Sabia, à força de triste experiência, que não havia um único acontecimento, por mais secreto que fosse, referente à sua vida, que, dando-se pela manhã, não andasse à noite na língua de todas as mexeriqueiras. Maria Alexandrovna, pois, antevia apenas o perigo, esta casta de pressentimentos, porém, que jamais a haviam enganado, não a enganariam ainda desta vez.

Eis, efetivamente, o que sucedera, e de que ela ainda não tinha conhecimento. Pela volta do meio dia, isto é, três horas, minuto por minuto, depois de haver chegado o príncipe a Mordassov, corriam pela cidade uns boatos algo singulares. Qual teria sido o ponto de partida? Ninguém o sabia, mas caso é que se espalharam ato contínuo.

Afiançava toda a gente que Maria Alexandrovna já tinha prometido a mão da filha, da sua Zina, com vinte e três anos e sem um kopek de dote, ao príncipe: que o Mozgliakov tinha sido posto a andar e que estava tudo resolvido e assinado.

Qual era a causa de semelhantes boatos? Tão bem conheciam Maria Alexandrovna que lhe tivessem adivinhado, com tão perfeita unidade, os mais íntimos pensamentos? Nem a inverossimilhança de um tal boato, visto como um projeto daquele gênero se não leva a efeito no espaço de uma hora, nem a falta evidente de todo e qualquer fundamento, pois ninguém sabia de onde partira a notícia, puderam dissuadir os Mordassovenses. O mais surpreendente, era o haver-se principiado a espalhar o boato no próprio ensejo em que Maria Alexandrovna encetava aquela sua conversa com a Zina a semelhante respeito. Tal é o faro dos provincianos! O instinto dos noveleiros das cidadecas atinge por vezes as raias do maravilhoso. E todavia, o caso explica-se. Baseia-se no estudo íntimo e perseverante do próximo. Todo o provinciano vive debaixo de uma redoma de vidro, como se disséssemos. É-lhe absolutamente impossível esconder seja o que for aos seus honrados concidadãos. Sabem a seu respeito aquilo que ele é o próprio a ignorar. O provinciano, de sua natureza, devia de ser um psicólogo profundíssimo. E eis o motivo porque eu às vezes pasmava

sinceramente de encontrar na província tão poucos psicólogos e tanto imbecil! Mas ponhamos isso de banda.

Estourou a notícia tal qual o raio. O casamento com o príncipe antolhava-se tão vantajoso a toda a gente, tão brilhante, que a face estranha daquele negócio a todos escapou. Dava-se ainda uma circunstância: A Zina era tão odiada ou mais ainda que a própria Maria Alexandrovna; e por quê? Ninguém o sabia. Entraria talvez em linha de conta a formosura da Zina, talvez pelo fato de Maria Alexandrovna, apesar de todos os pesares, ser, muito mais do que a filha, da mesma massa das outras Mordassovenses. Ausentasse-se ela da cidade, e quem sabe, é possível que deixasse saudades. Dava animação à sociedade mediante incidentes variados. Sem ela aborrecer-se-iam. Por outro lado, a Zina, pela sua atitude, parecia pairar nas nuvens e não em Mordassov. Não era da mesma raça, e talvez, inconsciamente, até, tivesse uns modos demasiado altivos. E eis que esta mesma Zina, acerca de quem corria tanta história escandalosa, aquela soberbona, aparecia milionária, princesa e entrava no rol da aristocracia. Dentro de um ou dois anos, talvez, vem a enfiar e casa para aí com algum duque, ou algum general, e quem sabe, com o governador, e coincide exatamente o estar viúvo e o ser grande admirador da formosura o governador de Mordassov. Desde então virá a ser a primeira senhora da província, e um tal pensamento, só por si, era intolerável, nem haveria notícia capaz de provocar tanta indignação em Mordassov.

Estrugiam por todos os lados clamores de raiva. Diziam que era indigno; que o jarreta não tinha o juízo todo; que o tinham enganado, embaido; que urgia livrá-lo da sofreguidão daquelas garras; que, apuradas as contas, era imoral,— uma ladroeira! Que não faltavam meninas valendo tanto como a Zina e em condições de casar com o príncipe.

Todas estas exclamações e estas linguarices eram apenas suposições da parte de Maria Alexandrovna, e já era demais. Estava farta de saber que toda a gente se achava pronta a praticar o possível e o impossível, até, para se opor a seus projetos. Pois não haviam confiscado o príncipe e não tinha agora que o reconquistar a unhas e dentes? E daí, dado ainda o caso de que ela lograsse torná-lo a agarrar e trazê-lo outra vez para sua casa, não poderá contudo tê-lo preso a toda a hora. Em suma, quem é que lhe podia afiançar que hoje, ainda, dentro em duas horas, o coro solene em peso das damas de Mordassov se não terá congregado na sua sala, e a pretexto de ordem tal que se torne impossível recebê-las? Se ela lhes fechar a porta, entram-lhe pela janela. Em conclusão, não se podia perder um instante, e todavia, nada estava feito ainda.

De súbito, eis que brota na mente de Maria Alexandrovna, e amadurece do mesmo jato, uma ideia genial. Referir-nos-emos à dita ideia em lugar competente: neste ensejo, a nossa heroína lá ia rodando a toda a pressa através

das ruas de Mordassov, tremenda e inspirada, decidida a dar batalha para reconquistar o príncipe. Nem sequer sabia o alvitre que esposaria nem onde o iria encontrar; mas sabia com certeza que mais depressa devia afundar-se Mordassov do que falhar-lhe um único de seus projetos.

Do seu primeiro passo não podia sair-se melhor. Encontrou o príncipe na rua e carregou com ele para jantar.

Se me perguntarem o modo porquê, cercada por tantas ciladas armadas contra si, conseguiu pôr o nariz a uma banda à Ana Nikolaievna, declaro que considero esta pergunta ofensiva para Maria Alexandrovna. Deteve o príncipe no ato deste estar à porta da casa da sua rival, e a despeito de tudo, a despeito até das objeções do próprio Mozgliakov, receoso de um escândalo, atirou com o ginjinha para dentro do trem. Era nisto exatamente que Maria Alexandrovna levava as lampas às suas rivais. Nos lances decisivos, não se detinha em presença de um escândalo, tendo como axioma que o êxito a tudo justifica. Escusado será dizer que o príncipe não opôs resistência de maior, e como sempre esqueceu-se de tudo e ficou muito contente da sua vida.

Ao jantar, não fez senão dar à língua, muito alegre, a fazer trocadilhos, a contar anedotas que nunca concluía e passando de uma para outra sem dar por isso. Tinha bebido três copos de champanhe em casa de Natália Dmitrievna. Ao jantar, bebeu mais alguns e ficou alegrinho. Maria Alexandrovna era a própria a lhe não deixar nunca o copo vazio.

Eram irrepreensíveis as iguarias, aquele ladrão do Nitichka esquecera-se de as chamuscar. A dona da casa desvelava-se em eletrizar os seus hóspedes com os enlevos da sua amabilidade. A Zina, contudo, mantinha gélido silêncio, e o Mozgliakov nem por isso estava nos seus dias. Comia pouco, estava muito preocupado, a pensar; e, coisa que raras vezes lhe sucedia, Maria Alexandrovna estava inquieta. A Nastassia Petrovna, mazomba, fazia às escondidas sinais ao Mozgliakov e este sem dar por tal. A não serem Maria Alexandrovna e o príncipe, haveria descambado em jantar de enterro.

E contudo, Maria Alexandrovna encobre íntima aflição: assusta-a a Zina, com aqueles seus modos tristonhos, de olhos vermelhos. E demais, o tempo não sobeja, e Mozgliakov, esse obstáculo material, está para ali como um marco de pedra. Ergue-se da mesa Maria Alexandrovna, minada por funda inquietação. Mas qual não é o seu espanto, deixem-me assim dizer, quando vem ter com ela o Mozgliakov e lhe declara, que sente muito, mas que se vai retirar imediatamente!

— Aonde é que vai, então? indaga ela, com simpatia.

— Eu lhe digo, Maria Alexandrovna, enceta o Mozgliakov atrapalhado, aconteceu-me um caso um tanto esquisito... Nem sei até como lho diga... Mas, pelo amor de Deus, dê-me um conselho.

— Que é, diga lá?

— Meu padrinho, o Borodoniev... conhece, aquele comerciante... encontrei-o hoje... está irritadíssimo, dirigiu-me exprobrações, diz que sou um soberbo. Com esta é a terceira vez que venho a Mordassov sem ir para sua casa. "Vem hoje, me disse ele, tomar uma chávena de chá comigo". São quatro horas em ponto, e ele toma o chá, à antiga, aí pelas cinco horas, depois da sesta. Que quer que lhe eu faça... Eu avalio, Maria Alexandrovna... Mas coloque-se no meu lugar! Foi ele que teve mão em meu pai que se queria enforcar, quando perdeu aquele dinheiro do Estado!... Foi nessa ocasião, por sinal, que ele insistiu em ser meu padrinho. Se for a efeito o meu casamento com Zina Afanassievna, bem sabe que disponho apenas de cento e cinquenta almas, ao passo que ele é milionário, e mais que isso, até, segundo afirmam. Não tem filhos. Se eu estiver a bem com ele, pode deixar-me cem mil rublos. Ora ele está com setenta anos, lembre-se disto!

— Ah! meu Deus! Mas então que é que o prende? Por que está para aí a marralhar? exclama Maria Alexandrovna, disfarçando a custo o contentamento. Vá-se embora, vá! Com essas coisas não se brinca! E era por isso então que estava tão absorto durante o jantar? Vá, meu amigo, não se demore! Mas devia de ter ido vê-lo esta manhã para lhe provar que aprecia a sua benevolência. Ai! esta mocidade!

— Mas, se Maria Alexandrovna tem sido a própria a arguir-me de semelhantes relações! Tudo era dizer-me que era um mujik, parente de taberneiros e agentes de negócio!

— Ah! meu amigo, quanta coisa se diz sem pensar! Também sou sujeita a enganar-me. — Não me tenho na conta de infalível. E daí... não me recordo... mas... é possível que eu me achasse numa tal disposição de espírito... em suma, o senhor não tinha ainda formulado o seu pedido. Certamente, que houve da minha parte egoísmo maternal, mas agora devo encarar as coisas de um ponto de vista novo. Qual seria a mãe que m'o levasse a mal? Vá e não perca um instante. Passe a noite com ele... e ouça lá! Fale-lhe a meu respeito, diga-lhe que o tenho em muita conta, que sou muito sua amiga... Proceda com habilidade. Ah! meu Deus! Tinha-se-me varrido de todo. E era eu que lho devia ter lembrado.

— Ressuscitou-me, Maria Alexandrovna! exclama Mozgliakov encantado. E agora obedecer-lhe-ei em tudo e por tudo. E eu sem me atrever a falar-lhe

nisso! Pois bem, adeus! vou-me embora. Desculpe-me para com a Zinaida Afanassievna. E daí, hei de voltar.

— Receba a minha benção, meu amigo. E não se esqueça de falar a meu respeito. Efetivamente, é um velho estimabilíssimo. Há muito tempo que mudei de opinião a seu respeito. E demais, eu sempre o estimei na qualidade de Russo dos bons tempos, tão despido de artifícios. Até mais ver, meu amigo, até mais ver!

"Foi uma fortuna carregar com ele o demônio! Que estou dizendo, foi o próprio Deus que veio em meu auxílio."

Pavel Alexandrovitch estava já no vestíbulo a enfiar a *chuba*, eis que rompe por ali dentro, saída não se sabe de onde, a Nastassia Petrovna.

— Aonde vai? diz, agarrando-o pela mão.

— A casa do Borodoniev, Nastassia Petrovna, a casa do meu padrinho. Coube-lhe a honra de me batizar. Um velho rico, um padrinho de quem se herda, um homem que se deve amimar.

— A casa do Borodoniev! Pois diga adeus, desde já, à sua noiva, disse com sequidão Nastassia Petrovna.

— Como assim?

— Assim mesmo. Supõe que a tem segura? Isso sim! Vai, mas é casar com o príncipe.

— Com o príncipe. Que me diz, Nastassia Petrovna?!

— Que me diz, quê? — Quer ver com os próprios olhos e ouvir com os próprios ouvidos? Pendure para aí a *chuba*, e venha comigo.

Pavel Alexandrovitch, aturdido, atira para o lado a *chuba* e deixa-se levar para o quarto escuro, cuja porta dá para a sala.

— Mas que quer isto dizer! Nastassia Petrovna, não percebo patavina.

— Perceberá assim que ouvir. A comédia não tarda a principiar.

— Qual comédia?

— Chiton! Não fale tão alto! Qual comédia? E é o senhor que paga as despesas; andam a enganá-lo; esta manhã, assim que o senhor saiu com o príncipe, a

Maria Alexandrovna pôs-se a apoquentar de dor d'ilharga a Zina, mais de uma hora, com o sentido em persuadi-la a aceitar para marido aquele jarreta dengonços. Dizia ela que não havia nada mais fácil do que era o enredá-lo. Propunha uns tais alvitres que a mim própria me causavam asco. Ouvi-os daqui, a Zina anuiu. E que cama lhe não fizeram ao senhor, ambas de duas! Tem-no na conta de um imbecil, e a Zina declarou formalmente que não casava com o senhor por coisa nenhuma deste mundo. E eu, tão tola, que já me estava até enfeitando para pôr ao pescoço uma gravata cor de rosa!

Mas escute! escute!

— Se assim é... é uma infâmia! murmurou Pavel Alexandrovitch, esparvoado, fitando olho a olho a Nastassia Petrovna...

— Mas escute! Vai ouvir o bom e o bonito!...

— Escutar onde?

— Debruce-se se ali naquela frincha da porta.

— Mas... Nastassia Petrovna, eu sou lá homem que me ponha a escutar às portas?!

— Emprega bem o seu tempo! Aqui, meu paizinho, é preciso meter a honra na algibeira. Desde que cá veio, escute...

— Contudo...

— Se não quer, resigne-se a ficar a chuchar no dedo! E a mim que me importa? Eu com dó do senhor, e o senhor com cerimônias! Será para mim que eu ando a trabalhar? Eu, por mim, já nem cá fico esta noite.

Pavel Alexandrovitch, muito contra sua vontade, encosta o ouvido à fisga da porta. Referve-lhe o sangue nas artérias. Não percebe uma palavra de quanto em volta de si se está dando.

VIII

— Com que, então, divertiu-se muito, príncipe, em casa da Natália Dmitrievna? indaga Maria Alexandrovna, deitando olhar sôfrego para a futura presa.

(Enceta de propósito as hostilidades do modo mais inocente. De comovida, tem o coração aos pulos.)

Depois de jantar, transferiram o príncipe para a sala onde este havia entrado pela manhã. O ginjinha, com lastro de seis copos de champanhe, já não conserva equilíbrio. Em compensação, não cessa de badalar. Maria Alexandrovna percebe que é apenas uma excitação de momento e que o hóspede, dali a nada, ferra consigo a dormir. Cumpre pois aproveitar a ocasião. Nota com júbilo que o voluptuário ginjinha dispara à Zina uns olhares de gula. Rejubilam os seus maternais sentimentos.

— Ex...tre...e... ma...mente! e, não sabe? é uma mulher incom...pa...ra...á...vel... aquela Natália Dmitrievna, uma incompa...rá...vel mulher!

A despeito dos muitos cuidados, aqueles louvores tributados à rival fazem sangrar o ciúme a Maria Alexandrovna.

— Ora vamos, príncipe! exclama com os olhos a ferir lume, se essa sua Natália Dmitrievna é uma mulher incomparável, tapa-me a boca, mas é preciso que o príncipe conheça muito mal esta nossa sociedade! Não passa tudo de um alarde descarado de sentimentos ausentes, comédia, verniz, ouro ao de cima.

Erga uma pontinha às aparências, e encontrará um verdadeiro inferno escondido por baixo das flores, uma ninhada de víboras prontas a tragá-lo.

— De...ve...ras! Estou pa...a...asmado!

— Sou eu que lho digo! Ah! meu príncipe! Ora escute, é a Zina! Assiste-me o dever— e a tanto me vejo obrigada — de contar ao príncipe uma aventura ridícula que se deu a semana passada, com aquela Natália Dmitrievna — lembras-te? — Sim, príncipe, com aquela Natália a quem tanto admira.

Ah! meu caro príncipe, afirmo-lhe que não sou mexeriqueira, mas devo contar-lhe isto unicamente para lhe dar uma amostra viva e irrisória da nossa sociedade.

Haverá quinze dias veio visitar-me essa tal Natália Dmitrievna. Estavam servindo o café, e eu tinha que sair. Lembro-me muito exatamente das pedras de açúcar que ficaram no meu açucareiro de prata: estava cheio. Volto, e que hei de eu ver? Restavam apenas três pedrinhas. Ora, a Natália Dmitrievna tinha ficado sozinha! Que me diz a isto?

Tem casa, dinheiro, tudo que lhe apetece... É cômico e pequenino, pois não acha? — E por aqui já pode avaliar o que é esta nossa sociedade em Mordassov.

— De...ve...ras? — É uma gulodice... sobre...natural! Mas como é que ela pôde engolir um açucareiro?

— E aí tem a sua mulher incomparável, príncipe; se já se viu uma vergonha assim? Eu por mim estou que antes queria morrer, do que resolver-me a praticar um ato tão nojento!

— Está c...claro!... está... claro! — Mas ainda assim— sempre lhe digo, que é uma linda mulher!

— Quem? A Natália Dmitrievna! Ora vamos, príncipe, ela o que é é uma pipa. Ah! príncipe, príncipe, que está dizendo? Sempre fiz outra opinião do seu bom gosto!

— Está— c...claro — uma pipa! — Mas ainda assim— sempre lhe digo que é bem feita; e depois, aquela pequer...rucha que dançava... essa também é... bem feita.

— A Sonitchka? Ora! Uma pequena! Tem apenas quatorze anos.

— Está... claro! — mas ainda assim... é tão leve... e com umas formas... tão... jeitosinhas!... E a outra que dan...çou com ela?

— Ah! aquela sirigaita daquela órfã, príncipe?

— Está claro — órfã! É porquinha,— devia ao menos ter lavado as mãos,— mas é sedu...u...u...tora.

E o príncipe, enquanto vai falando, não despega, com crescente avidez, o monóculo do semblante da Zina.

— Mas... que... linda... me...nina! tartamudeia... meio estarrecido...

— Zina, vê se tocas alguma coisa, ou antes... canta. Canta que é uma delícia, príncipe; chega a ser uma virtuose, ousou afirmá-lo, uma verdadeira virtuose. E se soubesse, príncipe, prossegue a meia voz Maria Alexandrovna enquanto Zina se aproxima do piano, com aquele seu andar, lento e cadenciado, que põe num sobressalto o jarreta, e se soubesse a que ponto é amorável, como é carinhosa para comigo! Que coração! Que sentimentos!

— Está claro! Sentimentos! E se quer que lhe diga... ainda não conheci senão uma mulher que se lhe possa comparar como formosura, responde o príncipe a engolir a saliva, é a condessa Naniskara; que Deus tem. Já lá vai há trinta anos. Que mulher! Que maravilhosa formosura! Casou com o cozinheiro.

— Com o cozinheiro, príncipe!?

— Está claro — o cozinheiro, um francês, no estrangeiro. — E arranjou-lhe lá no estrangeiro um título de conde. Um homem muito instruído, com uns bigodinhos.

— E como é que viviam, e onde, príncipe?

— Está claro — viviam muito bem! E daí, não tardou muito que se não apartassem. — Ele roubou-a e safou-se. Quer-me parecer que jogaram as cristas lá por causa de um molho.

— Que queres que eu toque, mamã?

— Por que não cantas, antes? Se soubesse como ela canta, príncipe! Gosta de música?

— Está c...laro! Um encanto — um encanto! Gosto imenso de música! Co...onheci muito Beethoven, no estrangeiro.

— Beethoven! Ora imagina, filha, o príncipe conheceu Beethoven! clamou Maria Alexandrovna, maravilhada. Ah! príncipe, pois deveras, conheceu Beethoven?

— Está c...laro: Éramos íntimos amigos. Tinha o nariz sempre atulhado de rapé... Que sujeitinho tão ratão!

— Quem, Beethoven?

— Está c...laro,— Beethoven? E não seria talvez Beethoven... mas sim outro qualquer. Há muito alemão, por toda a parte... Que eu, afinal, parece-me que estou equivocado.

— E que hei de eu cantar, mamã?

— Ah, Zina! Canta-me aquela romança, não te lembras? Aquela que tem um acento tão cavalheiresco: a castelã e o seu trovador— Ah príncipe, sou doida pelos assuntos cavalheirescos! Os castelos! aquele viver medieval! Trovadores, arautos! Festas e torneios!... Vou te fazer o acompanhamento, Zina... Sente-se aqui, mais perto, príncipe! Ai! os castelos, os castelos!

— Está c...laro! os castelos... também gosto de cas...telos, repete o príncipe assestando na Zina o olho solitário: Mas... santo Deus! que romança!... Estou a conhecê-la... Há que tempos... que tempos que a ouvi... recorda-me... ah! meu Deus!...

Não me incumbo de dizer o que foi que sucedeu ao príncipe, quando a Zina entrou a cantar. Cantava uma romança francesa, muito antiga e que estivera em moda, nos seus tempos. A Zina cantou a primor. A voz pura de contralto ia direita ao coração. O lindo rosto, os magníficos olhos, os dedos fusiformes a voltarem as folhas, os bastos e negros cabelos, tão lustrosos, o seio aflante, a sua pessoa fera e linda, toda ela, concorria tudo a enfeitiçar o pobre do gebo. Não despegou os olhos de cima dela enquanto ela esteve a cantar. Sufocava de comovido. Aquele senil coração, esquentado pelo champanhe, pela música e pelas reminiscências, palpitava cada vez com mais força, e como não havia palpitado há tanto tempo! Estava a ponto de chorar quando ela acabou.

— Oh! minha linda menina! exclamava, a beijar-lhe os dedos, estou encantado!
— E só agora é que me lembro... mas... mas... Oh! minha linda menina!...

O príncipe nem foi senhor de concluir.

Maria Alexandrovna sentiu haver chegado o momento psicológico.

— Para que anda a dar cabo de si, príncipe? — encetou com solenidade. Quantos sentimentos, quantas forças vitais, quanta riqueza moral lhe não resta ainda? E com tudo isso, foi emparedar-se por toda a vida num cárcere! Fugir do mundo! Das amizades! É imperdoável! Pense bem, príncipe! Encare a vida, como se disséssemos, com uns olhos límpidos! Lembre-se do passado, da sua áurea juventude, dos seus dias sem cuidados. Ressuscite esse passado, ressuscite-se a si próprio! Volte a viver entre a sociedade dos vivos: vá até ao estrangeiro... À Itália, à Espanha, príncipe, à Espanha. Precisava de um guia, de um coração que lhe tivesse amor, que o estimasse e que lhe fosse simpático.

Pois bem! O príncipe tem amigos, apele para eles e virão em monte. Cá estou eu que seria a primeira a dar de mão a tudo, e a deitar a correr para acudir ao seu chamado! Não me esqueço da nossa antiga amizade, príncipe! Deixaria, até, meu marido, se estivesse mais nova, e fosse tão formosa como minha filha, fazia-me sua companheira, sua amiga, sua mulher, até, se o desejasse.

— Estou certo de que, nos seus tempos, deve de ter sido uma mulher encantadora, disse o príncipe a assoar-se.

Tinha os olhos arrasados de lágrimas.

— A nós próprios sobrevivemos nos nossos filhos, príncipe, responde efusiva Maria Alexandrovna. Também eu tenho o meu anjo da guarda, a amiga dos meus pensamentos, do meu coração, príncipe! Rejeitou até agora sete pedidos de casamento, por se não querer apartar de mim.

— E por conseguinte, vai consigo quando me acompanharem ao estrangeiro? Sendo assim, irei para o estrangeiro... está resolvido... exclama o animadíssimo príncipe. — Absolutamente!... E se eu pudesse lisonjear-me com a esperanças... Mas é uma menina portentosa, portentosa! Ah! minha linda menina!

E o príncipe volta outra vez a beijar os dedos à Zina. Tentou até ajoelhar-lhe aos pés, o pobre do homem.

— Então!... então, príncipe, ia dizendo que se pudesse lisonjeá-lo a esperança?... agarrou no ar Maria Alexandrovna, sentindo brotar-lhe novo acesso de eloquência. Que homem tão singular é o príncipe!... Não se considera então digno da atenção das mulheres! A formosura não consiste apenas na mocidade! Lembre-se de que é uma relíquia da aristocracia russa! É o representante dos mais refinados, dos mais cavalheirescos sentimentos, e das mais requintadas maneiras! E a Maria não amou o Mazepa porventura? Li algures que Lauzun, um marquês sedutor da corte de Luis... não sei quantos... já velho, conquistou uma das mais supinas beldades do seu tempo!... E demais, quem foi que lhe meteu em cabeça que já era velho? Quem se atreveu a afirmá-lo? Homens como o senhor envelhecerão jamais, porventura? O príncipe, tão opulentamente dotado de sentimento, de alegria, de espírito, de força vital, de tão delicadas maneiras! Fosse o príncipe para aí a qualquer estação banhar-se com uma mulher jovem, com uma beldade como a Zina, para não irmos mais longe,— e eu lhe diria que efeito colossal não havia de produzir, o senhor, relíquia da nossa aristocracia; ela, uma beleza de rainha! Ela, com aquele seu pisar majestático, de braço dado com o príncipe, a cantar numa sociedade aristocrática; o príncipe, pela sua parte, a fuzilar ditos de espírito! Era caso para acudir os banhistas em peso a fazer-lhe corte! Dava brado por toda essa Europa! Pois teria a seu favor os jornais, todos eles folhetins, e surgia um grito unânime: "Príncipe! Príncipe!"

E o senhor a dizer: "Pudesse eu lisonjear-me com a esperança?"

— Os jornais... está claro, está claro!... Os folhetins... balbucia o príncipe, que não percebeu nem metade do aranzel de Maria Alexandrovna e cada vez está mais lamecha... Mas... minha rica menina... se se não sente fatigada, repita outra vez aquela romança que cantou ainda gora...

— Ah! príncipe, ela sabe outras ainda mais bonitas! Conhece a *Andorinha*? Já a ouviu?

— Está claro... mas já não me lembra...

Não... não!... aquela que cantava há pouco: não quero a *Andorinha*! Quero aquela tal romança: disse o príncipe a pedinchar como um pequerrucho.

A Zina recomeça a aludida romança. O príncipe não pode ter mão em si e ajoelha-lhe aos pés a chorar...

— Oh! minha formosa castelã! (Treme-lhe a voz de senilidade e de comoção).

Oh! minha en...can...tadora castelã! Oh! minha querida menina! Quanta coisa me não veio recordar do passado!... E eu, então, vivia esperançado em outro porvir. Nesse tempo cantava eu com a viscondessa... uns duetos... essa mesma romança... e agora... ah! Sei muito bem o que me espera!

O príncipe proferiu aquela discurso em voz entrecortada e ofegante, intoiriu-se-lhe a língua... tornam-se ininteligíveis algumas palavras. Apenas se vê que atingiu o acume da comoção. Maria Alexandrovna apressa-se em lançar azeite no lume.

— Príncipe! quer me parecer que se vai apaixonando pela Zina.

A resposta do príncipe vai além de quanto ousaria esperar Maria Alexandrovna.

— Estou apaixonado por ela a ponto de enlouquecer! exclama o velhito muito exaltado e sempre de joelhos.

Estou pronto a sacrificar-lhe a minha vida... pudesse eu ao menos ter esperança... Mas levante-me, por quem é... sinto-me um tanto fraco... Se eu... ao menos, pudesse nutrir a es...pe...perança oferecia-lhe o meu coração... e então... eu... Havia de cantar-me todos os dias ro...ro...man...manças, e eu a olhar para ela sempre... sempre... sempre... ai, meu Deus!

— Príncipe, príncipe! Está oferecendo a minha filha a sua mão, quer-ma roubar, a mim, a minha Zina! O meu enlevo, o meu anjo, Zina! Não te deixarei nem por quanto ha! Zina! Venha alguém arrancá-la dos braços, dos braços de sua mãe; se é capaz!

Maria Alexandrovna atira-se à filha e estreita-a nos braços, conquanto se sinta repelida com força. A mamã exagera um tanto ou quanto a comédia, e a Zina está em transes de asco. Mas não abre a boca, é tudo quanto deseja Maria Alexandrovna.

— Já rejeitou nove partidos só para se não apartar da mãe! clama. Agora, contudo, o meu coração antevê o apartamento. Não há ainda um instante, reparei que olhava para o príncipe de modo particularíssimo... A sua

aristocracia, a sua finura seduziram-na, príncipe!... Oh! O príncipe apartar-nos-á... estou-o a sentir.

— A...do...oro-a! murmura o príncipe a tremelicar como uma folha.

— Com que então desamparas a tua mãe! exclama Maria Alexandrovna atirando-se outra vez ao pescoço da filha.

A Zina, morrendo por pôr ponto a tão penosa cena, estende ao príncipe a linda mão, e faz esforço para sorrir. O príncipe agarra respeitoso naquela mão e por pouco a não come com beijos.

— Agora, sim, agora é que eu princípio a viver!...

— Zina! diz com solenidade Maria Alexandrovna: é o mais delicado, o mais nobre dos homens! Um cavaleiro da idade média! Ela bem o sabe, príncipe, e sabe-o até demais, por minha desgraça!... Ah!... Oxalá cá não tivesse aparecido... Entrego nas suas mãos o meu tesouro... Conserve-o, príncipe!... Escute os rogos de uma mãe! Qual será a mãe que poderá levar-me a mal a minha mágoa?!

— Basta! mamã! murmura a Zina.

— Há de defendê-la, príncipe, a sua espada há de fulgir se as calúnias se atreverem a tocar-lhe!

— Basta mamã, aliás...

— Está c...claro... a minha espada!... murmura o príncipe. Quero que o ca...casamento se realize, quanto antes... agora... é que eu deveras prin...cípio a viver!... Tenciono mandar desde já a Dur...ka...kanovo... Tenho lá uns brilhantes, quero pô-los a seus pés.

— Que ardor, que arrebatamentos, que nobreza de alma! E lembrar-me eu, príncipe, de que se estava a perder naquele ermo!... Não me canso em repetir... Eu, quando me lembro daquela... infernal... toda eu me horrorizo!...

— Mas que queria que eu fizesse?

Tinha tanto... me...medo! choraminga o príncipe. Queriam pregar comigo numa casa de saúde... e tive... me...medo!

— Numa casa de saúde! Ah! que miseráveis! Que vileza, que crueldade!... Já me constou isso mesmo, príncipe! Mas essa gente está doida! Mas por quê... por quê?...

— Se quer que... lhe diga, nem eu o sei, responde o ginjinha caindo derrengado de cansaço na poltrona. Foi assim — estava eu num ba...baile, e contei-lhe uma anedota. — Desagradou-lhes e aí está... e resultou daí uma história... uma histó...ria.

— E foi esse apenas o motivo?

— Não foi, eu também tinha jogado as cartas com o príncipe Pedro Dmirititch, e perdido imenso... tinha dois reis e três... da... damas... quero dizer, três da... da... mas e dois r...reis... Não é isto... um r...r...rei e só... da...damas!

— E foi só por isso! — por isso! — Infernalíssima protervia! Não chore, príncipe! Não lhe torna a acontecer! Daqui em diante, encontra-me a seu lado, meu príncipe! — Pois não me aparto da Zina, e veremos quem é que se atreve a abrir boca. Sabe o que lhe digo, príncipe? Que o seu casamento vai deixá-los consternados; vai envergonhá-los! Hão de ver que ainda é capaz... quero dizer... compreenderão que tão peregrina beldade nunca iria casar com um mentecapto! — E agora, pode olhar para eles rosto a rosto, de cabeça erguida!

— Está— claro... rosto a rosto! — murmura o príncipe fechando os olhos.

— Está derreado de todo, diz consigo Maria Alexandrovna; creio que estarei a soltar palavras ao vento.

— Está comovido, meu príncipe, precisa de ir descansar, diz debruçada sobre ele com maternal solicitude.

— Está... c...claro... encostar-me um bocadinho.

— É tal qual... Estes abalos! — Espere aí, vou acompanhá-lo. Eu própria irei deitá-lo, se for necessário... Por que é que está a olhar tanto para aquele retrato, príncipe?

É o retrato de minha mãe, não era uma mulher, era um anjo! Oh! oxalá ela ainda cá estivesse! Era uma santa, uma santa, sim, nem lhe posso dar outro nome!

— Uma s...anta, é bonito!... Eu também tive mãe, uma senhora extre...e...ma...mente nut...trida... E daí, não é isso que eu queria dizer... Estou um tanto fatigado... Adeus... minha linda menina... amanhã... em sum...ma... não importa... Até mais ver... até mais ver!...

Tenta fazer um gesto gracioso, mas escorrega no pavimento encerado, e por pouco se não desequilibra.

— Cuidado, príncipe. Encoste-se ao meu braço! grita Maria Alexandrovna.

— Um encanto! um encanto! Agora sim, agora começo a viver!

Ficou a sós a Zina. Sentia uma opressão, um desprezo para consigo mesmo. Com as faces a esquentar, as mãos contraídas, os dentes enclavinhados. Inerte, e a vergonha a arrasar-lhe os olhos de lágrimas...

Neste lance, eis se abre a porta e investe pela sala dentro o Mozgliakov— fulvo de raiva!

IX

— Ouvi tudo, tudo!

A Zina a fitar-lhe uns olhos espantados.

— Ah! E são esses os seus sentimentos! exclama com a voz tomada. Até que por fim aprendi a conhecê-la!

— A conhecer-me? repete a Zina (fulgem-lhes os olhos, de cólera). Atreve-se a falar-me assim?

Dá um passo para o mancebo.

— Tudo ouvi! insiste solene o Mozgliakov, recuando porém um passo, mau grado seu.

— Ouviu? — Espionou, diga! emenda a Zina a mirá-lo com desprezo.

— Espionei, seja? É verdade, decidi-me a praticar semelhante vilania! Mas, graças a ela... fiquei afinal sabendo que é a mais... nem sei como qualificar a sua... tartamudeava o mancebo, de mais em mais atrapalhado sob o olhar da Zina.

— E quando haja ouvido a tudo, que é que me poderá lançar em rosto? Quem lhe deu o direito de me acusar, de me falar nesse tom?

— Com que direito!... Eu!? E ainda m'o pergunta!? Intenta casar com o príncipe... e a mim não me assiste o direito...!... Pois não me deu a sua palavra?

— Quando?

— Quando, essa é melhor!

— Esta manhã, sem irmos mais longe, o senhor a apertar comigo e a minha resposta formal foi que nada lhe podia afirmar de positivo.

— Mas não me rejeitou em absoluto, e por conseguinte, guardava-me para o não chega — poupava-me!...

Contraíu-se o semblante à Zina com dolorosa sensação, mas não se atenua o desprezo que sente para consigo.

— Se o não escorracei, responde em voz grave e compassada, mas algo trêmula, foi unicamente por compaixão. Suplicava-me que esperasse, que lhe não dissesse que não. "Vá aprendendo a conhecer-me"— disse o senhor um dia, "e quando se houver convencido de que sou um homem de caráter digno, é possível que me não rejeite." Foram estas as suas palavras, no princípio das nossas relações, não as poderá renegar: E agora atreve-se a dizer, que o guardo para o não chega! Pois não percebeu, esta manhã, o meu aborrecimento por ver como antecipava de quinze dias o seu regresso? E todavia, não lhe encobri esse meu enfado, e o senhor foi o próprio a notá-lo, visto que me perguntou se me não agastava este seu regresso prematuro. Chama então poupar um homem o não lhe poder encobrir o fastio que alguém experimenta em ver esse homem? Ah! Eu então guardava-o para o não chega!? Não! eu dizia comigo, a seu respeito: "Se não é demasiado inteligente, é bondoso, quando menos"... agora, contudo, fiquei sabendo — a tempo, felizmente — que tem tanto de mau como de tolo, e só o que me resta é desejar-lhe boa jornada! Adeus!

A Zina volta-lhe as costas e caminha, de seu vagar, para a porta. Mozgliakov compreende que tudo está perdido; referve-lhe a raiva.

— Ah! com que, eu, então, sou tolo! vocifera; tolo! — Muito bem! Adeus! Mas, antes de me ir embora, saiba que a toda a gente há de constar a infame comédia que aqui estão representando... tanto a senhora como sua mãe. Vou contar tudo a toda a gente, que embebedam o príncipe, que o subornam! Há de ouvir falar de Mozgliakov!

Estremece a Zina, vai para responder, mas, volvido um instante de reflexão, encolhe os ombros, desdenhosa, e bate-lhe com a porta na cara. Neste conflito, assoma aos umbrais Maria Alexandrovna. Ouviu as últimas exclamações de Mozgliakov e adivinhou o restante. O Mozgliakov sem, se ir ainda embora! O Mozgliakov à ilhargá do príncipe! O caso espalhado por toda a cidade pelo Mozgliakov! E todavia, é indispensável guardar segredo... Maria Alexandrovna, num relance, tudo calculou, a tudo preveniu, e urde um plano para aplacar o Mozgliakov.

— Que tem, meu amigo? diz estendendo-lhe a mão, cordial.

— Como *meu amigo!* exclama o outro furibundo. E depois de tudo isto; meu amigo! *Morgen Früh*, minha senhora. Meteu-se-lhe então em cabeça embaçar-me outra vez?

— Sinto, deveras, acredite, sinto imenso vê-lo em um estado de espírito tão estranho, Pavel Alexandrovitch. Que linguagem! Nem sequer mede as palavras em presença de uma senhora!

— Em presença de uma senhora!... Será quanto quiser... menos uma senhora.

(Ignoro o que é que ele queria dizer, mas, com certeza, devia de ser um qualquer ultraje, de esmagar.) Maria Alexandrovna com os olhos nele e um risinho de comiseração:

— Sente-se, diz, com tristeza, apontando para a cadeira na qual, um quarto de hora antes, estivera sentado o príncipe.

— Mas no fim de contas, não me dirá, Maria Alexandrovna?... exclama Mozgliakov, desnorteado. Está-me tratando como se a senhora estivesse inocente e fosse eu o culpado! Não pode ser!... Vai muito além dos limites! É abusar da paciência... de todo... digo-lhe isto!

— Meu amigo... responde Maria Alexandrovna — e deixe-me dar-lhe ainda este título, pois neste mundo não terá melhor amiga... —o senhor está aflito, excitado, ferido no coração, e devo pois relevar-lhe semelhantes desmandos de linguagem. Pois bem, vou abrir-me com o senhor. Tanto mais que eu, até certo ponto, não deixo de ter culpas para com o senhor. Sente-se, pois, e conversemos. A voz de Maria Alexandrovna assumiu o auge da meiguice, é compungida a sua expressão fisionômica.

Senta-se Mozgliakov.

— Esteve escutando à porta, diz ela com uns modos de exprobração e de indulgência, ao mesmo tempo.

— Escutei, sim! E por que não? Nem que eu fora um asno!... Se quer ao menos fiquei sabendo o que andava a maquinar contra mim, responde Mozgliakov, haurindo valor da própria cólera.

— E resolver-se a senhora, com a sua educação, as suas maneiras, a representar semelhante papel! Santo Deus! Mozgliakov está aos pulos na cadeira.

— Maria Alexandrovna, não posso ouvir-lhe uma palavra mais! Melhor será que se lembre do que está fazendo, a despeito da sua educação e das suas maneiras, e diga-me se lhe assiste o direito de acusar a outrem!

— Ainda uma pergunta, prossegue ela sem responder. Quem foi que lhe sugeriu a ideia de escutar à porta? Quem será que anda por aqui a espiar-me os passos? É isso o que eu não se me dava de saber!

— Lá quanto a isso, tenha paciência, não serei eu quem lho diga.

— Muito bem, eu tratarei de o saber... Dizia eu, pois, Pavel, que não deixo de ter culpas para com o senhor, mas, se é que pode julgar-me com conhecimento de causa, verá que se tenho alguma culpa é a de lhe querer bem em demasia.

— Com que então, quer-me bem? — Esta a caçoar comigo, e certifico-lhe que não torna a enganar-me; serei muito criança mas nunca até esse ponto!

E ele, num sarilho na poltrona, e a poltrona a tremer.

— Por quem é, meu amigo, sossegue se é possível, escute com atenção, e verá que há de concordar comigo. Eu, a principio, tencionava contar-lhe tudo, pô-lo em dia com tudo sem que se lhe tornasse necessário aviltar-se ao ponto de escutar às portas. Se o não fiz, foi unicamente porque o negócio se achava ainda em estado de projeto e podia malograr-se. Bem vê a franqueza de que uso para com o senhor. E, acima de tudo mais, não se volte contra minha filha, que de nada tem culpa. É doida pelo senhor, e custou-me os olhos da cara arrancar-lha ao senhor e persuadi-la a aceitar o oferecimento do príncipe.

— E eu, que com os meus próprios ouvidos, ouvi,— neste instante, provas desse tal louco afeto, replica irônico Mozgliakov.

— Muito bem! Mas em que termos se lhe dirigiria o senhor? É assim que se expressa um namorado? Será essa a linguagem própria de um homem de fino trato? Ofendeu-a, irritou-a.

— Como se fosse questão de fino trato, Maria Alexandrovna! Esta manhã, ambas me faziam boa cara, mas assim que eu saí e mais o príncipe, puseram-me pelas ruas da amargura. — Estou ciente de tudo... tudo.

— Bebido da mesma fonte ignóbil, provavelmente, observou Maria Alexandrovna com risinho de desdém. É verdade, Pavel Alexandrovitch, pu-lo pelas ruas da amargura e, confesso, Deus sabe quanto me custou. Quanto não tive eu que lutar com os próprios sentimentos! Mas bastará o fato de eu me ver na necessidade de o caluniar para lhe provar a dificuldade que eu encontraria em obter dela que desistisse do senhor! É possível que não veja um palmo adiante do nariz? Se ela lhe não tivesse amor, eu teria alguma necessidade de apelar para calúnias? E ainda o senhor não sabe o melhor! Tive que valer-me da minha maternal autoridade para lho arrancar a ela do coração! Em conclusão, depois de esforços inauditos, consegui alcançar uns arremedos de

consentimento... E visto que estive à escuta, não deixaria de notar que ela não me ajudou em presença do príncipe com uma palavra, sequer, ou com um gesto. Cantou para ali como um autômato; em visíveis aflições toda ela, e foi por ter dó dela, que eu carreguei com o príncipe. Tenho a certeza, até, de que se pôs a chorar, assim que se apanhou sozinha. O senhor bem viu, quando entrou... Mozgliakov recorda-se de que efetivamente a Zina estava a chorar quando ele entrou.

— Mas a senhora, a senhora, por que é que está assim tão contra mim, Maria Alexandrovna? Por que é que me foi caluniar segundo é a própria a afirmá-lo.

— Ora, isso agora é outro negócio; e se o senhor mo tivesse perguntado em termos logo ao principio, há muito tempo que lhe teria dado resposta. Sim, tem razão, fui eu que fiz tudo, eu, sozinha: não esteja a acusar a Zina. Por que foi que o fiz? E eu respondo-lhe: primeiramente, por interesse da Zina. O príncipe é rico, representante de nobilíssima casa, tem relações, e casando com ele a Zina faz um ótimo casamento. Enfim, se ele morrer, o que não poderá tardar muito, pois todos nós, mais ou menos, somos mortais,— nesse caso, a Zina, nova e viúva, pertencendo à alta sociedade, fica riquíssima e casa com quem quiser. Ora, está claro que irá casar com o homem a quem ama, e que foi o primeiro a quem teve amor, e cujo coração terá martirizado casando com o príncipe. E bastará o arrependimento... O ato que terá mais a peito será o de remediar a própria falta.

— Hum! rosna Mozgliakov pensativo, a contemplar os bicos das botas.

— Em segundo lugar... mas serei breve a semelhante respeito, é possível que me não compreendesse. O senhor só o que sabe é ler o tal seu Shakespeare, fonte aonde exclusivamente vai beber os seus nobres sentimentos; e daí, o senhor está tão moço! Eu, contudo, sou mãe, Pavel Alexandrovitch. Caso a Zina com o príncipe um tanto por causa dele também, visto que para ele o casamento pode representar a salvação! Há tanto tempo que voto amizade àquele honradíssimo ancião, tão bondoso, cavalheiresco! Quero arrancá-lo às garras daquela infernal criatura que há de pregar com ele na cova!... Invoco a Deus por testemunha em como foi patenteando à Zina todo o alcance do heroísmo da sua dedicação que eu pude convencê-la.

Arrastou-a o irresistível prestígio da abnegação. Ela própria tem o que quer que seja de cavalheiresco. Submeti-lhe o meu projeto sob calor de um ato cristão. Vais ser, lhe disse eu, o amparo, a consolação, a amiga, a filha, a beldade, o ídolo de um homem que talvez que nem um ano tenha de vida. Mas sequer ao menos, extinguir-se-á no doce calor do amor. Estes seus últimos dias parecer-lhe-ão um paraíso. Onde é que vê nisto egoísmo, Pavel? Não! e não! É um ato de irmã de caridade.

— A senhora, então, procede desse modo, por amizade para com o príncipe... À laia de irmã de caridade? comenta o irônico Mozgliakov.

— Compreendo essa sua pergunta, Pavel Alexandrovitch, é claríssima. Supõe que estou fazendo uma confusão jesuítica dos interesses do príncipe com os meus. Pois bem, é possível que me tivesse atravessado pela mente semelhante cálculo, inconscientemente, porém, e sem resquícios de jesuitismo. Espanta-o esta minha franqueza? Peço-lhe apenas uma mercê, Pavel Alexandrovitch: não envolva a Zina neste negócio! Está pura que nem uma pomba. Não calcula; sabe apenas amar, pobre pequena! Se houve alguém que calculasse, esse alguém fui eu, e só eu! Indague, porém, sinceramente da sua consciência e diga-me quem seria que no meu lugar não haveria calculado? Calculamos os nossos interesses, as nossas mais generosas ações, até, sem darmos por isso, instintivamente. Pois; se enganam, quantos alarmam que procedem movidos por pura nobreza de alma. Eu, porém, não quero enganá-lo. Confesso que calculei. Mas, sempre quero que me diga, seria levando em vista o meu interesse pessoal? A mim, Pavel Alexandrovitch, que mais me será preciso? Vivi o meu século, calculei para bem dela, do meu anjo, da minha filha: e qual será a mãe que m'o lance em rosto?

As lágrimas inundavam o rosto de Maria Alexandrovna.

Pavel Alexandrovitch tem escutado com pasmo semelhante confissão: latejam-lhe as pálpebras, esforça-se por compreender.

— Qual seria a mãe, sim! diga lá!... pergunta ele, em conclusão.

Mas cai em si, ato contínuo, e:

— Canta lindamente, Maria Alexandrovna, mas tinha-me dado a sua palavra, tinha-me alentado a esperança... Como posso eu suportar semelhante coisa? Terei que engolir a própria vergonha!

— E acredita talvez que não pensei no senhor, meu querido Pavel? Pelo contrário, em todos os meus cálculos, o senhor tinha a sua parte. Ouso dizer, até, que foi por sua causa que eu empreendi este negócio.

— Por minha causa! exclama Mozgliakov, desnortado, desta vez. Como assim?!

— Meu Deus! Como é que se pode ser tão simples, ter vistas tão limitadas! exclama Maria Alexandrovna erguendo as mãos ao céu. Esta mocidade! O tal Shakespeare! E aí tem o que ele lhe arranhou, aquele sonhador, aquele fantasista! Viver da inteligência e dos pensamentos alheios! E o senhor a perguntar— *meu bom Pavel Alexandrovitch*, qual é neste caso o seu interesse. Para maior clareza, consinta-me uma leve digressão. A Zina ama-o, é

incontestável Mas tenho notado que, a despeito do seu manifesto amor, o caráter de Pavel Alexandrovitch, as suas aspirações lhe tem incutido uma tal ou qual desconfiança. Por vezes, e como que de caso pensado, contêm-se, é fria para com o senhor. Eis o resultado das reflexões que a levaram a desconfiar. Pois não reparou também nisto que lhe estou dizendo, Pavel Alexandrovitch?

— Reparei, sim, hoje ainda. Mas que quer dizer com isso, Maria Alexandrovna?

— Bem vê, o senhor foi o próprio a reparar nisso: logo, não me enganei. E acima de tudo, foi a estabilidade do seu caráter, a sua constância o que mais dúvidas lhe incutiu. Sou mãe, e não havia de conhecer o coração de minha filha! Ora imagine agora que, em vez de entrar aqui com exprobrações, e até com injúrias, em vez de a irritar, de a ofender, de a melindrar, a ela tão bela, tão pura e soberba, e por esse fato, a despeito ainda da sua vontade, ir tornar-lhe mais firme a desconfiança com respeito às suas inconstâncias; suponha que aceitava com brandura a notícia, com lágrimas de mágoa, com desespero, até, mas com dignidade...

— Hum!

— Mau! Não me interrompa. Pavel Alexandrovitch. Quero expor-lhe um quadro que possa ferir-lhe a imaginação. Ora imagine que ia ter com ela e lhe dizia: "Zina, amo-te mais que a própria vida, mas afastam-nos umas razões de família. Compreendo essas razões: trata-se da tua ventura e não me atrevo a insurgir-me contra ela. Perdôo-te, Zinaida; sê feliz se puderes!" E dito isto, lhe lançava uns olhos, uns olhos de cordeiro nas vascas da agonia, se me é lícita a expressão. Ponha tudo isto na sua ideia e calcule o efeito que haveria produzido uma cena assim no coração dela!

— Pois sim, Maria Alexandrovna, suponhamos tudo isso — É certo que eu podia ter me expressado desse modo... mas nem por isso deixaria de voltar pelo mesmo caminho com um não pelas ventas.

— Não, não, e não, meu amigo. Não me interrompa! Quero acabar de pintar-lhe o quadro para que no ânimo lhe produza uma impressão nobre e completa. Imagine, pois, que a vinha a encontrar; daí a tempos, na alta sociedade, num baile iluminado *à giorno*, ao som de uma música inebriante, no meio de um sem número de beldades, e, no melhor da festa tão deslumbrante, o senhor, para ali, sozinho e triste, a cismar, pálido, encostado para ali, algures, a uma coluna, mas de modo a dar nas vistas; o senhor a segui-la com os olhos na vertigem da dança; ao pé do senhor a vibrarem os divinos acordes de Strauss. Fuzila por todos os lados nas conversas o espírito da alta sociedade; e o senhor sozinho, enfiado, melancólico, imerso na própria paixão.

Considere — em que estado ficará a Zina quando o vir! E com que olhos o não há de ela contemplar! "E eu," pensará ela, "que duvidei daquele homem! Tudo me sacrificou! Despedaçou o próprio coração por minha causa!" Certamente, o seu amor de outrora ressuscitar-lhe-ia lá dentro com força irresistível.

Deteve-se Maria Alexandrovna para cobrar alento. Mozgliakov a barafustar na cadeira, que por pouco não estoura de todo. Maria Alexandrovna prossegue:

— A Zina, por causa da saúde do príncipe, parte para o estrangeiro, para Itália ou para Espanha, o país das murtas, dos limoeiros, do azulino céu do Guadalquivir, o país do amor, o país onde se não pode viver sem amar, onde as rosas e os beijos adejam por assim dizer no ar. E o senhor vai atrás dela, compromete a sua situação, as suas relações, tudo!... E principia então o seu romance de amor: amor, mocidade, Espanha... Deus meu!... É certo que será platônico o seu amor, puro... mas o senhor... em suma, enlanguescem a contemplarem-se um ao outro... Espero que me haverá compreendido, meu amigo? — Não faltarão, por lá, entes soezes, vis, miseráveis para afirmar que não foi a lembrança do seu parentesco com o velho que o arrastou ao estrangeiro. Muito de propósito me referi ao platonismo do seu amor; não ignoro que haverá quem lhe atribua diferente significação.

Mas sou mãe, Pavel Alexandrovitch e seria incapaz de o impelir para mau caminho!... É claro que o príncipe os não poderá vigiar a ambos; isso que importa, contudo? Poder-se-á fundar nisso semelhante acusação?

Até que por fim, morre o príncipe abençoando o próprio destino. Ora diga-me quem é que depois há de casar com a Zina, a não ser o senhor? É parente tão afastado do príncipe que o parentesco nunca poderia representar um impedimento ao consórcio. Aceita-a, jovem, rica, princesa, e em que ensejo? Quando os mais nobres senhores se poderiam ufanar da sua aliança! Por causa dela, entra na mais alta sociedade; obtêm um posto de suma importância, promoções. Diz o senhor que dispõe de cento e cinquenta almas? Mas depois será rico. O príncipe não deixará de fazer um testamento nos termos, por isso lhe respondo eu. E em conclusão, o principal, é o ela estar segura dos seus sentimentos e o senhor vir a ser para ela um herói pela virtude e pela abnegação. E ainda me pergunta, onde vai nisto o seu interesse? Tem-no diante dos olhos, a contemplá-lo, a rir-se para o senhor, e a dizer-lhe: "Aqui me tens!" Ora vamos, Pavel Alexandrovitch!...

— Maria Alexandrovna! exclama Pavel Alexandrovitch, a tudo fiquei percebendo, agora! Portei-me como homem grosseiro, vil, reles!...

Levanta-se com vivacidade e puxa pelos cabelos às mancheias.

— E como homem inconsiderado, acrescenta Maria Alexandrovna, inconsiderado, eis o que o senhor é!

— Sou um asno, Maria Alexandrovna! exclamou com desespero o moço. E agora, está tudo perdido! E eu que a amava com loucura!

— É possível que não esteja tudo perdido, declara Madame Moskalieva, baixinho, como quem está refletindo.

— Ah! se fosse possível! Ajude-me! aconselhe-me! Valha-me! E pôs-se a chorar o Mozgliakov.

— Meu amigo, diz em apiedada voz Maria Alexandrovna e estende-lhe a mão,— praticou esse seu ato no ardor do seu afeto, estava exasperado, nem sequer tinha consciência do que fazia. E ela não deixará de o avaliar.

— Amo-a com loucura e estou pronto a sacrificar-lhe seja o que for! clama o Mozgliakov.

— Ora escute, justificá-lo-ei aos olhos dela.

— Maria Alexandrovna!

— Sim, fica tudo por minha conta: colocá-los-ei em presença um do outro. E o senhor diz-lhe tudo tal qual eu acabo de lho dizer.

— Ah! meu Deus! Que bondade a sua, Maria Alexandrovna!... Mas... não seria possível procedermos a isso desde já?

— Deus nos defenda! Sempre é muito estouvado, meu amigo! Ela, então, que é tão soberba! Ia tomar isso como uma nova insolência, um ultraje, até! Eu arranjaréi tudo, e não há de passar de amanhã; agora, contudo, vá se embora, vá até casa do tal negociante, ou para onde lhe apetecer... Ou, se, antes quer, volte esta noite, mas não serei eu que lho aconselhe.

— Vou me embora! vou me embora!

Meu Deus! Ressuscitou-me! Mas uma pergunta, ainda: e se o príncipe não morre tão cedo?

— Valha-nos Deus! Sempre é muito ingênuo, meu caro Pavel! O senhor o que deve é rogar a Deus que conserve os dias daquele velhito, todo ele bondade, carinho, cavalheirismo! Devemos desejar-lhe longa vida, de todo o coração! E eu serei a primeira; noite e dia, com lágrimas, a rezar pela ventura de minha filha! Mas, ai de mim! A saúde do príncipe, coitado, quer me parecer que está

muito abalada! E demais, ele não deixará de fazer a sua visita à capital, de levar a Zina aos bailes, e receio muito, muito, acredite, que isso concorra a dar cabo dele! Oremos, porém, meu caro Pavel, e quanto ao mais, entreguemo-nos nas mãos de Deus! Espere, arme-se de paciência, seja viril, e viril, acima de tudo! Nunca pus em dúvida a nobreza dos seus sentimentos... Aperta-lhe com força as mãos, e o Mozgliakov sai do aposento em bicos de pés.

— Até que em fim! Vi-me livre de um imbecil! diz com ares de triunfo. E agora vamos aos outros... Abre-se a porta e entra por ali dentro a Zina. Vem mais pálida do usual; fulgem-lhe os olhos com febril clarão.

— Mamã, veja se acaba com isto, que eu estou, que já nem posso mais; é tão nojento tudo isto que me vem tentações de fugir por aí fora. Não me faça padecer por muito mais tempo, não me irrite! Este lodaçal causa-me engolho, entendeu?

— Zina, que tens tu, meu anjo?... Estiveste escutando à porta! exclama Maria Alexandrovna olhando de fito para a filha.

— Escutei, é verdade. — Veja se m'o quer lançar em rosto, como o fez aquele imbecil? Juro-lhe que se porfiar em obrigar-me a representar semelhante papel em tão vergonhosa comédia, renuncio a tudo, e acabo com tudo, com uma só palavra. Não há dúvida que me resolvi a prestar-me à principal vilania, mas foi por me não conhecer a mim mesma; atabafo com semelhante vergonha!

E sai atirando com a porta.

Maria Alexandrovna segue-a com a vista e fica a cismar.

"É andar ligeira, depressa! É de si que depende tudo, e em si que consiste o maior perigo, e se esses miseráveis porfiarem em se coligar contra nós, se principiam para aí a dar à língua, tudo está perdido! E ela não poderá resistir contra tantas arrelias e acabará por entregar-se mediante uma rejeição. Custe o que custar e sem demora, urge carregar para o campo com o príncipe. Prego comigo lá, num pulo, e carrego com aquele estafermo do senhor meu esposo para aqui. Sequer ao menos sirva para alguma coisa! E assim que o outro acordar, safamo-nos."

Toca a campainha.

— E então! a parelha? pergunta ao criado que entra.

— Está pronta, há que tempos, responde o criado.

(Maria Alexandrovna mandou pôr o trem no ato de acompanhar o príncipe ao quarto deste.)

Veste-se à pressa e corre ao quarto da Zina para lhe transmitir o seu plano e dar-lhe as devidas instruções. A Zina, contudo, nem lhe quer dar ouvidos, debruçada no leito com o rosto enterrado no travesseiro ensopado de lágrimas; a arrancar com as níveas mãos os compridos cabelos; tem os braços nus até ao cotovelo. Sacode-a, a revezes, um estremeção. A mãe dirige-lhe a palavra, sem que a Zina consinta em erguer a cabeça.

Maria Alexandrovna insiste por instantes, depois, sai, inquietíssima. Sobe para a carruagem e recomenda que espertem a parelha.

"O pior de tudo", vai ruminando consigo, "é a Zina ter ouvido a conversa que eu tive com o Mozgliakov. Empreguei com ela e com ele quase que os mesmos argumentos; ela é orgulhosa e ofender-se-ia, talvez... Hum! o que a tudo sobreleva, é a necessidade de por mãos à obra, antes de que conste seja o que for! Que desgraça! E se eu, para mais ajuda, não fosse encontrar em casa aquele meu imbecil?!"

Ante esta hipótese, enraivece-se, toma-se de um rancor que nada vaticina de bom para Afanassi Matveich. E Maria Alexandrovna impaciente, a esfervilhar!

Os cavalos despedem a galope.

X

A carruagem não corre, voa.

Dissemos que, naquela mesma manhã, enquanto ela andava em procura do príncipe, por todos os cantos da cidade, já havia acudido à mente de Maria Alexandrovna um alvitre genial: era o confiscar por sua vez o príncipe quanto antes, e pregar com ele no campo;— naquela aldeia onde floria em paz o beatífico Afanassi Matveich. Ia pois realizar aquela sua inspiração. Mas não encubramos ao leitor que principiava a sentir-se atribulada por uma inquietação inexplicável. Aos próprios heróis acontece outro tanto, e no ensejo, justamente, em que estão prestes a atingir seus fins. Advertia-a um qualquer instinto de que havia perigo na permanência em Mordassov.

"Uma vez no campo, vire-se tudo isto pés, com cabeça, que a mim tanto se me dá!"

É certo, que ainda no próprio campo, não há tempo para perder: tudo poderá acontecer, tudo... E nessa conformidade, Maria Alexandrovna acha-se resolvida

a concluir imediatamente o consórcio. O cura da aldeia procederá à cerimônia na própria residência. Dali a dois dias, no outro dia, talvez, em caso de urgência. Quantos casamentos se não tem visto, aldravados para ali em duas horas! Quanto ao príncipe, é levá-lo a aceitar como necessidade de bom siso uma tal precipitação, semelhante ausência de toda e qualquer festa. "Será mais decente e mais nobre"... Poder-se-ia até seduzi-lo pelo lado romanesco do negócio e fazer-lhe vibrar assim a fibra sentimental do coração. Enebriá-lo-á, se tanto for necessário, mantê-lo-á naquele estado de embriaguez, e a Zina há de ser princesa.

Se houver algum escândalo lá por Petersburgo ou por Moscou entre a parentela do príncipe, consolações não hão de faltar. Em primeiro lugar, são coisas que ainda estão para vir; em segundo, Maria Alexandrovna está convencida de que, na alta sociedade, nada se faz sem escândalo, e muito mais tratando-se de casamento: que é estilo. Mas os escândalos da alta sociedade, a seu ver, tem uma cor mui particular de grandiosidade, no gênero do *Monte-Cristo* e das *Memórias do Diabo*. Finalmente, a Zina bastar-lhe-á mostrar-se, e a mãe ajudá-la com seus conselhos, e toda a gente ficará desarmada, ato-contínuo, entre todas aquelas condessas e princesas, não havendo uma só que seja capaz de resistir à mordassoviana habilidade de Maria Alexandrovna, sozinha contra todas elas juntas ou contra cada uma em particular.

E é animada por semelhante pensamento que Maria Alexandrovna vem ter com Afanassi Matveich o qual lhe é necessário, segundo seus planos.

Efetivamente, levar o príncipe para o campo é levá-lo para casa de Afanassi Matveich com quem o príncipe é possível não se dar lá muito de travar conhecimento: mas se Afanassi Matveich for o próprio a convidá-lo, o caso muda de figura. E demais, a aparição de um chefe de família, de idade veneranda, de gravata branca, casaca, chapéu na mão, acorrendo expressamente das suas propriedades, à notícia de que se acha em Mordassov o príncipe K... é caso para produzir ótimo efeito no amor próprio daquele ginjinha.

Até que por fim, havendo tragado três verstas a carruagem, o cocheiro Safron para junto ao patim de um comprido edifício com um único andar, casarão de madeira, com uma extensa fieira de janelas, e envolto numas tílias venerandas. É a residência estável de Maria Alexandrovna.

Já se acham iluminadas as janelas.

— Onde está o manequim? clama Maria Alexandrovna caindo como uma trovoada, no vestibulo. Que faz aqui esta toalha? Ah! estava aborrecido, e ainda não saiu do banho! E sempre naquele fadário do chá! E então! Para que estarás

tu para aí a esbugalhar esses olhos, meu idiota incurável? Por que é que se não corta esse cabelo?!

Grichka! Grichka! Por que é que não cortaste o cabelo ao *barine* conforme te dei ordem, a semana passada?

Maria Alexandrovna premeditara operar em casa de Afanassi Matveich uma entrada menos violenta. Mas ao vê-lo entretido a sorver o seu chazinho, com toda a sua pachorra, não foi senhora de sopitar a indignação. Para ela, tamanhos cuidados, e para ele, para aquele ente inútil, aquela paz podre! Semelhante contraste choca de modo cruel Maria Alexandrovna. E todavia, o manequim, ou para nos expressarmos com mais urbanidade, aquele a quem aplicam o ápodo, está sentado em frente do samovar; inerte, boca e olhos escancarados, petrificado, quase, pela aparição da consorte. O adormecido vulto do Grichka assoma ao vestíbulo. O Grichka tosqueneja os olhos durante toda esta cena.

— Se ele não deixa... E aí esta porque é que o não fiz, profere em voz encatarroada e socarrona. Peguei na tesoura para aí umas dez vezes, e a dizer-lhe: A *barinia* não tarda por aí e apanhamos ambos a nossa conta! — E vai ele e diz-me: — Não — espera aí: quero que me frises no domingo; e é preciso para isso que o cabelo tenha comprimento.

— Muito me contas: Com que então ele, frisa-se? Inventaste então essa obra dos frisados, assim que eu virei costas?

Que termos são esses? Cuidas talvez que embelezas assim essa tua cabeça de idiota? Santo Deus! Que desordem que por aqui vai! E que cheiro! Não me dirás, miserável, de onde provém semelhante cheiro? vocifera a consorte a crescer de mais em mais ameaçadora para o inocente e assarapantado de todo Afanassi Matveich.

— Ah... mi... minha mãezinha, balbucia o esposo sem se erguer e desfechando sobre o seu generalíssimo uns olhos assustados e súplices, mi...mi...minha mãezi...

— Quantas vezes não tenho eu tentado encaixar-te nessa cabeça de burro que não sou tua mãezinha, pedaço de pigmeu? Como te atreves a tratar por semelhante nome uma senhora nobre cujo lugar é na alta sociedade, e não ao pé de um aguadeiro da tua laia?

— Mas, Maria Alexandrovna, tu com tudo isso não deixas de ser minha mulher em face das leis! e eu... estou-te falando... na qualidade de marido! Objeta Afanassi Matveich, levando a um tempo a mão aos cabelos para os defender.

— Ah! Carranca! Cepo! Se já se viu! Mulher dele em face das leis!... Que quererá dizer uma mulher em face das leis? Haverá na alta sociedade alguém que empregue semelhante termo de seminarista: — em face das leis? — E quem te deu o atrevimento de me recordares que sou tua mulher, a mim que faço quanto posso para o esquecer? E para que estavas tu a tapar a cabeça com as mãos?

Olhem para este cabelo! Todo encharcado! Não está enxuto estas três horas mais chegadas! Como hei de eu carregar com ele? Haverá meio de o arrancar daqui? — Que hei de eu fazer? Maria Alexandrovna pega às carreiras pela casa fora, a estorcegar as mãos. A desgraça é nula e fácil de remediar, não há dúvida, mas se ela não pode ter mão naquele seu gênio imperial, impaciente em presença do mínimo empecilho! Sente que precisa de desabafar a cólera na pessoa de Afanassi Matveich, visto como a sua habitual tirania desandou para si em necessidade. E depois, toda a gente sabe o acervo de inopinadas grosserias de que são capazes, longe das vistas dos mirones, uns certos entes delicados e pechosos da sociedade mais graúda. Afanassi Matveich, estúpido e tremelica, cansa a vista a seguir com os olhos as evoluções todas da consorte.

— Grichka, exclama esta por fim, traze já, já, ao *barine* tudo que é preciso para se vestir de cerimônia, calça, casaca, gravata e colete, brancos. Vá, despacha!

Onde iria parar a escova do cabelo?

— Mas se eu acabo de sair do banho, minha mãezinha, vou apanhar algum resfriamento...

— Qual história!...

— Estou com a cabeça encharcada!...

— Enxuga-se. Grichka, escova o cabelo ao *barine*, até que enxugue. Com mais força... mais... ainda mais... Assim!

O fiel e zeloso Grichka esfrega, com quanta força tem, o seu *barine* a quem, para mais comodidade, agarrou pelo cachaço, encostando-o para trás no divã.

Afanassi Matveich por pouco não desata a chorar.

— E agora, em pé!... Vê se o levantas, Grichka, dá cá a pomada...

— Vá, abaixas-te ou não, miserável!

Abaixa-te, já te disse, meu papa jantares.

Maria Alexandrovna com as próprias mãos besunta a grenha ao marido, puxando sem dó nem consciência pelos cabelos, bastos e grisalhos que ele, por sua desgraça, não deixou cortar. Afanassi Matveich põe-se a gemer, a suspirar e aguenta, Deus sabe como, semelhante provação.

— Miserável! Foste tu que murchaste as flores da minha mocidade!... Abaixa mais essa cabeça, não ouves! Abaixa-te!

— Mas como é que eu murchei as tuas flores, minha mãezinha? regouga o esposo de bruços no divã.

— Manequim! Nem sequer percebeste a alegoria! Agora vê se te penteias.

— Grichka, veste-o depressa, anda!

A nossa heroína senta-se numa poltrona a vigiar com olhos de inquisidor a cerimônia indumentária.

Afanassi Matveich lá conseguiu tomar fôlego, e, quando se chegou ao laço da gravata, afoita-se a ponto de emitir opiniões acerca do feitio e da perfeição da laçada. Em conclusão, assim que envergou a casaca, a distinta personagem tem reconquistado de todo o aprumo e pega a rever-se ao espelho com manifesto desvanecimento.

— Mas para onde é que tu me levas, Maria Alexandrovna? indaga, a fazer moquenquices à própria imagem.

Maria Alexandrovna hesita em acreditar naquilo que ouviu.

— Não ouvem isto? Ora o manequim! E como te atreves tu a perguntar-me para onde é que eu te levo?

— Mas já se vê que o devo de saber, minha mãezinha.

— Caluda! Torna-me tu a tratar de mãezinha, e muito mais no sítio aonde vamos, e ficas sem chá um mês inteiro.

O marido, espavorido, nem bole sequer.

— Se já se viu? Nem sequer conseguiu apanhar a mais releis condecoração?

Colherão de marmita! — exclama ao contemplar com desprezo a casaca do marido, casaca virgem de toda e qualquer insígnia.

Até que por fim, Afanassi Matveich sente-se melindrado.

— Eu não sou colherão de marmitta, sou conselheiro, minha mãezinha, pondera com assomo de nobre indignação.

— Quê—quê—quê? — A raciocinar, por mais que me digam! Ora o mujik, o ranhoso! Tenho pena de me faltar tempo para te ensaboar esse bestunto, quando não... Mas não as perdes, deixa estar!... Grichka, dá-lhe o chapéu e a *chuba*. Assim que eu sair, arruma estes três quartos e o quarto aberto. Vá, pega nessa vassoira! tira as capas aos espelhos, aos relógios e quero tudo pronto em menos de uma hora! E tu, também, veste a casaca, e dá luvas aos criados! Ouviste, Grichka? Ouviste?

Sobem para a carruagem. Afanassi Matveich está com uma cara espantada. Maria Alexandrovna dá voltas ao miolo para lhe encasquetar na cabeça e na memória as recomendações mais essenciais, ele, porém, interrompe-lhe as suas cogitações.

— Maria Alexandrovna, eu esta noite tive um sonho tão esquisito, diz, após breve silêncio.

— Apre! Manequim de uma figa! E eu que estava a pensar!... Como te atreves tu a vir-me para cá com esses teus sonhos de mujik? Escuta, e olha que t'o digo pela última vez, se te atreveres, hoje, a fazer a mínima alusão aos tais sonhos ou ao quer que seja... toma sentido... nem sei o que há de ser de ti! Escuta bem: o príncipe K... está hospedado em nossa casa. Lembras-te do príncipe K...

— Se lembro! minha mãezinha, lembro-me muito bem! E por que é que ele nos dispensou tamanha honra?

— Cala-te, não é da tua conta! Tu, com a máxima amabilidade, e como dono de casa, vais convidá-lo a vir conosco para o campo. Partimos ainda hoje. Mas se lhe disseres uma palavra só que seja, em toda a noite, ou amanhã... ou no outro dia... ou em toda a roda do ano, mando-te guardar gansos! Nem palavra! São essas as tuas funções — e mais nada! Entendeste?

— Mas se me fizerem perguntas?

— Não importa! Calas-te.

— Pois sim, mas uma pessoa nem sempre pode ficar calado, Maria Alexandrovna!

— Responde com monossílabos, um *hum!*... ou coisa que o valha, para que fiquem na persuasão de que és homem espirituoso e que refletes antes de responder.

— Hum!...

— E atenta bem nisto que te estou dizendo. Carrego contigo: ouviste falar do príncipe, e ato-contínuo, doido de contente, deste-te pressa em vir apresentar-lhe os teus respeitos e convidá-lo a ir para o campo. Percebeste?

— Hum!

— Para que estás tu já a dizer: *hum!* meu parvalhoco! Responde.

— Está bom, minha mãezinha, tudo se fará à medida dos teus desejos. Mas, não me dirás por que é que eu tenho que o convidar?

— Quê, quê? pois ainda te metes a raciocinar?! Que tens tu com isso? E ainda te atreves a fazer-me perguntas?

— Mas... é que eu, por mais que faça não posso perceber como é que eu o hei de convidar sem dizer palavra!

— Eu falarei por ti, e tu, fazes-lhe a tua cortesia, e mais nada, percebeste? — De chapéu na mão...

— Percebi... minha mãe... Maria Alexandrovna.

— O príncipe é espirituosíssimo: diga ele o que disser, ainda quando se não dirija à tua pessoa, responde-lhe a tudo com um sorriso bonacheirão e alegre, percebeste?

— Hum!

— E ele a dar-lhe com o *hum!* Vê se acabas com o tal *hum!* — a mim, responde-me ao que eu te perguntar. Percebeste?

— Percebi, Maria Alexandrovna, percebi muito bem. E como é que eu não havia de perceber? Mas estou a dizer *hum!* para me ir exercitando. O que tu queres é que eu me ponha a olhar para o príncipe, com um ar de riso... mas quando ele não me vir?

— Forte espantalho! Forte idiota! Cala-te, cala-te, e cala-te! Olha e sorri.

— Mas se ele é capaz de supor que sou surdo!

— Olhem a desgraça! Sequer ao menos não ficará sabendo que és um imbecil.

— Hum! E se mais alguém me fizer perguntas?

— Ninguém t'as faz, deixa estar! E demais, não estará lá ninguém. E se por infelicidade, do que Deus nos defenda, aparecer alguém e te perguntarem alguma coisa, responde desde logo com um sorriso sarcástico. Sabes o que vem a ser um sorriso sarcástico?

— Uma careta muito espirituosa, pois não é verdade, minha mãezinha?

— Eu te darei o espirituoso, deixa estar, manequim! E quem é que te iria supor capaz de ter espírito, meu asneirão? Um risinho de escárnio, percebeste? De escárnio e de desdém.

— Hum!

— Ai! Estou toda eu em suores frios por causa deste estafermo! murmura Maria Alexandrovna. Não há mais que ver, acho que fez uma jura em como me havia de murchar de todas as minhas flores! Teria sido muito melhor o prescindir dele.

A raciocinar por esta forma, Maria Alexandrovna tudo é olhar pela vidraça do trem e atizar o cocheiro. Voam os cavalos, e ela a achar que se não mexem. Afanassi Matveich, alapardado a um canto, a repetir mentalmente a lição. Até que enfim a carruagem alcança a casa de Maria Alexandrovna! Mas ainda bem a nossa heroína não tinha posto pé no patim, eis que vê passar ao lado do seu próprio trem um trenó coberto, de dois assentos, o trenó da Ana Nikolaievna Antipova. — Vinham nele duas senhoras. Uma delas é a própria Ana Nikolaievna Antipova, a outra a Natália Dmitrievna, duas amigas sinceras e recentes. Maria Alexandrovna olha para elas, e o coração dá-lhe um baque. Ainda bem não abrira a boca para exclamar, eis que chega outra carruagem, com outra visitante. Ouvem-se alegres exclamações.

— Maria Alexandrovna com o Afanassi Matveich... ambos no mesmo trem! Feliz coincidência! E nós que vínhamos passar a noite em sua casa! Agradabilíssima surpresa!

As visitantes galgam a escada a pipilarem que nem andorinhas, Maria Alexandrovna contempla-as, estupefata.

— E não vos tragar o chão! diz, lá consigo; cheira-me isto a conluio... Pois sim!... vocês o que não tem é unhas para lutar comigo, minhas amiguinhas!... Esperem um nadinha!...

XI

Mozgliakov saiu de casa de Maria Alexandrovna, consoladíssimo. Não foi a casa do Borodoniev, pois necessitava de estar sozinho. Sentia a cabeça atravancada de romanescos devaneios. Fantasiava a explicação solene com a Zina, o generoso perdão, cena melancólica no baile, lá em Petersburgo; Espanha, o Guadalquivir, o príncipe no leito da agonia a juntar nas próprias mãos as mãos dos dois amantes, e em conclusão, o amor de uma mulher tão formosa, vencido por tanto heroísmo; por aqui e por acolá, um ou outro favor de alguma baronesa, ou condessa de alto coturno, naquela sociedade onde semelhante casamento lhe daria certamente ingresso, um lugar de vice-governador, dinheiro; numa palavra, toda a eloquente descrição de Maria Alexandrovna. Mas, enfim, como explicá-lo? — Através de todos aqueles arrebatamentos eis lhe surge o seguinte pensamento, algo desagradável, que, em todo o caso, tudo aquilo estava ainda em vê-lo-emos, e no momento atual, ele, com o que ficara, fora com um nariz de palmo! De súbito, nota que se alargou demais pelo arrabalde menos central de Mordassov. Vem caindo a noite. Pelas ruas, ladeadas de pardieiros, ladram, como aliás sucede em toda e qualquer cidade provincial, aqueles inúmeros cães que infestam de preferência os bairros em que nada há que guardar ou que roubar. Derrete-se a neve. De vez em quando, topa-se com algum *mestchanine* retardado, ou com qualquer *baba* enfundada numa tulupa e a arrastar umas botifarras. Tudo aquilo principiava a irritar a Pavel Alexandrovitch: mau sinal, visto como, quando uma pessoa está contente, a tudo acha risonho. Pavel Alexandrovitch lembra-se com despeito de que, até aquele dia, era ele quem dava o tom em Mordassov. Era recebido por toda a parte como um noivo, uma situação tão interessante, e felicitavam-no, e ele todo desvanecido. E eis que, de súbito, vinha a constar que se achava reformado; rir-se-iam à sua custa por toda a parte. E com tudo isso não é exequível estar a iniciar toda a gente ao segredo do tal baile de Petersburgo, da coluna melancólica e do Guadalquivir!

Triste e pensativo, acaba por formular este pensamento que secretamente lhe faz sangrar o coração desde alguns instantes: "Mas tudo isto será verdade, realmente? Virá tudo a acontecer conforme m'o pintou Maria Alexandrovna?" Ocorre-lhe, naquele ensejo, exatamente, que Maria Alexandrovna é mulher arteira quanto possível; que, apesar da estima geral que desfruta, é uma enridadeira de respeito, que mente com o máximo desplante, que é possível que tivesse motivos particulares para o afastar; que, enfim, o descrever um quadro sedutor não compromete a coisa nenhuma. Pensa na Zina, revoca aquele seu olhar de despedida tão pouco compatível com um desatinado amor. Lembra-se de que uma hora antes foi tratado por ela na qualidade de asno — sem tirar nem pôr. Ante uma tal recordação, Pavel Alexandrovitch estaca de vez, como que pregado ao chão, e ruboriza-se a ponto de lhe virem as lágrimas aos olhos. E como que de propósito, dali a instantes, acontece um desagradável incidente: escorrega e estatela-se num montão de neve... Enquanto ele escabuja e patinha, um bando de canzoada, que vinham atrás dele a ladrar,

acodem por todos os lados; um deles, o mais pequeno e mais atrevido, aferra-se-lhe à aba da chuba. Pavel Alexandrovitch desenvencilha-se dando ao diabo a cainçada e o destino e, com a aba do casacão esfarrapada e uma indefinível tristeza na alma, lá se vai arrastando até à esquina da rua. Ali, percebe que vai perdido.

É sabido que um homem, quando se acha perdido em um bairro que lhe é estranho, e muito mais de noite, nunca se resolve a meter a direito por uma rua larga. Impele-o, mau grado seu, um poder misterioso para toda a casta de betesgas que topa a jeito. Em harmonia com este sistema, Pavel Alexandrovitch perde-se de todo. "Diabos levem tanta quimera!" exclama e cospe com engolho. "Leve o diabo os sentimentos elevados e o tal Guadalquivir!"

Não me abalanço a afiançar, que Mozgliakov naquele ensejo apresentasse aspeto por demais sedutor. Até que enfim, estenuado, fatigado, em seguida a haver andado a esmo para cima de duas horas, alcança a escadaria de Maria Alexandrovna. Fica espantado ao dar com os olhos em tanta carruagem: "Tem visitas? Alguma *soirée*? Com que intenção?"

Informado por um laçao de que Maria Alexandrovna tinha carregado com Afanassi Matveich do campo, de gravata branca, que o príncipe já está acordado, mas que ainda não desceu do quarto, Pavel Alexandrovitch, sem dizer palavra, vai lá acima ter com o tio. Acha-se naquela disposição de ânimo em que um homem de caráter fraco se decide pela ideia de maior malignidade, em favor da vingança, sem se lembrar de que virá talvez a arrepender-se, durante toda a sua vida.

Sobe. Dá com os olhos no príncipe, sentado numa poltrona em frente do seu toucador de viagem, com a careca à vela, mas com a cara já rebocada e com as suíças e a pêra postiça já pegadas. O chinó está entre mãos do idoso criado particular, Ivan Pakhomitch. Ivan Pakhomitch está a penteá-lo com modo absorto e respeitoso. O príncipe apresenta aspeto lamentável. Não se acha ainda restabelecido daquela sua temulência. Enterrado na poltrona, a tosquenejar as pálpebras, todo ele engelhado, amarrotado, e a olhar para o Mozgliakov como se o não conhecesse.

— Como vai de saúde, rico tiozinho? indaga Mozgliakov.

— Como? Ah! És tu? acaba por dizer o tio. Pois eu, manozinho, dormi a minha soneca. Ai! meu Deus! exclama de súbito, animadíssimo. E eu que estou sem o chi...chi...n...nó!

— Não se assuste, tiozinho! Eu ajudo-o a pô-lo se quiser.

— Ora esta! E aí estás tu senhor do meu segredo! Eu bem dizia que era pr...preciso fe...fe...char a po...rta! Pois então, meu amigo, vais já, já, dar-me a tua palavra de honra que... que, não hás de abu...sar do meu segredo, e que não dizes, a nin...guém que é po...pos...tiça a minha cab...be...leira!

— Ora vamos, tiozinho, pois supõe-me capaz de semelhante vileza? exclama Mozgliakov que deseja agradar ao ancião.

— Está, claro... está... c...laro, e como eu sei que és cavalheiro... vá... lá... vais fi...car espantado: vou te des...vendar de todo os meus se...segredos — Que me dizes a estes bi...bigodes — m...meu caro?

— Um portento, rico tio, espantosos! Como é que os pode conservar do mesmo comprimento, por tanto tempo?

— Sossega, meu amigo... s...são postiços, diz o príncipe a olhar muito ufano para Pavel Alexandrovitch.

— Postiços!? — É inacreditável! E as suíças, então? Confesse que as pinta, tiozinho!

— Não só as pin...into, como são postiças e mais que... que pos...tiças!

— Postiças! Isso agora, tenha paciência, o tio está a caçoar comigo!

— Pa...lavra de honra, amigo! exclama o príncipe desvanecido. Ora põe na tua ideia, que toda a gente... sem exceção — anda il...udida, como tu. A própria Stepanida Matveina não quer acreditar que o sejam, e olha que é ela quem m'as põe. Mas tenho a certeza, meu amigo, de que me hás de guardar segredo — Dá-me a tua pa...palavra de honra...

— Conte desde já com ela, querido tio! Mas, insisto, supõe-me então capaz de semelhante vilania?

— Ai! meu amigo! Que tombo que eu apanhei! Não fazes ideia! O Pamfili, tornou-me a virar a car...a carruagem.

— Pois ele tornou a pregar-lhe outro tombo? Mas quando?

— Íamos nós quase a chegar ao... mo... mos...teiro...

— Já sabia, tiozinho!

— Não, não é isso... se ainda não há duas horas. Fui ao mo...mosteiro. Foi ele que me levou... e pregou-me um tombo! Que susto que... que eu apanhei! Ainda nem tenho o co...coração no seu lugar.

— Mas o tio estava a dormir?

— Está... c...laro... estava a dormir... E vai... daí fui... vi...viajar... E daí... daí... talvez fosse... Ah! que coisa tão esquisita!...

— Afirmando-lhe que estava a dormir, tiozinho... que sonhou... Depois de jantar ferrou-se a dormir muito sossegado.

— De...deveras?!

O príncipe pôs-se a cismar.

— Sim... sim... efe...tivamente, talvez fosse. E daí, lembro-me muito bem do sonho... todo. Primeiramente, sonhei com um touro muito bravo... com uns paus!... Depois com um pro...o...curador... mas também tinha p...paus!

— Havia de ser o Nikolai Vassiliévitch Antipov, tiozinho.

— Está... claro... era ele... era... E depois também sonhei com Na...napoleão... Bo...bo...naparte. Não sabes, amigo, diz toda a gente que n.. nos parecemos?... De perfil... pelos modos... faço lembrar um papa... muito antigo: Tu, que dizes?... Achas que te... terei ares de papa?

— Acho que se parece mais a Napoleão.

— Está... c...laro... é assim... mesmo... de...de... frente. E daí, também disso estou conven...cido, meu caro. Vi-o em sonho, sentado lá na sua ilha... Não sabes? A fo...legar... muito contente... muito lam...peiro!... Que graça que... eu lhe achei!

— Refere-se a Napoleão, tiozinho? indaga Pavel Alexandrovitch, todo ele absorto, a observá-lo.

Principiava a surgir-lhe na mente um estranho pensamento, sem que ele pudesse formulá-lo com clareza.

— Está claro... Na...na...po...leão. Tivemos uma pa...palestra filosó...fica... Não sabes? tenho pena de que os Ingleses lhe fizessem aquilo que... que lhe fizeram... É verdade que se eles o não tivessem en...gaiolado... atirava-se para aí a to...toda a gente... aquele danado! Mas com... apesar disso... foi pena!... Eu cá... por mim não era capaz de o fazer! Prega...va com ele numa ilha deserta...

— Deserta... então para quê? perguntou, distraído, Mozgliakov.

— Está... claro... De... deserta, não, mas habitada por gente com juízo. E depois arranjava-lhe distrações... teatro, mú...música... ba...bailados e tu... tudo isso por conta do Estado. Dava-lhe licença para passear... vi...vigiado... já se vê... qu...quando não... pi...piscava-se... Ele gostava de uns certos bolos... Pois bem! faziam-se-lhe todos os dias... Tratava-o com pa...pater...nal carinho: Ele... comigo... arre...pen...dia-se... di...digo... t'o eu.

Mozgliakov escuta distraído a garrulice do vegete, a roer as unhas, impaciente. Ele a querer desviar a conversa para o assunto do casamento, e nem sequer sabe o motivo, mas referve-lhe lá dentro uma maldade, infame. De súbito, eis que exclama o tio, muito espantado:

— Ai! meu amigo! E eu que me esquecia de t'o par...parti...cipar... Saberás que fiz ho...je o meu pe...pedido!

— O seu pedido, tiozinho?... exclama Mozgliakov animando-se ato-contínuo.

— Está... c...claro... o meu pedido! Já te vais embora, Pakhomitch? Está bem. É uma menina encanta...dora!... Mas confesso... amigo, que andei com leviandade, estou-o per...cebendo agora... Ai! meu Deus!

— Mas, se me dá licença, querido tio, quando é que fez esse tal pedido!

— Confesso, que... não... sei ao certo, qu...ando foi, amiguinho!... Querem ver que... seria sonho, tam...tam...bém?... Que co...isa t...tão es...quisita!

Mozgliakov estremece de contentamento... Acode-lhe uma ideia luminosa.

— Mas a quem, e quando é que fez o tal pedido? repete impaciente, já.

— À... à... fi...lha da casa, meu amigo... Àquela... lin...da me...nina! E daí... esque...ceu-me o nome. O pior, meu amiguinho... é que não posso casar... impos...sível, meu amigo! Que hei de eu fazer?

— Pois decerto... semelhante casamento iria deitá-lo a perder! Mas, uma pergunta: Tem a certeza de haver feito o pedido?

— Está... claro... tenho a certeza... tenho...

— E se fosse sonho, como aquela sua queda da carruagem?

— Valha-me Deus!... E o c...caso é que é possível... no tal sonho... E o... pior é que e... eu já nem tenho cara para lhe aparecer... E não... achas que se poderia saber... indi...reta...mente, se eu faria ou não o tal pedido?

— Sabe o que lhe digo, querido tio? Que acho até escusado ir tirar informações.

— E... por quê?

— Por que tenho a certeza de que tudo foi sonho, também.

— Também... me quer... parecer... m...meu ca...ro, e tanto... m...mais que eu estou sempre a ter sonhos... assim.

— Então já vê, tiozinho... Faça de conta que beberia mais um copito ao almoço... ou ao jantar... e aí tem...

— Está... claro... amigo... foi isso foi... é o que havia de ser.

— Tanto mais, que o tio, por mais influído que estivesse, nunca se iria arriscar a fazer um pedido tão disparatado. O tiozinho, desde que o conheço, tive-o sempre na conta de um homem de muitíssimo tino.

— Está... c...laro. Está... c...laro.

— Ora considere: ponha na sua ideia que os seus parentes, tão mal dispostos já, para com o tio, vinham a ter conhecimento do caso, que acontecia?

— Ai! meu Deus! exclama o assustadíssimo príncipe... que acontecia?... é verdade!

— Então, já vê! Punham-se a berrar todos à uma que estava doido, que era preciso nomear-lhe tutores, que o tinham embaçado, e catrafilavam-no para aí em qualquer parte, guardado à vista.

O Mozgliakov estava farto de saber que o argumento era de molde a deixar espavorido o príncipe.

— Ai! meu Deus! exclamou o jarreta, todo ele a tremer... engaiolavam-me?!

— Ora considere, tiozinho, passar-lhe-ia nunca pela cabeça o ir fazer um pedido tão disparatado? O tio avalia muito bem os seus interesses! Afirmo-lhe que foi sonho.

— So...nho, sim, é o que foi! So...nho... e mais nada! Ah! tu... é que... que acertaste... com a coisa! E fico-te grato, muito grato... por me teres con...vencido.

— E eu, contentíssimo, tiozinho, por termos vindo à fala. Se não fosse eu, o tio ficava acreditando que estava noivo, e procederia nesse sentido. Veja lá do que se livrou!

— Está c...laro... me... livre... dizes bem!

— Lembre-se de que está com vinte três anos essa menina! Não há quem a queira, e eis se não quando, aparece o tio, rico, nobre e vai pedi-la em casamento! E elas, já se vê, apanham a pela no ar: afirmam a toda a gente que o tio está noivo e impingem-lha em casamento. E em seguida, põem-se à espera de que o tio se vá indo desta para melhor.

— Que... me dizes!

— E depois, tiozinho... é lá coisa que convenha a um homem da sua jerarquia...

— Está c...claro! Jerarquia...

— Tão inteligente... tão amável...

— Está... c...claro... inteligente... é is...so... é!

— E em conclusão, é príncipe... Será partido que lhe convenha, porventura? Se é que, por qualquer motivo insiste em querer casar. Lembre-se do que diriam os seus parentes.

— Ai, meu amigo, comiam-me em vida! Eles que já me não têm feito poucas terrafi... as... aqueles des...almados! Ora imagina! Desconfio até que...que...rem pregar comigo numa casa... de... sa...saúde! Ora, dize-me, achas que se... já razoável? Que é que eu havia de fa...zer numa casa de saúde?

— Pois certamente, rico tio, e aí está o motivo porque eu já o não largo quando o tio for lá para baixo. Estão lá visitas.

— Vi... sitas! Ai! valha-me Deus!

— Não se assuste, tiozinho, eu vou com o tio.

— Sou-te m...muito obrigado... muito! Fo...ste a minha redenção! Mas, qu...eres que te diga, eu antes queria ir-me embora!

— Amanhã, tiozinho, amanhã, às sete horas da manhã! Hoje, despede-se de todos e declara que se vai embora.

— Ab...so...lu...tamente!... safo-me... ab...solu...tamente!... vou para casa do padre Missail... Mas... meu amiguinho, e se ela casar comigo contra minha vontade?...

— Não lhe dê cuidado, tiozinho, cá estou eu. E demais, digam o que disserem, responda sempre que foi sonho... o que é verdade, aliás.

— Es...tá... c...claro, sonhei!... Mas sempre te direi... meu a...mi...miguinho, que foi um sonho delicioso!... Que for...mosura! É um por...tento! E se... soubesses!... Com umas... formas!

— Pois então, até logo, tiozinho, vou indo lá para baixo... E o tio...

— Ora... essa!... Então para aqui me deixas?... exclama o príncipe, assustado.

— Não é isso, tiozinho, eu o que vou é indo adiante... não vamos juntos. Primeiro eu, depois, o tio. É melhor assim.

— Está... c...laro... melhor. E eu, demais a mais, tenho que tomar nota de um pensamento... capital.

— Pois é o que deve fazer, tio, vá assentando o seu pensamento, e depois, não se demore, apareça, e conte que, amanhã...

— Amanhã, de manhã, para casa do... arci...preste... sem fa...lta... casa... do ar...ci...ci... Magnífico! Mas olha que... ela é um por...tento de formosura! Que... formas! Se não houvesse outro remédio senão casar com ela... eu... então...

— Deus o livre de tal, querido tio!

— Está claro!... livre... Está dito! até já, meu amigo! Eu não tardo lá. É só tomar no...ta... A propósito... e... ago...ra me lembra que te queria perguntar... se... j...já tinhas lido as *memórias* de Casanova?

— Já, tiozinho... Mas por quê?

— Está... c...claro — Por quê? — Mas... deixa lá... já me não lembro do que é que te queria dizer.

— Depois se lembrará, tiozinho, até logo.

— Até logo, amiguinho, até logo... — Mas que foi uma... delícia... o tal sonho... lá isso foi!

XII

— Viemos vê-la todas, todas! A Prakovia Ilinicha não tarda por aí! A Luisa Karbovna também queria vir, pipila a Ana Nikolaievna dando entrada na sala e a inspecionar tudo em redor com uns olhos de bisbilhoteira.

É uma mulherzinha, bonitinha, veste com riqueza, mas com umas cores espalhafatosas, e com presunção na sua boniteza. Fareja-lhe que o príncipe deve de estar alapardado num cantinho qualquer e mais a Zina.

— E a Katerina Petrovna também não deixa de aparecer, acrescenta Natália Omstrieвна, mulherão com proporções de colosso à qual tem reduzido o peso os jejuns e dando ares de um granadeiro.

Traz um chapelinho, minúsculo, cor de rosa, pespegado na nuca. Ela, vai em três semanas, é a mais íntima amiga da Ana Nikolaievna, de quem ela anda atrás, há muito tempo, e a quem se pudesse nem a pele lhe deixava.

— O alegrão que ambas me deram em vir passar a noite comigo, nem há palavras que o possam exprimir, cantarola Maria Alexandrovna, um tanto refeita já da instantânea surpresa. Mas não me dirão a que feliz acaso devo o prazer?... Nem contava, já, com semelhante honra!

— Valha-me Deus! Maria Alexandrovna, não seja má! diz muito açucarada a Natália Dmitrievna, com voz de pipia, e trejeitos, toda ela — o que estabelecia curiosíssimo contraste com o seu exterior.

— Mas minha querida, pipila Ana Nikolaievna, precisamos concluir os arranjos do tal teatro. Ainda hoje o Petre Mikailovitch disse ao Kalist Stanislavitch que está contrariadíssimo por não terem corrido bem as coisas, e porque andássemos a jogar as cristas. E como sucedesse ajuntarmo-nos todas quatro, dissemos conosco: "E se nós fossemos ter com a Maria Alexandrovna a ver se levamos a cabo este negócio?" A Natália Dmitrievna passa palavra às outras, e caem aqui todas. Deste modo poderíamos chegar a um acordo e as coisas entravam no seu curso regular. É para que não digam que apenas sabemos andar à unhada, pois não é assim, meu anjo? acrescentou dando um beijo a Maria Alexandrovna.

Valha-me Deus! Zinaida Afanassievna, está cada dia mais linda!

Ana Nikolaievna atira-se à Zina e prega-lhe um beijo.

— Mas se a menina não tem outra coisa que fazer a não ser o ir embelezando dia a dia, afirma com afetada amabilidade Natália Dmitrievna a esfregar as mãos.

— Demônios as levem! E eu que nem sequer já me lembrava do tal teatro! Sim, senhor, estas pegas tem apurado a malícia! murmura Maria Alexandrovna fula de raiva.

— E tanto mais, meu anjinho, acrescenta Maria Nikolaievna, que o nosso querido príncipe se acha hospedado em sua casa. Bem sabe que não há *pomietok* de Dukhanova, de pais a filhos, que não tenha tido um teatro. Tomamos informações e viemos a apurar que existe algures um armazém atulhado de cenário velho, e um pano, e fatos, até. O príncipe esteve hoje em minha casa, mas se quer que lhe diga, fiquei tão assarapantada com a visita, que de todo me esqueceu tocar-lhe em semelhante coisa. Agora, contudo, tencionamos conversar com ele a esse respeito; há de ajudar-nos, e o príncipe não deixará de dar as suas ordens para que nos remetam toda essa cangalhada. Pois a quem havíamos de encomendar por aqui coisa que se pareça com uma vista de teatro? E daí, queremos que o príncipe em pessoa participe da nossa empresa. É necessário levá-lo a subscrever: é para os pobres. Quem sabe se ele se não encarregará, até, de qualquer papel; é tão condescendente, tão dado! Correria tudo às mil maravilhas.

— Pois já se vê, que aceita um papel! Tanto mais que nada há mais fácil do que induzi-lo a desempenhar seja que papel for, acrescenta significativamente Natália Dmitrievna.

Ana Nikolaievna não tinha enganado Maria Alexandrovna. Vão chegando de instante para instante senhoras. Maria Alexandrovna quase que nem tem tempo de se levantar para recebê-las e de proferir as exclamações da praxe em semelhantes casos, exigidas pelas conveniências.

Não me afoitarei a descrever uma por uma as visitantes. Direi apenas que cada uma delas desfecha insidiosa olhadela para a dona da casa. Todas elas denunciando na fisionomia ávida impaciência. Entre as nobres damas, mais de uma, até, concorria ali na expectativa de presenciar a qualquer escandalozinho extraordinário: ficariam desconsoladíssimas se se não desse o dito escândalo. Exteriormente, desfaziam-se em amabilidades, Maria Alexandrovna porém estava armada para a luta. Choviam perguntas a respeito do príncipe, naturalíssimas todas elas, na aparência, mas por detrás de todas lá estava uma alusão.

Serve-se o chá. Sentam-se todas à mesa. Apodera-se do piano um grupo, Zina, ao convite de tocar ou de cantar, responde, muito seca, que se acha

incomodada. A palidez do rosto abona-lhe aliás a veracidade. Segue-se um tiroteio de perguntas simpáticas, e isso mesmo dá motivo para uma alusão.

Indagam notícias à cerca de Mozgliakov, é à Zina que são dirigidas. Maria Alexandrovna não tem mãos de medir: acha-se presente a um tempo em cada canto da sala, ouve tudo que dizem as visitantes, suposto sejam mais de dez. Responde a quanta pergunta lhe dirigem sem ter necessidade de remexer as algibeiras à procura de palavras. Está toda ela a tremer com o sentido na Zina, e muito admirada por esta não sair da sala, conforme é seu costume em tais ocasiões. Notam também a presença de Afanassi Matveich. Por via de regra fazem escárnio dele para melindrarem Maria Alexandrovna na pessoa do marido. Hoje, porém, tudo é quererem sacar as palavras do bucho ao tão singelo e franco Afanassi Matveich. Maria Alexandrovna, inquieta, não tira os olhos do marido, colocado em estado de sítio.

Ele, responde a todas as perguntas: Hum! com uns modos tão entalados e pouco naturais que é de uma pessoa se derramar.

— Maria Alexandrovna, não há quem saque uma palavra a Afanassi Matveich! exclama uma caçapa de uma dama com uns olhos vivos e uns ares de intrepidez, como quem não tem medo seja de quem for, e se não atrapalha com coisa nenhuma. Veja se lhe diz que seja mais delicado com as senhoras.

— Ainda estou para saber o que é que ele terá hoje, responde Maria Alexandrovna, toda ela sorrisos e interrompendo a sua palestra com a Ana Nikolaievna e com a Natália Dmitrievna. Não está nada expansivo; aqui estou eu que ainda não fui capaz de lhe ouvir uma palavra. Por que é que não respondes à Felissata Mikhailovna, Atanásio? — Que foi que lhe perguntou, Felissata Mikhailovna?

— Mas... mas... minha mãezinha... tu não me recomend... enceta Afanassi Matveich assarapantado, desnorteado.

Neste ensejo, está especado ao pé do fogão aceso, com o dedo polegar enfiado no bolso do colete, em atitude pinturesca e a chuchurrebiar o seu chazinho.

Atrapalham-no as perguntas das senhoras, põe-se corado qual cândida donzela. Porém, ainda bem não encetara a própria justificação, eis que topa com uns olhos tão irritados da consorte furibunda que fica petrificado de terror. Sem saber o que há de fazer e desejoso de remediar a asneira, e reconquistar a estima de Maria Alexandrovna, engole um golo de chá, mas o chá está a ferver, Afanassi Matveich escalda-se, engasga-se, toma-se de um frouxo de tosse, e pisga-se da sala para o quarto, deixando banzada toda a assembleia. Perceberam tudo, e Maria Alexandrovna nem põe em dúvida o estarem

cabalmente informadas as suas visitas, e o haverem-se congregado em sua casa com intuito malévol.

É perigosa a situação. Podem muito bem obrigá-lo a descoser-se, enredá-lo na própria presença da mulher. São capazes, até, de carregar com o príncipe e de o malquistar com Maria Alexandrovna... Em suma, cumpre contar com o pior.

A sorte reserva à nossa heroína ainda outra prova. Abre-se a porta, e dá entrada o Mozgliakov, a quem ela supunha em casa de Borodoniev. A previdente senhora estremece como se o que quer que fosse lhe houvera trespassado o coração. Mozgliakov para nos umbrais da porta, um tanto intimidado, e põe-se a examinar a assembleia. Não consegue dominar o sobressalto a ler-se-lhe no semblante.

— Ai, meu Deus! Pavel Alexandrovitch! exclamam diversas vozes.

— Ai, meu Deus! Mas é o Pavel Alexandrovitch!

— E a senhora a dizer-nos, Maria Alexandrovna, que ele a estas horas devia estar em casa do Borodoniev?

E a dizerem que estava escondido, Pavel Alexandrovitch, lá em casa do Borodoniev, ladra Natália Dmitrievna.

— Escondido? repete Mozgliakov com sorriso contrafeito. É um tanto esquisita a expressão! Queira perdoar, Natália Dmitrievna, eu não me escondo nem tenho motivos para me esconder seja de quem for, acrescenta vibrando significativo olhar a Maria Alexandrovna.

Estremece Maria Alexandrovna.

— "Ora esta! querem ver que se insurge também este bonifrate? diz consigo, a examinar Mozgliakov. Não faltava mais nada!"

— Será verdade. Pavel Alexandrovitch, que está reformado... das suas funções?
— arrisca a atrevida da Felissata Mikhailovna, a olhar para ele, irônica.

— Reformado? Reformado de quê?

Fui apenas transferido; tenho o meu lugar lá em Petersburgo, responde com segura Mozgliakov.

— Ainda bem! E desde já o felicito; continua a Felissata Mikhailovna. Tivemos um susto por sua causa, quando nos disseram que andava a ver se arranjava um

lugar em Mordassov. Que, lugares, por aqui, são pouco estáveis. Pavel Alexandrovitch, de um dia para o outro apanha-se uma demissão.

— A não ser que se trate de um lugar de *utchitel*, para aí em qualquer escola comunal... Esses têm férias... observa a Natália Dmitrievna.

É tão transparente a alusão, tão grosseira, que à própria Ana Nikolaievna assoma-lhe o rubor às faces e pega às cotoveladas à peste da amiga.

— Persuadem-se então que Pavel Alexandrovitch seria homem para marchar nas piugadas de um reles *utchitel*? insiste a Felissata Mikhailovna.

Pavel Alexandrovitch, sem saber o que há de dizer, volta costas e dá de rosto com Afanassi Matveich de mão estendida para ele. Mozgliakov, alvar, não aceita a mão do conselheiro e faz-lhe rasgada contumélia, com pretensões a irônica. Acerca-se da Zina e, mirando-a a fito, socina-lhe:

— É a culpada de tudo isto... mas espere, e ainda esta noite, verá se eu sou, ou não sou um asno!

— Esperar, eu? — Como se já se não estivesse vendo o suficiente! retruca a Zina muito de rijo, a medir com uns olhos desdenhosos o recém-rejeitado.

Mozgliakov precipita a retirada, espavorido pela expansão vocal da donzela.

— Vem de casa do Borodoniev? resolve-se por fim a perguntar Maria Alexandrovna.

— Não; venho de estar com meu tio.

— Com seu tio? — Esteve com o príncipe?

— Ai meu Deus! Com que então o príncipe já está acordado? E a dizer-nos que estava ainda recolhido, acode Natália Dmitrievna a enterrar pelo chão abaixo Maria Alexandrovna com uns olhos em que transluz ódio e triunfo.

— Não lhe dê cuidado o príncipe, Natália Dmitrievna, replica o Mozgliakov; está acordado, e, graças a Deus, recuperou as suas faculdades. Tinha bebido uns copitos a mais, ontem, em sua casa, e acabaram aqui de o toldar de todo; de modo que se lhe tinha varrido completamente o tino. Bem sabe, que está um tanto fraco de cabeça. Agora, contudo, eu e ele tivemos uma conversa, e está com o juízo no seu lugar. Não tarda por aí, meia hora, Maria Alexandrovna, para lhe dizer adeus, e lhe dar os agradecimentos pela sua franca hospitalidade. Logo de madrugada vamos até à Charneca, tenciono acompanhá-lo até Dukhanovo, a ver se lhe evito para aí algum tombo, como aquele que hoje apanhou. Voltará a

colocar-se ao abrigo do broquel da Stepanida Matveiévna, que a estas horas já deve ter regressado de Moscou, e lhe não tornará a consentir o expor-se outra vez aos riscos de uma jornada, isso lhe asseguro eu!

E o Mozgliakov, maligno, a examinar Maria Alexandrovna, embatucada e estupefata.

(Pesa-me o ter de confessar que, pela primeira vez na sua vida, sente medo a nossa heroína).

— Retira-se amanhã! Mas então... como assim? indaga de Maria Alexandrovna a Natália Dmitrievna.

— Como assim? repete Ana Alexandrovna, pasmada.

— Como assim? efetivamente, ecoam outras vozes. E nós a julgarmos que... É extraordinário, na verdade.

A dona da casa nem atina sequer com o que há de dizer. Eis que, de súbito, é atraída a geral atenção por um episódio da mais extraordinária excentricidade. Ouve-se, na saleta contigua, um alarido de vozes, de exclamações, e rompe por ali dentro a Sofia Petrovna Karpukhina.

A Sofia Petrovna é sem discussão possível a mulher mais original em toda Mordassov; é original a ponto que tiveram que a excluir da sociedade. E cumpre advertir que ela, regularmente, às sete horas, despacha a sua merenda, e que depois de a despachar fica sempre numa disposição de espírito... mais que muito emancipada... para não irmos mais longe. E é nesse estado, exatamente, que ela efetua em casa de Maria Alexandrovna tão inesperada aparição.

— E esta! Com a senhora é sempre assim, Maria Alexandrovna! berra ela estrugindo a tudo: isto será modo de proceder para comigo?!... Não se assuste, vim aqui de corrida, nem me sento, sequer. Vim de propósito para saber se é verdade aquilo que me disseram. A senhora a dar bailes, banquetes e neste meio tempo, a Sofia Petrovna para ali a um canto, em casa, a concertar as meias! A senhora a ajuntar em sua casa a cidade em peso, menos a mim! Comigo, dantes, tudo era: minha amiguinha, meu anjo,— quando lhe conveio saber o enredo que a Natália Dmitrievna a seu respeito e do príncipe andava a tecer, e vai senão quando, a Natália Dmitrievna, de quem a senhora — hoje mesmo — como ela aliás diz da senhora — disse cobras e lagartos — está para aí amesendada na sua *soirée*! Não se assuste, Natália Dmitrievna, passo muito bem sem o tal seu chocolate de dois kopeks cada pau. Eu, quando me apetece beber seja o que for, lá em minha casa não falta, graças a Deus; tomara a senhora!

— Bem se vê! observa a Natália Dmitrievna.

— Ora vamos, Sofia Petrovna, exclama Maria Alexandrovna, afogueada de despeito, que é que tem? Sossegue!

— Não lhe dê cuidado a minha pessoa, Maria Alexandrovna, estou ciente de tudo, de tudo! guincha com a voz de pipia a Sofia Petrovna, à qual fazem cerco as visitantes, que não cabem em si de contentes com o escandalozinho. Estou informada de tudo e foi lá a sua Nastassia quem m'o pespegou, tim-tim por tim-tim! A senhora pregou uma camoeca ao tal príncipe e tanto apertou com ele, até que lhe pediu em casamento a sua filha — que já nem tem quem a queira! E a senhora a ver-se já toda emproada, a julgar-se uma duquesa, com manto e tudo. — Pfu-u! Não cuide que me mete medo! Tenho visto muitas duquesas e aqui onde me vê sou coronela! Ah! A senhora então nem sequer me convidou para a boda! — Cá por mim, escarro-lhe em cima! — Tenho muito com quem me dar, tomara a senhora. O ponto está que eu queira! Vá ouvindo: Ontem jantei eu com a princesa Zalikhvatskaia, e por sinal que até o comissário principal, o Kuropchkine, me pediu em casamento. Estou-me ninando para o tal seu *salsifrê*.

Pfu-u! Arreda!

— Escute, Sofia Petrovna, responde Maria Alexandrovna fora de si, fique sabendo que assim ninguém se atreve a pôr pé numa casa decente;... e nesse seu estado, de mais a mais!... Se me não favorece desde já com a sua ausência... obriga-me a apelar para...

— Bem sei, chama os criados para me porem no olho da rua? Não lhe dê cuidado, sei muito bem o caminho. Adeusinho! Case lá a sua filha com quem muito bem quiser. E a senhora, Natália Dmitrievna, escusa de se rir à minha custa: eu cá, ao tal seu chocolate, só se lhe cuspir dentro! Ela convidava-me lá! Isso sim! Não, que lá em minha casa não há quem dance o *kazatchok* diante de príncipes! E lá a senhora, também, Ana Nikolaievna, de que é que se está a rir? O seu Suchilov partiu ainda agora uma perna: e lá o levaram em charola para casa — há de lhe fazer falta, já se vê! Pfu-u! E a senhora, Felissata Mikhailovna, se não avisa aquele calcanhar rachado do seu Matvehka que, se torna a consentir que a sua vaca esteja todo o santo dia aos berros debaixo da minha janela, parto-lhe as pernas, ao tal seu Matevchka! Adeusinho, Maria Alexandrovna! A bom entendedor, o resto já se sabe! Saúde!

Pfu-u!

Some-se a Sofia Petrovna. Desata toda a gente à gargalhada. Maria Alexandrovna ficou entupida de todo.

— Estou em dizer que beberia a sua pinga, diz a Natália Dmitrievna, muito de mansinho.

— Se já se viu semelhante desaforo;

— Abominável criatura!

— Se quer ao menos fartamo-nos de rir!

— Que chorrilho de inconveniências!

— É ela abrir a boca! — Passa fora!

— Mas que queria ela dizer com as tais bodas? indaga em ar de mofa a Felissata Mikhailovna.

— É temível! exclama Maria Alexandrovna. E são uns monstros deste calibre que andam para aí a desacreditar a toda a gente, com a estúpida linguarice! E sabe o que lhe digo, Felissata Mikhailovna, é que me não admira, que umas fúfias assim sejam recebidas na nossa sociedade, quando, o que é ainda mais para admirar, há gente que a elas recorra, que lhe dê ouvidos, e que lhes dê crédito... cambada!...

— O príncipe! O príncipe! gritam à uma.

— Valha-me Deus! O príncipe!

— Graças a Deus! Até que enfim vamos ficar sabendo a verdade.

XIII

Entra o príncipe, dilatados, os lábios por aquele seu meigo sorriso. A inquietação insuflada pelo Mozgliakov naquele descuidado coração desaparece de todo, ao dar com os olhos nas damas: derrete-se desde logo que nem um rebuçado. — Ele, em geral, entretém muitíssimo o belo sexo. A Felissata Mikhailovna afirmava, até, esta manhã, por brincadeira, já se vê, que estava pronta a sentar-se-lhe nos joelhos, se ele quisesse, pois era "um encanto de um ginjinha, um encanto nunca visto, até." E Maria Alexandrovna sem tirar dele os olhos, a estudá-lo, tentando prever-lhe no semblante o desfecho de tão crítica situação. É evidente haver o Mozgliakov comprometido gravemente o negócio e o estar um tanto vacilante a empresa. E não obstante nada se pode ler no rosto do príncipe... está, como sempre, insípido e encantador.

— Ai, meu Deus! Até que aí vem o príncipe! E nós todos à sua espera! exclamam diversas damas.

— Com impaciência, príncipe, com impaciência, pipilam as restantes.

— Li...son...son...jeia-me... sum...ma...mente, diz o príncipe sentando-se à mesa defronte do samovar a ferver.

As damas atrigam-se em fazer-lhe cerco. A Ana Nikolaievna e a Natália Dmitrievna são as únicas que se deixam ficar ao pé de Maria Alexandrovna. Afanassi Matveich sorri, respeitossíssimo. Mozgliakov sorri também a olhar com uns ares de provocação para a Zina a qual, sem fazer caso dele, se acerca do pai e se senta ao lado deste numa poltrona.

Ah! príncipe — sempre é verdade que se retira? indaga a Felissata Mikhailovna.

— Está c...claro... minhas senhoras, retiro-me; vou... im...me...diata.. mente para o estrangeiro.

— Para o estrangeiro, príncipe!

— Para o estrangeiro! clama toda a gente em coro. Que ideia!

— Pa...ra o est...est...rangeiro, afirma o príncipe, a tomar atitudes, e n...não sabem? — eu se vou é... é... por causa das tais... ideias novas.

— Como assim? As ideias novas?

— De que é que se trata? perguntam as damas a olhar umas para as outras.

— Está... c...laro!... As ideias novas! insiste o príncipe com uns modos de íntima convicção; vai lá toda a gente, agora, por causa das ideias novas, e eu se vou é... com... o sentido também de me sa...turar.

— É capaz de estar com o sentido em ir filiar-se por lá em alguma loja maçônica? intervém o Mozgliakov desejoso de fazer brilhar o seu espírito na presença das damas.

— Está... c...claro, meu amigo, não te enganas. Eu, em tempos, pertenci, efetivamente, a uma loja maçônica. Animavam-me, até, umas ideias, muitíssimo generosas... Propunha-me a fazer muita coisa... em... em favor da... in...instrução... mo...moderna. Queria dar carta... de... al...fo...forria ao meu Si...do...dor, mas safou-se antes de tempo, com grande es...panto da minha parte. Que lemb...rança tão ra...tona! Depois, um dia, encontrei-o cara...a...cara... lá em Paris, vestido como um dândi, com umas suíças... a

passar pelo bou...levar... com uma "*menina*". Acenou-me com a cabeça... e mais nada. E a tal *menina*, que levava p...pelo braço tinha uns ares tão agai...atados... tão ape...titosa.

— O tiozinho, então, desta vez, em se apanhando em Paris, dá a liberdade aos servos todos, sem exceção?

— Está... c...claro... adivinhaste-me o pensamento, meu c...caro. É tal qual... quero dar liberdade a to...dos eles.

— Ora vamos, príncipe, safam-se-lhe todos de casa, e depois, quem é que lhe paga o dizimo? exclama a Felissata Mikhailovna.

— Pois já se vê, que se safam, acode, inquieta, Ana Nikolaievna.

— Ai, meu Deus! Que me diz? Então parece-lhe que o façam?

— Safam-se, safam-se, pudera não... Tão certo! E o senhor, depois, vê-se sozinho, confirma a Natália Dmitrievna.

— Ai! meu Deus! Visto isso... então n...não lhes dou... al...for...ria! E daí, eu dizia isto... por dizer.

— Antes assim, tiozinho.

Maria Alexandrovna, até agora, tem estado calada a observar. Parece-lhe que o príncipe se esqueceu dela, totalmente, e não acha isso natural.

— Príncipe, enceta elevando a voz e com dignidade, peço-lhe licença para lhe apresentar Afanassi Matveich, meu marido. Veio expressamente do cantinho da sua aldeia, assim que soube que o príncipe se achava hospedado em minha casa.

Afanassi, todo ele sorrisos e a fazer papo. Afigura-se-lhe que acabam de lhe endereçar um cumprimento.

— Ah! Fol...go im...menso... Afa...anassi Matveich. Dê me licença... está-me a parecer que... me lembro... do que quer que seja... Afana...assi Matvei...tch? Ah! sim! sim! Aquele que estava no campo?... Encantado! encantado! Quanto esti...imo... Meu amigo, exclama o príncipe dirigindo-se a Mozgliakov... mas foi ele que... que... como se entende, então?... O marido lá por fora... e a mulher... em... Sim, sim, lá numa cidade... e a mulher...

— Ah! príncipe... isso pelos modos há de ser: o *Marido lá por fora*, e a mulher *em Tvor*, o tal vaudeville, que uma companhia ambulante representou lá em casa o ano passado?

— Está c...claro, em *Tvor*, e... eu... sempre a esque...quecer-me! Encantado, encantado! Com que, então, é o senhor? Quanto estimo conhecê-lo! diz o príncipe sem se erguer da cadeira, de mão estendida para Afanassi Matveich. E então, como vai?

— Hum!...

— Está ótimo, ótimo! acode Maria Alexandrovna.

— Está... c...claro... bem se vê... Com que, então, vive sempre no campo? Pois, senhor, estimo muito. — Mas que bochechas tão coradas que ele tem! E não faz senão rir!...

Afanassi Matveich sorri e faz-lhe a sua vênia, a arrastar o pé pelo sobrado. E contudo, assim que ouve a última observação do príncipe, não se pode suste e desata uma gargalhada alvar. E imita-o toda a gente. As damas soltam guinchos de alegria. A Zina, corrida, ruboriza-se e vibra uns olhos coruscantes a Maria Alexandrovna, que se está comendo de raiva. É tempo de desviar a conversação.

— Dormiu bem, meu príncipe? indaga com voz tranquila, intimando ao mesmo tempo, com uma olhadela vivaz, Afanassi Matveich a que volte quanto antes para o seu lugar.

— Dormi o...ti...mamente... E, não sabem, tive um so...onho delicioso, deli...cio...so!

— Um sonho! Gosto tanto de que me contem sonhos! exclama a Felissata Mikhailovna.

— Também eu! acrescenta a Natália Dmitrievna.

— Um so...nho... delicioso... repete o príncipe com meigo sorriso; mas é segredo o tal sonho.

— Como assim, príncipe? Nem sequer se pode contar? observa Maria Alexandrovna.

— Um grande segredo! repete o príncipe.

Recrudesce a curiosidade.

— Mas, então, deve de ser interessante, interessantíssimo, exclamam de todos os lados.

— Não se me dava de apostar que o príncipe, no tal seu sonho, estava de joelhos aos pés de alguma beldade a fazer-lhe a sua declaração de amor! exclama a Felissata Mikhailovna. Ora vamos, príncipe, confesse! Confesse!... então, meu rico príncipezinho da minha alma!

— Confesse, príncipe, confesse! exclamam por todos os lados.

E o príncipe deliciado, a escutar aquela gralhada. Lisonjeia-o a suposição, e lambe-se todo, até.

— Conquanto seja um grande segredo, não tenho remédio senão confessar que ma... madame, com grande espanto da minha parte, por pouco o não adivinha de todo.

— Adivinhei! exclama com arrebatamento Felissata Mikhailovna. E então, príncipe, é preciso dizer-nos quem é essa tal beleza!

— Tem obrigação de o dizer!

— Achar-se-á aqui?

— Diga, diga, meu rico príncipezinho!

— Príncipe... meu amorzinho! Diga! Morra depois, mas diga!

— Mi...nhas... senhoras! Minhas se...senho...ras, se insistem em absoluto por que lho diga, apenas lhes po...derei desvendar uma coisa: era a mais sedutora, a mais virtuosa menina, de quantas... tenho conhecido em minha vi...vida!

— A mais sedutora... de quantas aqui estão? Quem será? indagam entre si as damas a trocarem sinais de conivência.

— Com toda a certeza que deve de ser aquela que disputa a fama de ser a primeira beldade de Mordassov, prorrompe a Natália Petrovna a bater as palmas com aquelas manámulas cor de lagosta e sem tirar os olhos de cima da Zina.

E toda a gente com os olhos pregados na Zina.

— Mas como é, então, que o príncipe, com uns sonhos assim, não se casa por uma vez? indaga a Felissata Mikhailovna.

— Soubéssemos-lo nós, e que noivazinha lhe não teríamos arranjado! afirma, dali, outra dama.

— Case-se! case-se, principezinho da minha alma — pipila uma terceira.

— Case! case-se! — guincham por todos os lados. Por que é que não há de casar?

— Está... c...claro... por que é que eu me... n...não hei de casar? acode o príncipe, atrapalhado.

— Tiozinho! exclama o Mozgliakov.

— Está... c...claro, meu amigo, já te percebi. O que eu queria dizer-lhes, minhas senhoras, é que me não posso casar. Concluída esta deliciosa *soirée*, em casa da nossa amabilíssima hospeda, amanhã tenciono ir até a charneca, e dali, para o Es...trangeiro, quero ir estudar a ins...tru...ção euro...ro...peia.

A Zina está enfiada e vibra à mãe uns olhos rancorosos. Maria Alexandrovna, contudo, assentou numa resolução. Até agora, estava à espera, a apalpar o terreno, suposto lhe parecesse achar-se suficientemente comprometido o negócio e haverem-se-lhe antecipado seus inimigos. Percebe tudo, finalmente, e, de um golpe, quer acabar com aquela hidra das cem cabeças. Ergue-se, majestática, acerca-se da mesa a passo firme e com soberbo olhar enterra pelo chão abaixo aqueles pigmeus que a rodeiam. Reluz-lhe nos olhos o fogo da inspiração. Vai aniquilar aquela súcia de coscovilheiras peçonhentas, esmagar aquele sevandija do Mozgliakov como quem esmaga uma barata, e com um golpe decisivo, reconquistar de todo a influência que perdeu sobre a pessoa daquele idiota daquele príncipe. Claro está que para isso há mister de apelar para um atrevimento extraordinário, mas não será isso que escasseie a Maria Alexandrovna.

— Minhas senhoras, enceta com modo solene (Maria Alexandrovna nutre paixão pela solenidade), minhas senhoras, tenho estado a ouvir calada as suas gracinhas e acho que já vai sendo tempo de que eu, pela minha vez, lhes dirija algumas. Bem sabem que nos achamos aqui juntas, unicamente por mero acaso. Estimo isso muito... Nunca me haveria resolvido a tornar público um tão importante negócio de família antes de o exigirem os ditames do mais estrito decoro. E acima de tudo, pedirei perdão ao nosso distintíssimo hóspede. Mas quer me parecer que é ele o próprio quem, mediante remotíssimas alusões a semelhante circunstância, me sugere o pensamento de que a formal declaração deste segredo lhe será grata, mas que ela lhe inspira apreensões. Não é verdade, meu príncipe, que me não enganei?

— Está claro... não se enganou... e estimo muito... muito... diz o príncipe sem perceber palavra daquilo de que se está tratando.

Maria Alexandrovna, no intuito de melhor dispor o seu lance, toma o fôlego e põe-se a examinar todo o auditório, todos à uma a escutá-la com ávida e inquieta curiosidade. O Mozgliakov, todo ele a tremer, a Zina, muito afogueada, levanta-se... Afanassi Matveich, nestes assados, assoa-se.

— Sim, minhas senhoras, folgo imenso de as tornar participes deste segredo familiar. Hoje, depois de jantar, o príncipe, seduzido pela formosura de... pelas qualidades de minha filha... conferiu-lhe a honra de lhe pedir a mão. Príncipe, conclui ela com um tremor na voz, querido príncipe, não me deve querer mal por esta minha indiscrição. O auge do contentamento, eis o que consegui arrancar-me do coração, um tanto prematuramente, este segredo estremeado, e... qual será a mãe que m'o leve a mal? Nem encontro sequer palavras que descrever possam o efeito produzido pela inspirada saída de Maria Alexandrovna. Ficaram todos varados de espanto. As visitantes, que supunham assustar Maria Alexandrovna, deixando-lhe antever o estarem senhoras do seu segredo, matá-la com a divulgação do segredo, esfacelá-la com o poder único das alusões, ficam estupefatas perante uma tão denodada franqueza. Uma tal valentia era um sinal certo de bom êxito.

— Por conseguinte, é por sua própria vontade que o príncipe vai casar com minha filha Zina. Ninguém o enganou, ninguém o embriagou... E por tanto, não foi com esconderijos, à laia de ladrão, que o obrigaram a tomar estado! Maria Alexandrovna, nessa conformidade, não se arreceia seja de quem for, e não há ninguém que possa malograr este casamento.

Paira um burburinho que desde logo se transforma em jubiloso alarido. A Natália Dmitrievna arremete de braços abertos para Maria Alexandrovna, segue-lhe o exemplo a Ana Nikolaievna, e a Felissata Mikhailovna vem na traseira do rancho. Põem-se todos de pé, baralham-se. Das damas, algumas há que estão fulas de raiva. Pegam a dirigir parabéns à Zina, atrapalhada, e atiram-se, até, ao Afanassi Matveich. Maria Alexandrovna estende os braços com ênfase, e à viva força, quase, agarra-se à filha aos abraços a ela. Tão somente o príncipe, todo ele a rebulir, a considerar esta cena, de olhos espantados. E daí, agrada-lhe aquilo. Ao ver a filha nos braços da mãe, saca, até, do lenço e limpa o canto do olho onde bugalhou uma lágrima. Atiram-se a ele, também, para lhe dar os parabéns.

— Parabéns, príncipe, parabéns! guincham por todos os lados.

— Com que então é certo, sempre vai casar?

— Sempre se casa, efetivamente?

— Ora até que se casa, príncipezinho da minh'alma!

— Está... c...claro... está... c...claro! responde o príncipe, encantado de semelhante entusiasmo. Confesso-lhe que a sua simpatia me tocou o coração... Nunca me ha... de esquecer! Encan...tado! Encan...tado! Fizeram... me, até, vir as lágrimas aos olhos.

— Venha um beijo, príncipe! guincha mais que todas juntas a Felissata Mikhailovna.

— E confesso-lhe... prossegue o príncipe, que fiquei pasmado por ver que a nossa digní...ssima hós...peda, adivinhasse... com tanta pers...picácia, um sonho tão extraordi...nário, como se fosse ela... que o sonhou... tal qual — Es...panto...sa pers...picá...cia.

— Ora esta! E o príncipe ainda a insistir no tal sonho?

— Então, vamos, príncipe, confesse! clama o coro das damas a fazer-lhe cerco.

— Deixe lá, príncipe, é escusado estar com esconderijos, é tempo de patentear o seu coração, declara em tom categórico Maria Alexandrovna. Não me escapou a fina alegoria, a delicadeza cavalheiresca, que se revelam na forma discreta por que tornou público o seu pedido. Sim, minhas senhoras, é verdade, hoje ainda, o príncipe ajoelhou aos pés de minha filha, e de modo real e verdadeiro, que não em sonho, formulou solenemente o seu pedido.

— Quan...to... Há de mais real... e nas me...mesmas circunstâncias, apoiou o príncipe. Minha me...nina, prosseguiu com suma delicadeza dirigindo-se à Zina cada vez mais atrapalhada, juro-lhe que jamais me atreveria a proferir o seu n...ome, se acaso o não tivessem outros... mencion...ado antes. Foi um sonho de...licioso... uma... de...lícia de um... sonho! E folgo imenso... em ter ensejo... de o manifestar Um encanto!... Um encanto!

— Mas, como se entende isto? Ele insiste em se referir ao tal sonho! murmura a Ana Nikolaievna dirigindo-se a Maria Alexandrovna, inquieta e um tanto enfiada.

Mas, ai! O coração de Maria Alexandrovna está alanceado por tristíssimos pressentimentos.

— E então? murmuram as damas a olharem umas para as outras.

— Ora vamos, príncipe, profere Maria Alexandrovna com um sorriso amarelo, confesso-lhe que me deixou pasmada. — Admira-me que esteja a insistir nessa sorna do tal sonho! Eu até agora, estava na fé, de que fosse mero gracejo da sua parte... mas... se o é, há de convir, que se vai prolongando um tanto fora de propósito... Não posso nem devo admitir que seja outra coisa além de uma distração...

— Deve de ser por distração, efetivamente, assobia a Natália Dmitrievna.

— E...está... c...claro!... Di...distração! repete o príncipe sem perceber o que é que dele pretendem... Ora... ima...ginem, vou contar-lhes uma anedo...ta. Fui convidado pa...ra assistir a um enterro, em Petersburgo, numa casa burguesa, mas decente, e... e fiz confusão... supus que era para festejar o nas...cimento de uma criança, (o tal dia... nata...lício já lá... ia, havia mais de uma semana)... e fui comprar um lindo rama...lhete de camélias para a pessoa... fes...tejada. Entro... e que hei de eu ver? Um su...jeito mui...to digno, de uma certa idade, estendido em cima da mesa... Fiquei passado, sem saber onde me havia de meter e mais o meu ramo.

— Pois sim, príncipe, não se trata agora de anedotas! atalhou Maria Alexandrovna despeitadíssima. Minha filha, louvado Deus, não tem necessidade de andar à pesca de noivos, mas inda agora, o senhor, em pessoa, ali ao pé daquele piano, a pediu em casamento. Ninguém o obrigava... para mim própria foi uma surpresa... mas sou mãe, e ela, é minha filha... Acaba de referir-se a um sonho; sempre estive na fé de que fosse uma alusão aos seus esponsórios... Sei e mais que sei, que o viraram de dentro para fora — desconfio quem fosse — tal qual uma luva, mas... — queira explicar-se, príncipe, e queira fazê-lo quanto antes! Semelhantes gracejos não tem cabimento numa casa respeitável.

— E...está.. c...claro! Não são brin...cadeiras para... uma casa respeitável, concorda o príncipe... inconsciente, mas um tanto inquieto.

— Então, não me responde, príncipe! Já lhe pedi que quisesse explicar-se de modo peremptório: confirme, confirme, desde já, diante de toda a gente, o fato de haver pedido hoje minha filha em casamento.

— Es...tá... c...claro... estou pronto a confirmar... Tanto mais, que já lhes contei tudo, e Felissata Iako...kolevna adivinhou ca...balmente o meu sonho.

— Sonho! Qual sonho!? exclama rabiosa Maria Alexandrovna; não foi sonho. Foi realidade, príncipe, entendeu? Realidade e mais que realidade!

— Rea...li...dade... repete o príncipe erguendo-se da cadeira... Está-se dando... tudo aquilo de que... tu me preveniste, acrescenta dirigindo-se a Mozgliakov.

Afirmo-lhe, Maria Alexandrovna... que há equívoco da sua parte. Tenho toda a certeza em como foi sonho!

— Meu Deus! geme Maria Alexandrovna.

— Não se aflija, Maria Alexandrovna, intervém a Natália Dmitrievna; ao príncipe, varreu-se-lhe da memória... ele se lembrará.

— Isso nem parece seu, Natália Dmitrievna! responde furibunda Maria Alexandrovna. Isso são lá coisas que se esqueçam? Ora vamos, príncipe, deixemo-nos de facécias! Dar-se-á o caso de que esteja armando em Lovelace? Mas, tenha a certeza, sem falarmos em que é pouco próprio da sua idade, juro-lhe, que lhe não há de valer! Minha filha não é para aí qualquer viscondessa francesa! Não há ainda muito tempo, lhe estava ela a cantar uma romança e o senhor de joelhos a seus pés, a formular o seu pedido de casamento. — Serei eu que estou a sonhar? Fale, príncipe... Estarei a dormir, porventura?

— Es...tá c...claro!... e daí, talvez que não, responde o príncipe, desnortado de todo... Quero dizer... não creio... que estou a sonhar... pre...sente...mente. Mas... não vê a senhora... que eu, ainda agora, estava a sonhar... e depois vi... em sonhos, que eu, a sonhar...

— É preciso paciência, meu Deus!... Que quer dizer com isso? Em sonhos, que eu, a sonhar! Nem o próprio demônio era capaz de o perceber!... O príncipe estará a delirar?

— Está c...claro!... Nem o próprio demônio... E daí... eu é que não percebo uma pa...palavra, declara o príncipe a olhar para todos os lados, inquieto.

— Mas como é que o príncipe pode ainda acreditar que é sonho, depois de eu lhe ter contado os pormenores desse tal suposto sonho do qual o senhor não tinha dado parte a ninguém?

— Mas quem nos afirma que o não tivesse já contado a alguém, insinua neste ensejo a Natália Dmitrievna.

— Está... claro... a alguém, confirma o príncipe.

— Que comédia! murmura a Felissata Mikhailovna à vizinha.

— Ah! meu Deus! excede a humana paciência! vocifera Maria Alexandrovna, a estorcer as mãos, no auge do exaspero. Se ela até lhe estava a cantar uma romança; uma romança! Também a veria no tal sonho?

— Está... claro... efetivamente, uma romança, murmura, absorto, o príncipe.

De repente, vem ressuscitá-lo uma reminiscência.

— Meu amigo, exclama dirigindo-se a Mozgliakov, tinha-me esquecido dizer-te, ainda agora, que ela me tinha cantado uma romança... em que havia uns cas...telos... muitos... com um tro...vador... Está... claro... recordo-me... e por sinal... que até chorei... e agora nem sei já, se seria realidade ou se foi sonho.

— Tiozinho, responde o Mozgliakov com a máxima tranquilidade que pôde assumir (com quanto lhe trema a voz) não me parece lá muito grave a dificuldade. Na realidade, não direi que não tenha ouvido uma romança, canta tão bem a Zinaida Afanassievna! Acordar-lhe-ia reminiscência dos seus bons tempos de outrora, dos instantes ditosos, talvez que da tal viscondessa com quem o tio cantava também, algum dia, romanças e à qual se referiu esta manhã. E depois, a dormir, sonharia talvez que estava apaixonado e que tinha formulado o seu pedido de casamento.

Maria Alexandrovna fica atordoada com semelhante insolência.

— Ai! meu amigo! efetivamente! Há de ser isso! exclama o príncipe, contentíssimo. Sim, sim, a dor... dormir!... umas agrad...áveis sensações... Lembro-me da romança, e eu a querer casar... Um sonho! E também ali estava a viscondessa... Ah! como tu desen...vencilhaste bem tu...do isso... meu caro! Muito bem! É eu agora estou convencido: — era um sonho, Maria Vassilievna! Afirmo-lhe que está... equi...vocada: foi sonho!... eu... nunca seria capaz de estar gracejando... com a sua... respeita...bilidade.

— Ah! agora, agora estou vendo quem foi o autor de tudo isto! exclama fora de si Maria Alexandrovna com os olhos fitos em Mozgliakov. Foi o senhor, o senhor! homem sem dignidade! Foi o senhor! Enganou este pobre idiota para se vingar de ter apanhado um não pelas ventas! Mas tu m'as pagarás, miserável! Tu m'as pagarás, deixa estar!

— Maria Alexandrovna, vocifera por sua vez Mozgliakov, vermelho que nem uma lagosta cozida, são tão... as suas palavras... nem sei até que ponto as suas palavras... uma senhora da sociedade jamais se permitiria... Estou defendendo meu tio... e confesse que o querer seduzir de semelhante modo...

— Es...tá... c...claro — seduzir... seduzir... de semelhante... modo — mia o príncipe, que se ergueu da cadeira e tudo é querer esconder-se por detrás de Mozgliakov.

— Afanassi Matveich — despulmoa-se a berrar Maria Alexandrovna, não ouves que estão para aqui a desacreditar-me? Perderias tu o sentimento dos teus deveres, porventura? Não serás tu mais que um cepo? Para que estás tu para aí

a piscar os olhos? Outro qualquer no teu lugar tinha já lavado com sangue o ultraje que nos estão fazendo!

— Minha esposa! enceta com solenidade Afanassi Matveich, lisonjeado por ver que se lembram dele, minha esposa! não seria sonho, efetivamente? E depois, tu, ao acordar, ficares supondo que era verdadeiro...

Afanassi Matveich, nem tempo tem de concluir a sua espirituosa interpretação. As visitantes, até ali, contiveram-se mantendo uns modos de cortês hipocrisia, mas desta vez a risota foi geral.

Maria Alexandrovna, esquecendo de todo as conveniências, atira-se ao marido, para lhe arrancar os olhos, provavelmente; veem-se na necessidade de a segurar à força.

A Natália Dmitrievna aproveita a circunstância para entornar uma doze de alcatrão no lume.

— Ah! Maria Alexandrovna, quem nos diz que não foi sonho, efetivamente? emite em voz represada.

— Um sonho? Um sonho o quê? clama Maria Alexandrovna sem perceber.

— Então! Maria Alexandrovna, são coisas que acontecem.

— Acontece? Mas que é que acontece?

— Talvez que a senhora tenha visto tudo isso a sonhar!

— A sonhar! Eu? A sonhar! E atreve-se a dizer-m'o na cara!

— E daí, é possível, insiste a Felissata Mikhailovna.

— Está... c...claro!... é po...pos...possível, murmura por sua vez o príncipe.

— Pois também ele! Ele! Santo Deus! Maria Alexandrovna enclavinha as mãos.

— Não se desconsola, Maria Alexandrovna! Lembre-se de que os sonhos é Deus que os manda! Não há coisa nenhuma neste mundo que possa ir avante contra a sua santa vontade... nem é motivo para que se altere.

— Está... c...claro... não há motivo...

— Cuidam talvez que sou alguma doida? consegue apenas silvar Maria Alexandrovna esganada de raiva.

Encheu-lhe a medida às forças semelhante cena. Procura à pressa uma cadeira e deixa-se cair, exânime.

Segue-se uma algazarra.

— Acudiu a tempo o chilique!

Neste conflito, porém, eis que surge por entre a balburdia geral, a intervir, uma personagem muda até então, e se transforma desde logo a feição da cena.

XIV

Era sobremodo romanesco o caráter da Zinaida Afanassievna. Não sabemos se teria abusado da leitura daquele "pateta do tal Shakespeare", lá, com o tal seu *utchitelzinho*, mas até agora ainda não havia praticado um tão heróico ato de loucura como o que praticou neste conflito.

Enfiada, com os olhos a relampejarem-lhe de resoluto, toda ela num tremor, um portento de formosura e de cólera, avança, varre com a provocação nos olhos toda aquela gente em redor de si, e por entre o silêncio geral, dirige-se à mãe a qual, assim que a Zina se levantou, tornou a abrir os olhos.

— Para que é estar com fingimentos, mamã? É já tão sujo, tudo isto a que estamos assistindo! Basta de mentiras! Não vale a pena estar a tapar lama com a própria lama.

— Mas que é isto, Zina! Tu não estás em ti! exclama Maria Alexandrovna, erguendo-se de repelão.

— Eu bem a tinha avisado, mamã, de que não podia suportar semelhante vergonha! Não estejamos a sujar-nos mais do que o estamos já!... Assumirei a responsabilidade de tudo. Fui, eu, visto que consenti, que te ci toda esta vilíssima... intrigalha. A mamã estava na fé de que trabalhava com o sentido em me tornar feliz, sequer ao menos tem desculpa: eu, nenhuma!⁷

— Que vais tu dizer, Zina! Bem me dizia o coração que me estava ainda guardado mais este desgosto!

— É assim mesmo, mamã! Vou declarar tudo! Nem sei como não morri de vergonha... cobrimo-nos de opróbrio, tanto a mamã como eu...

— Estás exagerando, Zina! Nem sabes o que estás dizendo! Contar tudo, para quê?... Não há a mínima necessidade... Quem se cobriu de opróbrio não fomos nós, e vou prová-lo!

— Deixe-me falar! Não quero estar calada por mais tempo na presença de uma gente que desprezo e que vieram aqui única e exclusivamente para se rirem à nossa custa. Entre estas mulheres, sem exceção, não há uma única a quem assista o direito de me condenar! Todas elas estão prontas a fazer cem vezes pior do que fizemos, eu, e a mamã. Com que direito poderiam elas, com que direito se atreveriam a fazê-lo?

— Então! Já viram?

— Quem na ouve falar!...

— Mas está nos ofendendo!...

— E ela, sim, que será?

— Ela sabe lá o que está dizendo? remata a Natália Dmitrievna. Seja dito, entre parênteses, que a Natália Dmitrievna não deixava de ter razão. Se a Zina considerava aquelas damas indignas de julgar à mãe e a si, por que era então que se ia confessar na sua presença? Em suma, a Zina tinha procedido com excessiva precipitação. E mais tarde, era esta, até, a opinião das pessoas mais sensatas em Mordassov. Tudo se poderia haver conciliado. É certo que Maria Alexandrovna, pela sua parte, se havia prejudicado pela sua precipitação e sua altivez. Ter-lhe-ia bastado meter a ridículo o idiotazito do ginja e pô-lo a andar. A Zina, contudo, de caso pensado e como que para arrostar com o bom senso e a sisudez mordassovense, dirigiu-se ao príncipe.

— Príncipe, diz a Zina ao velho que desde logo se põe de pé com deferência, a tal ponto o impressionou a fisionomia da Zina, queira perdoar-nos, mas saiba que o enganamos!

— Não te calarás por uma vez! desgraçada! vocifera Maria Alexandrovna.

— Minha — menina,— minha... menina... minha... en...en...cantadora... murmura o príncipe, pasmado.

O caráter soberbo, fogoso e místico da Zina leva-a a transpor quaisquer limites. Esquece-se dos transe por que estará passando a mãe ante esta pública confissão; só vê a salvação, a redenção na franqueza, e vai até ao fim.

— Enganamo-lo, sim, uma e outra, príncipe; a mamã resolvendo-me a aceitar a sua mão, e eu em consentir. Embriagamo-nos, eu, pus-me a cantar e a fazer trejeitos na sua presença com sentido em o saquear, conforme se expressou há pouco Pavel Alexandrovitch, para lhe roubar a sua fortuna e o seu título. Era ignóbil! E peço-lhe perdão! E contudo, juro-lhe, príncipe... que a minha intenção... O que eu queria era... mas é duplicar a injúria o estar a procurar

desculpas. E todavia, declaro-lhe, príncipe, que se eu tivera casado com o senhor, se eu o houvesse saqueado e roubado, em compensação, haver-me-ia tornado o seu brinquedo, a sua criada, sua escrava... A mim própria m'o havia prometido, e cumpriria o meu juramento...

Veio interrompê-la um delíquio, as visitantes estão de pé, todas elas, com os olhos esgazeados. A tão imprevista quanto incompreensível expansão (para elas) da Zina desorientou-as. O príncipe, tão somente, tem os olhos arrasados de lágrimas, de comovido, suposto não perceba metade sequer do que ela tem dito.

— Mas... es...tá... claro... que hei de casar com a menina... com a minha... l...linda menina, visto que tanto o...o deseja. E isso para mim re...representa... até, subida hon...ra... Mas, não deixarei... de insistir em que foi sonho!... Vejo tan...ta coisa, a so...sonhar! Por que é que se hão de estar a inquietar? Eu não percebi coisa nenhuma, meu amigo, prossegue dirigindo-se a Mozgliakov; explica-m'o, se fazes favor!

— E o senhor, Pavel Alexandrovitch, que se vingou de mim de modo tão cruel, como é que pôde combinar-se com semelhante gente para me esfacelar desacreditando-me? Alegava amar-me!... Mas para que estarei eu para aqui a pregar-lhe moral!... Sou mais culpada que o senhor, ofendi-o; também para com o senhor me vali de hipocrisia, de mentira! Nunca lhe tive amor, e se eu um dia me resolvesse a desposá-lo, seria unicamente para me ver livre desta maldita cidade... Mas declaro-lhe, que se tal houvesse sucedido, teria em mim uma esposa fiel e carinhosa.

— Zinaida Afanassiévna!

— E se ainda me conserva rancor...

— Zinaida Afanassiévna!!

— Se é que, algum dia, prossegue a Zina a rebalsar as lágrimas, se é que algum dia me teve amor...

— Zinaida Afanassievna!!!

— Zina! Zina! Minha filha!

— Sou um miserável, Zinaida Afanassievna, um miserável, e nada mais!...

Produz-se um reboliço estupendo, uma vozearia de espanto, de indignação, de atroar a tudo. Mozgliakov ficou que nem que fora de pedra, incapaz de pensar, de falar.

Sempre que um caráter fraco e oco, afeito a constante submissão, se decide a insurgir-se, para sempre perante um certo limite. A princípio, a insurreição manifesta-se com suma energia, é a energia do desespero, contudo; arremete contra os obstáculos, de olhos vendados, e assume sempre fardos pesados demais para os seus ombros. Chega um momento em que o desatinado se assusta de si mesmo, estaca, como que atordoado, e diz consigo: "Mas que estou eu fazendo?" E distende-se o arco, pede perdão o insurreto, súplica, implora que as coisas "voltem a estar como estavam", contanto que isso se efetue quanto antes... Foi o que se deu com o nosso Mozgliakov. Aflitíssimo com o desastre de que fora autor, a si próprio se abomina, despedaça-o o remorso, as últimas palavras da Zina aniquilaram-no de todo. O passar de um extremo a outro extremo representa para si obra de momentos.

— Sou um jumento, Zinaida Afanassievna! Um jumento, nem mais nem menos! Ou ainda pior! Mas hei de provar-lhe, Zinaida Afanassievna, que hei de saber tornar-me um homem de bem!... Saiba que o enganei— tiozinho! Fui eu, fui eu que o enganei! — O tio não estava a sonhar, e pediu efetivamente a mão de Zinaida Afanassievna! Quando lhe disse que fora sonho, enganei-o de meio a meio...

— Mas que coisas tão espantosas que estão vindo a lume! assobia a Natália Dmitrievna.

— Es...tá... c...claro... um sonho... responde o príncipe... Mas sossega, por favor! Assustaste-me... pa...pa...lavra de honra! E que bela voz que tu tens! Estou pronto a ca...sar, se fo...for... necessário... Mas tu foste o pró...prio a af...firmar-me que... que foi sonho!

— E como é que eu agora o hei de despersuadir? Que hei de eu fazer? tiozinho, considere em que se trata de um negócio muito sério, de família!

— Está... c...claro... Pen...sarei. Espera aí! Deixa ver se me vou recordando... por p...partes... Pri...meiramente, o Fió...filo, o meu cocheiro.

— Não se trata agora do Fiófilo, querido tio!

— Está... claro!... Não se trata... já se vê... que era de Napoleão... E depois, tomamos chá... Apareceu uma se...senhora... e comeu-nos o açúcar... todo...

— Não é nada disso, tiozinho, destampa para ali o Mozgliakov, fora de si, quem lhe contou essa história foi a Maria Alexandrovna, a respeito da Natália Dmitrievna! Eu estava ali, escondido, atrás da porta; ouvi tudo!

— Ora esta, Maria Alexandrovna! agarra no ar a Natália Dmitrievna, com que então foi pespegar ao príncipe que eu lhe tinha furtado o açúcar? Eu, então, venho a sua casa para furtar açúcar!

— Passa fora! mal encontra forças para emitir Maria Alexandrovna.

— Não, lá isso, tenha paciência, Maria Alexandrovna, não lhe assiste o direito de se negar a responder. Eu, então, furtei-lhe o açúcar? Estou farta de saber que não faz senão cortar-me na pele, há muito tempo!... Sou eu, então quem lhe furto o açúcar!...

— Mas... mi...minha senhora... isso de açúcar... era sonho... o tal sonho...

— Dorna de uma figa! resmunga entre dentes Maria Alexandrovna.

— Eu lhe direi quem é a dorna! ulula a Natália Dmitrievna. E a senhora, que será então? Há muito tempo que me pôs essa linda alcunha! Mas, sequer ao menos, tenho um marido, enquanto a senhora se contenta com um cepo.

... Es...tá... claro... Tam...bém me lembro da Dorna...

— Ah! ele é isso?... Também veio meter a sua colherada? — Atrave-se a injuriar uma senhora fidalga?! Com que, então, sou uma dorna; olha quem fala, que nem sequer tem pernas!

— Es...tá... c...claro... Sem pernas...

... Como foi... que disse?

— Pois está sabido — nem pernas — nem dentes — Ora apanha!

— E um olho, só!... acrescenta Maria Alexandrovna.

— Um espartilho a suprir as costelas!

— Com a cara de molas, toda ela!

— E nem um pelo nessa careca!

— O próprio bigode, é postiço, pateta das dúzias, agrava Maria Alexandrovna.

— Res...peitem — o meu na...nariz... sequer ao menos! É verdadei...ro! exclama, o príncipe banzado de todo. — Fos...te... tu que me de...nunciaste, meu amigo!

Para que foste contar que o meu— cabelo era — po...postiço?

— Tiozinho!

— Não, meu amigo, já aqui não posso ficar... leva-me para qu...alquer parte... Que gente!

Para onde tu me trouxeste!... Valha-me Deus!

— Idiota! vocifera Maria Alexandrovna.

— Ai! meu Deus! suspira o coitado do príncipe. Já nem sei porque seria que aqui vim parar— mas vou ver se me lembro. — Leva-me daqui para fora — mano! Faziam-me em bo...bocadinhos! — E depois, é urgente que eu vá anotar um... uma ideia... ca...capital.

— Venha daí, querido tio, ainda estamos a tempo. Vem comigo aí para um hotel, qualquer, e não me aparto do tio...

— Mas... está... claro, com o senhor...

Adeus minha lin...da menina!

... A menina... e só a menina é a única... que é virtuosa. É uma.. nobi...lís...sima donzela!

Vamos lá... meu caro...

Ai! meu Deus!

Não me abalançarei a descrever o epílogo da tão desagradável cena, que se seguiu à retirada do príncipe. Os visitantes foram-se safando num berreiro de estrugir a tudo. Maria Alexandrovna ficou sozinha, em meio daquele seu desastre. Já é infelicidade! Poderio, riqueza, glória, foi-se tudo no espaço de um dia! Percebia e mais que percebia que nunca mais levantaria cabeça! A tirania por ela exercida durante tão longo prazo sobre Mordassov estava aniquilada de todo. Que lhe restava? Não era filósofa, Maria Alexandrovna. Passou uma noite pavorosa. Desacreditada a Zina, um nunca acabar de linguarice! *Hórror, hórror, hórror!* Na minha qualidade de historiógrafo sincero, cumpre-me mencionar que Afanassi Matveich esteve a tiritar toda a santa noite no cubículo, às escuras, onde se fora alapardar para conservação dos seus olhos.

O dia imediato não amanheceu fagueiro: isto de desgraças vem sempre aos pares.

XV

Desde as oito horas da manhã que corria pela cidade um boato inacreditável. Repetia-o cada qual com maligno contentamento, conforme é da praxe sempre que se trata de algum escândalo do qual foi vítima qualquer pessoa de amizade.

- Perder àquele ponto a vergonha!
- Rebaixar-se daquela maneira!
- Arrostar assim com todas as conveniências!
- Que costumes!

Eis o que sucedera:

Logo de manhãzinha, aí pelas sete horas, salvo erro, entrava em casa de Maria Alexandrovna uma pobre velhita, aflitíssima, a suplicar da aia que fosse quanto antes acordar a *barichina*, mas esta, tão somente, às escondidas de Maria Alexandrovna. A Zina, assustada, acudira desde logo. Cai-lhe de joelhos aos pés a velhota, aos beijos a eles, a inundar-lhos de lágrimas, a exorar-lhe que venha ver o Vassia.

— Passou tão mal a noite! Supõe-se até que não chega ao outro dia! Acrescenta a velha que foi o próprio Vassia quem manifestou desejos de tornar a ver a sua amada,⁸ antes de morrer; e suplica-lhe em nome do passado, e que, se ela se negar, morrerá no auge do desespero!

A Zina despede por ali fora, sem dizer nada à mãe. Vai de corrida até o extremo de um dos arrabaldes mais pobres de Mordassov. Ali, numa baiúca muito velha e escalavrada, à qual suprem as janelas umas como que rachas abertas nas paredes, num cochicholo muito baixo de teto e fedorento, meio atravancado com uma fornalha, jazia, em cima de uma camada de taboas, cobertas com uma enxerga, delgada que nem uma folha de papel, um moço, escondido debaixo de um capote todo ele farrapos. Tinha lívido e refogado o semblante, os olhos, a luzir com o fogo da febre, as mãos, secas e transparentes. Quase que nem respirar podia; era o estertor. Conquanto o houvesse desfigurado a doença, conservava traços de formosura. Triste espetáculo, na verdade, aquele rosto de tísico, do moribundo. A idosa mãe que, ainda ontem, acreditava na cura percebe finalmente que vai em breve ficar sozinha neste mundo. Com os braços cruzados, olhos secos, para ali está, sem compreender, sem poder desviar a vista de cima do enfermo, aniquilada, perseguida pela visão da cova, na terra fria do velho cemitério atascado de neve.

Não olha para ela o Vassia, irradia-lhe no semblante a ventura: até que por fim vê aquela a quem, vai num ano, durante aquelas suas eternas noites de doente apenas viu em sonhos. Percebe que ela lhe perdoou, visto que veio, visto que lhe aperta as mãos, visto que o contempla com aqueles seus lindos olhos, a chorar e a rir ao mesmo tempo. Ressuscita de todo na alma do enfermo o passado: desperta-lhe dentro d'alma a vida como se quisera tornar-lhe sensível a que ponto é triste o ter que a deixar.

— Zina! Zinotchka! Não chores... não me estejas a lembrar que vou morrer... deixa-me contemplar-te, pensar que me perdoaste. Vou morrer sem pensar que morro, até, beijando-te as mãos... Estás tão magrinha, Zinotchka! Anjo querido, a bondade com que tu estás a olhar para mim! Lembras-te do gosto com que te rias, dantes? Ai! Zina! Eu já nem sequer te peço perdão!... Nem quero lembrar-me do que aconteceu... eu é que m'o não perdo, a mim próprio... E quanta noite sem poder dormir, Zina! Quanta noite não levei eu a pensar, a recordar-me, a estalar, quase, com saudades!... É melhor que eu morra! Sou incapaz de viver, Zinotchka!

E a Zina, lavada em lágrimas, muda, a apertar nas suas as mãos do seu amado, como se quisera arrancá-lo à morte.

— Então, não chores! insistia o enfermo. Eu morrerei hoje, porventura? Se há tanto tempo que está morta a felicidade! És mais inteligente e vales mais do que eu... bem sabes que valho menos do que tu, por que será que me tens amor? Bem sabes que te não mereço! Oh! quanto me não tem feito padecer semelhante pensamento! Ah! querido amor, foi um sonho a minha vida: não vivi, sonhei! E eu a desprezar a multidão: e que razões tinha eu para ser tão soberbo? A pureza do meu coração? A nobreza dos meus sentimentos? Mas se tudo isso tinha apenas a consistência dos meus sonhos, nada mais, Zina!

— Basta! basta! Matas-me!

— Não me interrompas, Zina!... Perdoaste-me, bem sei: e há já muito tempo, talvez, mas avaliaste-me e compreendeste o que eu era, e é isso que me atormenta. Sou indigno do teu amor, Zina! Foste sempre leal e generosa; foste ter com tua mãe e declaraste-lhe o teu firme desejo de casar comigo, ou com mais ninguém: e cumpriste a palavra dada, pois que para ti, palavra e ação são uma e a mesma coisa! Ao passo que eu... eu! Não sabes, eu até hoje não tinha compreendido, sequer, a extensão toda do sacrifício que fazias em ser minha mulher. E lembrar-me eu de que tu, comigo, te arriscavas a morrer de fome! Mas se a mim parecia-me que nada há neste mundo que se compare à honra de ser esposa de um grande poeta... sem nome... é certo! Não quis entender o motivo que alegavas para retardar o nosso casamento. Tu a padecereres por minha causa, eu a martirizar-te, a exprobrar-te, a desprezar-te... até que por fim

te ameacei com aquela carta... Eu, nesse instante, nem sequer cheguei a ser um miserável, mas sim um ente abjeto, e nada mais! Ah! nem quero pensar até onde iria o teu desprezo! Não, não! É bom que eu morra! Obrigado por não haveres querido pertencer-me! Iriam correndo os anos, e quem sabe se eu afinal não viria a ver em ti um tropeço ao meu porvir. Sim, antes assim! E agora, o amargor das minhas lágrimas, sequer ao menos, purificou este meu coração. Ah! Zina! Concede-me um quinhão no teu amor, tão somente, no teu amor de algum dia! — Nesta hora derradeira, sequer ao menos! Sou indigno do teu amor, bem o sei! mas... mas... mas... ai meu anjo!

E a Zina, desfeita em pranto, a escutar. Tentava interrompê-lo, ele porém, ia prosseguindo... súplice, a gesticular, e aquela sua voz débil... abafada e sibilante... fazia mal à Zina...

— Não me tiveras tu encontrado, e não me terias amado, e não morrias... disse a Zina. Ah! Oxalá nunca nos tivéssemos encontrado!

— Não, meu amor, não! Não te estejas arguindo da minha morte! A culpa foi minha, e só minha! O amor próprio... o romantismo!... Nunca te contaram, Zina, a minha estúpida história? Existiu aqui, há três anos, um prisioneiro, um miserável, um ladrão. Mas no dia em que chegou o castigo, faltou-lhe o ânimo. Sabendo que não levam a justicar um enfermo, alcançou uma garrafa de vinho, deitou-lhe de infusão tabaco e engoliu-o. Tomaram-no uns vômitos que duraram tanto que principiou a escarrar sangue e deu cabo dos pulmões. Levaram-no para o hospital e, dali a dias, morreu tísico. Pois bem! Ocorreu-me à memória esse ladrão, no dia em que se deu aquele caso da carta... E resolvi acabar comigo da mesma maneira. E por que foi que eu, de propósito, escolhi a tísica? Por que foi que me não enforquei ou me não deitei a afogar? Seria porque me assustasse uma morte tão abrupta? Talvez; mas a mim quer-me parecer que concorreriam, e não pouco, para isso, as minhas ideias romanescas. Não me largava este pensamento: Que morte tão bela não será a minha, estirado como agora o estou, numa cama, com o estertor da tísica!... E tu, ao pé de mim, a lamentar-me, e a padecer com a ideia de que eras talvez a causa da minha doença! E eu a ver-te entrar por ali dentro, arrependida, ajoelhar à beira do meu leito... E eu a perdoar-te e a expirar nos teus braços!... Toleima, Zina, pois não era?

— Esquece-te de tudo isso, nem me tornes a falar das tuas culpas, que tu estás a exagerar; lembremo-nos dos momentos ditosos, dos dias de ventura.

— Não m'o perdoo, meu amor, e é por isso que falo a semelhante respeito. Há já dezoito meses que te não via. Queria aliviar este meu coração! Durante esse tempo todo, eu para aqui, sozinho, e não houve um só instante, em que eu não pensasse em ti, meu amor. O que não desejaria eu fazer para reconquistar a tua

estima? Até ao derradeiro instante não acreditei que morria; não me entreguei à cama desde logo, andei a pé, por muito tempo, com o peito escangalhado. E que sonhos tão ridículos! às vezes supunha ser um grande poeta e em vésperas de publicar um poema como ainda não tinha aparecido outro igual neste mundo, que ninguém tivera gênio para o escrever. E eu a pensar que me iriam nele todos os meus sentimentos, a minha alma, toda inteira, e que, deste modo, me acharia sempre a teu lado, e que qualquer que fosse o sítio em que te encontrasses, os meus versos ir-te-iam recordar a minha existência, e o meu sonho único era acreditar que tu em conclusão poderias dizer: "Não, ele afinal não é tão mau como eu o supunha". Toleima, Zina, toleima, pois não é?

— Não, não, Vassia, exclamava a Zina.

E debruçada sobre o peito dele, pôs-se-lhe aos beijos às mãos.

— E o ciúme! Como me atormentava o ciúme durante esse tempo, todo! Eu, se tivesse ouvido falar no teu casamento, caía morto, redondamente!... E eu a vigiar-te, a espreitar-te... Era ela quem lá ia (apontando para a mãe). Tu nunca tiveste amor ao Mozgliakov, pois não é verdade? Ai! meu anjo! Lembrar-te-ás tu de mim quando eu já não for deste mundo? Lembras, sim, que eu bem sei! Mas os anos hão de ir passando, arrefecer-te-á esse teu coração, o inverno ir-te-á tomando posse da alma, e olvidar-me-ás, Zina!...

— Não, não, nunca! E nunca me hei de casar, tem a certeza!... Foste o meu primeiro amor e serás o derradeiro.

— Tudo morre, Zinotchka, tudo, até a própria recordação, até os mais nobres sentimentos. Dão lugar a um certo raciocínio: frio, que acalma as saudades. Insurgirmo-nos, para quê? Trata de aproveitar a vida, ama, sê feliz. Ama um vivo! Para que serve o teu amor a um morto? — E contudo, não me esqueças de todo! Tivemos horas atribuladas, é certo, mas quantos dias de tanta doçura? Ah! — Foram-se de uma vez para sempre!... Escuta... amei sempre o pôr do sol... Oh! não!... morrer, por quê?... Ah! viver, viver! Lembra-te da primavera! Do sol! Tão lindo! Das flores! Vivemos por uns tempos numa festa! E agora, olha! Olha!

E o pobre enfermo a apontar com a mão diáfana o vidro empanado pela geada. Depois agarrou-se às mãos da Zina e entrou a chorar com amargor. E os soluços a esfacelarem-lhe o já dilacerado peito.

E assim se passou todo o dia: A Zina a dizer-lhe que jamais o olvidaria, que a ninguém neste mundo viria a dedicar amor igual àquele que a ele lhe dedicara. E ele a acreditá-la, a sorrir-lhe, a beijar-lhe as mãos.

Neste meio tempo, Maria Alexandrovna, inquieta, havia já mandado por mais de dez vezes indagar o que seria feito da Zina, a suplicar-lhe que voltasse para casa, que não acabasse de se desacreditar na pública opinião. Até que por fim, ao lusco fusco, resolveu-se, esparvoada de receio, a ir, em pessoa, em procura da filha. Exorou-lhe de joelhos; a Zina a ouvi-la sem a entender. Maria Alexandrovna saiu desesperada. A Zina estava decidida a passar a noite junto do moribundo. Não lhe largou da cabeceira. O estado do enfermo ia piorando a olhos vistos: quando rompeu a madrugada, quase que nem conservava sopro de vida. E não obstante, viveu ainda um dia inteiro. Porém, no momento em que o sol no ocaso abrasava as vidraças, exalou-se a alma com os últimos raios.

Deu-se então horrível cena. A idosa mãe abraçou-se com o corpo do filho, e, voltada para a Zina:

— Foste tu que o deitaste a perder, maldita! clamou.

A Zina, porém, não ouvia coisa nenhuma; estava para ali, qual estátua insensível, como se, a ela, a alma a tivera deixado também. Até que por fim, abaixou-se, fez sobre o defunto o sinal da cruz, beijou-o na testa, e saiu do quarto.

Tão tremendas sensações, e aquelas duas noites de vela, quase que a haviam enlouquecido de todo... e depois, sentia-se prestes a entrar em um novo viver, triste, ameaçador.

Não teria ainda andado dois passos, eis lhe surge na frente o Mozgliakov como se com ele se abrisse o chão.

— Zinaida Afanassievna, disse com timidez, rodando a vista para todos os lados, Zinaida Afanassievna, sou um jumento; isto é, não é isto que... Se me dá licença, não serei um jumento, visto que procedi briosamente, apesar de todos os pesares... Mas lá que fui um jumento, fui... e estou mais que arrependido... Está-me a parecer que estou a meter os pés pelas mãos, Zinaida Afanassievna. Perdoe-me, atendendo a este concurso de circunstâncias...

E a Zinaida, inconsciente, a olhar para ele, e a seguir seu caminho, sem tugar. Como no passeio não houvesse lugar para dois, Mozgliakov desceu para a calçada.

— Zinaida Afanassievna — prosseguiu o mancebo, se m'o consente, estou pronto a renovar o meu pedido, pronto a esquecer tudo, a perdoar-lhe — com uma condição: — Ficaré tudo sendo segredo por enquanto. Ausenta-se desta terra o mais breve possível, eu sigo atrás, às escondidas, casamos para aí seja onde for, sem que ninguém dê por isso, e vamos para Petersburgo. E então!

Que me diz? Consente, Zinaida Afanassievna? Responda, depressa, por quem é! Não posso esperar; poderíamos ser vistos.

A Zina não respondeu: olhou para o Mozgliakov, tão somente, mas fê-lo, porém, de modo tal, que ele compreendeu desde logo, cumprimentou-a e sumiu-se por detrás da primeira esquina.

"Ora esta! matutava; ela, ainda não haverá dois dias, a lançar em rosto a si própria as culpas todas, e agora!..."

Neste comenos, em Mordassov, precipitavam-se os acontecimentos.

O príncipe, acarretado pelo Mozgliakov para o hotel, naquela mesma noite caiu perigosamente enfermo. Os Mordassovenses só vieram a ser informados do caso ao romper do dia. Kalist Stanislavitch não largava a cabeceira do doente. Ao anoitecer, efetuou-se uma conferência dos médicos todos de Mordassov. Os convites para comparencia eram redigidos em latim. E não obstante, a despeito do latim, o príncipe achava-se em estado de delírio, e tudo era pedir ao Kalist Stanislavitch que lhe cantasse uma certa romança, a falar a respeito de chinó e bigode postiço e, de vez em vez, muito assustado, soltava uns berros. Concluíram os médicos que era uma inflamação do estômago, resultante do excesso de hospitalidade mordassovense, e que dali tinha passado à cabeça. Alegaram, também, não sei com que fundamentos, um tal qual abalo nervoso. E daí, não se esqueceram de notar que o príncipe havia muito que manifestava predisposições para a morte e que, por conseguinte... está claro! — e que por conseguinte, morria. Esta última hipótese pareceu ter certo fundamento: o pobre do ginjinha expirou ao terceiro dia, aí pelo anoitecer. Óbito a tal ponto inesperado consternou Mordassov. Acudiram em chusmas ao hotel, discutiam, abanavam a cabeça, e concluíram acusando diretamente "os assassinos do príncipe, coitado!" (aludindo assim a Maria Alexandrovna e à filha).

Concordava toda a gente em que tão escandalosa história não deixaria de dar brado, e podia, até, "ir muito longe".

Mozgliakov nem sabia já que fazer à sua vida. A situação, efetivamente, antolhava-se perigosa. Não fora ele quem acarretara com o príncipe para casa de Maria Alexandrovna? Não fora ele também que carregara com ele para o hotel? Não sabia o que havia de fazer com o cadáver, onde o enterrar, a quem informar. E de mais a mais, como passava por ser sobrinho do príncipe, o seu medo todo era não se lembrassem de o acusar de ter morto o venerável ancião.

Eis que de repente mudam as cenas. Uma bela manhã, chega à cidade um viajante, desconhecido. E Mordassov, em peso, pespegado à janela, a comentar o adventício.

— O tal viajante era nem mais nem menos que o célebre príncipe Chtchepilov, parente do defunto, sujeito de seus trinta e cinco anos, usando dragonas de coronel e as agulhetas de ajudante de ordens. Aquela grã-cruz compenetrava de um respeitoso pavor a todos os *tchinovicks* do lugar. O prefeito de polícia por pouco não endoidece.

Em breve se veio a saber que o príncipe vinha de S. Petersburgo e já havia passado por Dukhanovo. Não encontrando ali ninguém, viera seguindo as piugadas do príncipe até Mordassov, onde o surpreendera a fatal notícia. Tomou desde logo a tudo sobre si, e Mozgliakov retirou-se muito encolhido em presença do lidimo sobrinho.

O ilustre defunto foi trasladado para o mosteiro. Ao outro dia, a cidade em peso congregou-se a ouvir a missa funerária. Entre as senhoras, corria que Maria Alexandrovna compareceria em pessoa na igreja, para pedir perdão alto e bom som perante o caixão, em conformidade com as exigências da lei. Escusado será dizer que tal Maria Alexandrovna não apareceu.

Fora para o campo e levava a Zina, parecendo-lhe insustentável a situação na cidade. Lá da sua aldeia, ia recolhendo com inquietação as atoardas e mandava tomar informações.

Do mosteiro a Dukhanovo, o caminho passava a uma versta das janelas de Maria Alexandrovna. Teve pois ocasião de ver desfilar o préstito fúnebre. Atrás do féretro seguia uma longa cauda de trens. E por largo espaço, naquele campo branco de neve, foi perfilando aquele seu vulto negro, lento e majestoso, o carro melancólico.

Dali a oito dias, Maria Alexandrovna, com a filha e Afanassi Matveich, transferiu-se para Moscou. A aldeia e a casa foram postas em leilão.

E assim perdeu para sempre Mordassov uma senhora, *o mais come il faut* possível!

O caso não escapou a comentários; nem faltou quem afirmasse que o Afanassi Matveich se achava também à venda juntamente com a aldeia...

Rodou um ano, outro ainda, e ninguém tornou a falar em Maria Alexandrovna.

E contudo, correu que havia adquirido outra aldeia em outro governo, e que outra capital de distrito não tardaria em tremer entre as suas potentíssimas mãos. A Zina estaria ainda à espera de noivo.

O Afanassi Matveich...

Mas não nos tornemos eco de boatos sem fundamento. É falso tudo isso.

Já lá vão três anos desde que eu escrevi as linhas que acabais de ler. Quem me diria que ainda havia de vir a folhear o manuscrito para lhe acrescentar ainda mais uma lauda?

Mas vamos ao fato:

Principiarei por Pavel Alexandrovitch Mozgliakov.

Ao ausentar-se de Mordassov, foi direitinho a Petersburgo, onde alcançou o lugar que lhe andava prometido havia muito tempo. Não tardou em se lhe franquearem as portas da sociedade, enfronhou-se numas intrigas, guindou-se às alturas de espírito do século, tornou a apaixonar-se, renovou o seu pedido, voltou a apanhar um não pelas ventas, engoliu-o, e não podendo digeri-lo, solicitou o ser incorporado a uma expedição enviada a um dos cantos mais remotos deste nosso país sem limites.

O corpo expedicionário transpôs sem novidade de maior florestas e desertos, alcançando a capital da longínqua região.

Foi acolhido pelo general-governador.

Era um homem magro e de semblante severo, um velho militar, ferido em diversas campanhas, condecorado com dois crachás e com uma cruz branca. Convidou a todos os *tchinovniks* para um baile efetuado aquela mesma noite.

Pavel Alexandrovitch estava encantado. Envergara a sua casaca petersburguense, com a qual contava para produzir imenso efeito, e deu entrada nas salas nobres com modo desassombrado. Não tardou porém a perder o aprumo em presença de tanta dragona de cachos e de tanta farda enfeitada de comendas. Cumpria-lhe ir fazer a sua vênia à esposa do governador, nova, diziam, e formosíssima. Aproxima-se, muito senhor de si,— mas — de súbito,— escancara a boca, e fica pregado ao chão, de assombrado. Com um suntuoso vestido de baile, surge-lhe na frente a Zina, feraz, soberba, linda, e resplandecente de joias, toda ela. Nem conheceu o Pavel Alexandrovitch, os seus olhos nem se detiveram sequer no semblante de mancebo. Mozgliakov recuou e foi perder-se entre a turba-multa, e soube da boca de um juvenil *tchinovnick* coisas interessantíssimas.

Soube que o governador era casado ia já em dois anos, desde uma viagem que fizera a Moscou. Desposara uma jovem muito rica, de ótima família. A generala era muito soberba e só dançava com generais, (havia nove no baile). A generala

tem em sua companhia a mãe, senhora inteligentíssima da mais alta aristocracia, mas que se submete à vontade da filha. E daí, o general extasia-se também diante desta. Mozgliakov referia-se ao Afanassi Matveich, mas naquela região remota ninguém dava notícia dele.

Um tanto restabelecido daquele seu sobressalto, Mozgliakov deu uma volta pelas salas e lobrigou Maria Alexandrovna, vestida com singeleza e, muito animada, a falar com uma personagem graúda. Faziam-lhe cerco várias senhoras que lhe solicitavam a boa sombra. Maria Alexandrovna era amável com toda a gente.

Mozgliakov arriscou-se e foi-se-lhe apresentar. Maria Alexandrovna teve assim a modos de um estremeção, mas sopitou-se, ato-contínuo. Dignou-se reconhecê-lo e pediu-lhe novas dos seus amigos de Petersburgo. A respeito de Mordassov, nem palavra e foi como se tal coisa não existisse, em conclusão, proferiu o nome de um qualquer príncipe estranho ao Mozgliakov, voltou-lhe as costas sem afetação, dirigindo-se a uma personagem graúda de cabelo grisalho e aromatizado, e dali a instantes, dir-se-ia haver-se esquecido de todo de Pavel Alexandrovitch, que ficou para ali com cara de tolo, diante dela. Mozgliakov, engatilhando um sorriso sarcástico, e de chapéu na mão, regressou para a sala nobre. Não sei dizer o motivo, mas considerava-se ofendido e não se prestou a dançar. Nunca mais lhe desampararam o semblante quer uns ares tristes e de distração quer um mefistofélico sorriso! Recovado em pinturesca atitude a uma coluna, (parecia que de propósito, tinha colunas o salão), e toda a santa noite, horas a seguir, para ali se deixou estar no mesmo posto, a seguir com os olhos a Zina. Tempo perdido, infelizmente! Todas aquelas artimanhas, aqueles trejeitos todos, aqueles ares românticos e de nímia decepção... etc... etc... nada lhe valeu... A Zina nem sequer deu fé da sua presença. Até que por fim, estafado, exasperado, com os pés dormentes em resultado da imobilidade, faminto, pois não tinha ceado a fim de melhor sustentar o seu papel de amante dolorido, recolheu para sua casa, derreado, abatido. E esteve a pé horas esquecidas, a matutar no passado... Logo no dia imediato, pediu transferência e alcançou uma missão que o reconduziu a Petersburgo. Voltou a serenidade a entrar-lhe na alma assim que voltou costas à cidade. Lá ao longe, o espaço, o infinito, o deserto, a denegrada neve das florestas nos confins do horizonte. Ao som das patas dos cavalos a chofrarem, e a acompanharem o retinir e o tilintar das campainhas. Pavel Alexandrovitch esteve pensativo, por instantes, mas depois, adormeceu muito sossegado da sua vida.

Acordou na terceira muda, fresco, bem disposto, e a pensar noutra coisa.

BIOGRAFIA

Fiódor Mikhailovitch Dostoievski nasceu em 1821, e faleceu no ano de 1881. Romancista russo. Seus primeiros trabalhos, especialmente *Povo Pobre* (1846), deram nova feição ao tema do sofrimento humano em meio à pobreza urbana, descrito inicialmente por Gogol. Em 1849, sua participação em um grupo intelectual de idéias radicais levou-o ao exílio numa colônia penal na Sibéria (1849—1859). Neste período passou por grandes dificuldades físicas e emocionais, além de ataques de epilepsia. A partir desta experiência surgiu o pungente *Recordações da Casa dos Mortos* (1862). A obra da maturidade caracteriza-se pela obsessão pela morbidez, a tendência para ver os seres humanos como bonecos, um cruel senso de humor e, ao mesmo tempo, uma tormentosa consciência dos mais profundos problemas religiosos, metafísicos e morais.

Em termos técnicos, seus romances revelam extraordinária qualidade dramática, alcançada através de longos diálogos e suspense, além de mestria nas cenas de confrontação. *Memórias de um Subterrâneo* (1864) é um registro sobre a desintegração da personalidade. *Crime e Castigo* (1866) explora o problema das prerrogativas as morais de um indivíduo incomum e constitui, também, um exercício brilhante de crime e suspense. Em *O Idiota* (1868), Dostoievski criou seu mais enigmático herói, o alienado e enfermo príncipe Myshkin, cercado por uma galeria de vilões e vagabundos e de santas e pecadoras. *Os Demônios* (também publicado como *Os Possuídos*, 1871—1872) é a mais cruel de suas obras, uma ridicularização feroz do pensamento positivista, da conspiração do socialismo e das idéias progressistas. Com *Os Irmãos Karomozov* (1879—1880), sua insuperável habilidade em descrever as possibilidades humanas atinge o apogeu.

Fonte:

Nova Enciclopédia Ilustrada FOLHA. Volume I. Publifolha. São Paulo, 1996.